



Universidade de Brasília (UnB)
Instituto de Artes - IDA
Departamento de Artes Cênicas - CEN

Edenilson Carlos Ferreira Soares

Solos Negros (2023-2024):

reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em Artes Cênicas antirracista
e decolonial na Universidade de Brasília

Brasília

2025

Edenilson Carlos Ferreira Soares

Solos Negros (2023-2024):

reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em artes cênicas antirracista e decolonial na Universidade de Brasília

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas e Instituto de Artes da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientadora: Prof. Dr^a. Franciane *Kanzelumuka* Salgado de Paula

Brasília

2025

Edenilson Carlos Ferreira Soares

Solos Negros (2023-2024):

reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em artes cênicas antirracista e decolonial na Universidade de Brasília

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas e Instituto de Artes da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Cênicas.

Data da aprovação: 15/12/2025

Profa. Dra. Franciane *Kanzelumuka* Salgado de Paula (Orientadora)
Departamento de Artes Cênicas - UnB

Profa. Dra. Fabiana Marroni Della Giustina
Membro interno
Departamento de Artes Cênicas - UnB

Prof. Dra. Jennifer Jacomini de Jesus
Membro interno
Departamento de Artes Cênicas - UnB

DEDICATÓRIA

Então quando estou triste, eles me fazem sentir inspirado.

**Antônia Vicente Pereira Santana
Ana Paula de Souza Cruz
Danieu Alves
Wesley Durães**

AGRADECIMENTOS

Agradeço aqui a todas as pessoas que nunca deixaram de acreditar em mim, mesmo quando eu já não acreditava: a Deus e meus guias, a minha mãe Francisca Ferreira Soares que, mesmo não entendendo a importância dos estudos, de se letrar, ainda sim me apoiou e me apoia e sempre fez o melhor que pode para que eu esteja onde eu consegui chegar; as políticas de assistência estudantil que me motivaram a não desistir, mesmo com todas as dificuldades estruturais que um jovem negro periférico enfrenta para finalizar a graduação em um ambiente elitizado, como a formação em Artes Cênicas na UnB.

A minha irmã, Denise, que sempre esteve comigo e sempre esteve realizada com minhas realizações; a minha tia Tôinha por toda a sua vida; as minhas primas Elaine, Raissa e meu primo Ronald. A minha tia Cleume e meu tio Milton que me acolheram como sobrinho, filho e a todos os ensinamentos vindo deles. As minhas primas Maria Gabriela e Camilla Pedrosa que com suas trajetórias me fizeram ver nelas um espelho de que sim, a educação dá futuro, que a educação abre os olhos e que o esforço no final sempre vale a pena quando se faz com amor e dedicação.

A meus mestres no estudo das Artes Cênicas: Fabiana Marroni que com seu olhar sensível me mostrou as belezas dos estudos das Artes Cênicas para a comunidade; Simone Reis, que, com sua empatia me mostrou o tamanho da minha potencialidade e como acreditar nisso, e Jackson Tea, que agora entendendo o sentido de “Eu sou porque somos”, entendo o quanto nós pessoas negras e as pessoas indígenas somos.

A minha prima Ana Paula, carinhosamente chamada de Paulinha, que com sua conformidade com a vida me mostrou o quanto viver e estar com quem a gente ama nos motiva e nos faz feliz: eu te amo para sempre Paulinha, você sempre esteve e vai estar no meu coração e de toda a sua família.

Aos meus amigos que me acompanharam nessa minha trajetória acadêmica: Amanda Martins, CAMO, Danilo de Jesus, Emelly Ashilley, Gi Lisboa, Joana Gabrielly, Pedro Ivo, Marina Santos, meus irmãos de casa do estudante: Ivan e Rô e, ao Cuzzy.

A Jaloo, que esteve presente mesmo que simbolicamente.

A minha orientadora, *Kanzelumuka*, que com grande correria esteve atenta e preocupada com a minha finalização de graduação. Ao Solos Negros por me motivar a realizar essa pesquisa como finalização de um ciclo.

E, por fim, a meu grande ídolo artístico e referência, Miley Ray Cyrus.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso se propôs a analisar a relevância do projeto de extensão Solos Negros na formação de licenciandos em Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB) sob a perspectiva da luta antirracista e decolonial. O estudo é motivado pela constatação da omissão curricular de matriz euro-referenciada na formação em Artes Cênicas, reflexo da colonialidade do saber, e pela busca por espaços de aquilombamento e resistência na formação de artistas-educadores. O objetivo central foi compreender como a vivência no Solos Negros contribui com repertórios estéticos e pedagógicos no preparo de professores de teatro para o enfrentamento da colonialidade na Educação Básica. De abordagem qualitativa, a metodologia consistiu em entrevistas semiestruturadas com os participantes do Solos Negros entre 2023 e 2024, cujas narrativas foram analisadas em diálogo com referenciais como Quijano (2005), Onofre (2008) e De Oliveira L (2020). Os resultados demonstram que o projeto se configura como uma ação de pedagogia decolonial em funcionamento, essencial para suprir a omissão curricular e efetivar as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. Concluiu-se que o Solos Negros é um espaço vital de aquilombamento que incentiva a criação artística a partir de narrativas próprias, preparando uma nova geração de professores-artistas conscientes e afrocentrados, o que exige a corresponsabilidade de todo o corpo discente e docente na luta antirracista no contexto da UnB.

Palavras-chaves: Artes Cênicas; Formação Docente; Decolonialidade; Antirracismo; Solos Negros.

RESUMEN

Esta investigación de conclusión de curso se propuso analizar la relevancia del proyecto de extensión Solos Negros en la formación de licenciados en Artes Escénicas de la Universidad de Brasília (UnB) bajo la perspectiva de la lucha antirracista y decolonial. El estudio está motivado por la constatación de la omisión curricular de matriz eurocéntrica en la formación en Artes Escénicas, reflejo de la colonialidad del saber, y por la búsqueda de espacios de aquilombamento y resistencia en la formación de artistas-educadores. El objetivo central fue comprender cómo la experiencia en Solos Negros contribuye con repertorios estéticos y pedagógicos en la preparación de profesores de teatro para el enfrentamiento de la colonialidad en la Educación Básica. De enfoque cualitativo, la metodología consistió en entrevistas semiestructuradas con los participantes de Solos Negros entre 2023 y 2024, cuyas narrativas fueron analizadas en diálogo con referencias como Quijano (2005), Onofre (2008) y De Oliveira L (2020). Los resultados demuestran que el proyecto se configura como una acción de pedagogía decolonial en funcionamiento, esencial para suplir la omisión curricular y hacer efectivas las Leyes nº 10.639/2003 y nº 11.645/2008. Se concluyó que Solos Negros es un espacio vital de aquilombamento que incentiva la creación artística a partir de narrativas propias, preparando una nueva generación de profesores-artistas conscientes y afrocentrados, lo que exige la corresponsabilidad de todo el cuerpo estudiantil y docente en la lucha antirracista en el contexto de la UnB.

Palabras claves: Artes Escénicas; Formación Docente; Decolonialidad; Antirracismo; Solos Negros.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. SOLOS NEGROS NAS ESCOLA	12
1.1. A graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília	14
1.2. A Lei 10.639/2003 no Departamento de Artes Cênicas da UnB	16
1.3. Solos Negros: percurso e relevância como projeto extensionista afrorreferenciado	18
2. SOLOS NEGROS 2023/2024: VOZES QUE FUNDAM, ORIENTAM E SUSTENTAM O SEU PERCURSO..	27
2.1. O olhar da pesquisa discente/coordenação docente	28
2.2. Trajetória artística dos(as) performers	34
2.3. Experiências marcantes em Solos Negros	38
2.4. A contribuição para o fortalecimento da identidade racial dos participantes	41
3. O LEGADO DO SOLOS NEGROS: REPERTÓRIOS ESTÉTICOS, CORRESPONSABILIDADE DA BRANQUITUDE PELA LUTA ANTIRRACISTA E O LETRAMENTO RACIAL	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS.....	56
Apêndice A – Nota de repúdio do CEN	59
Apêndice B – Cartilha antirracista.....	60
Apêndice C – Termos de consentimento livre e esclarecido	61
Apêndice D – Transcrição das entrevistas alunos participantes	63
Apêndice E – Transcrição entrevista idealizador do projeto	63

INTRODUÇÃO

Sou nascido e criado na periferia de Luziânia, Goiás, em um ambiente cristão rígido, sem contato prévio com as estéticas teatrais. Contudo, desde cedo, manifestei um interesse latente pelas linguagens artísticas, em especial pelas noções de corpo e movimento, o que me levou à prática da dança e da capoeira. Esta última, uma vivência que se torna cada vez mais significativa em minhas práticas atuais, dada a minha proximidade e interesse pelos assuntos étnico-raciais desenvolvidos durante a graduação.

Entretanto, esse percurso foi marcado pela ausência de letramento racial em meu ensino básico. Mesmo matriculado no ensino básico na rede municipal e estadual de ensino do Goiás, nas instituições de ensino Escola Municipal Parque Estrela D'alva IX e no Colégio Estadual Professora Maria Pereira de Vasconcelos, poucos anos após a promulgação da Lei nº 10.639/2003, alterando a lei nº 9.394/1996 da LDB – Lei de Diretrizes e Base, tornando obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica, o apagamento epistemológico era evidente. Tal contexto permitiu, como aponta Quijano (2005), em uma perspectiva de conhecimento firmadas na colonialidade do poder, a partir do eurocentrismo, que a colonialidade do saber estruturasse meu olhar e percurso de vida.

A elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. Essa perspectiva e modo concreto de produzir conhecimento se reconhecem como eurocentrismo (Quijano, 2005, p.126)

Com isso, me alimento na lógica decolonial, a qual se recusa ser descolonial que se firma na perpetuação do colonialismo de forma velada, entendendo que no sentido de descolonizar por "não obstante, a estrutura de poder foi e ainda segue estando organizada sobre e ao redor do eixo colonial" (Quijano, 2005, p. 135)

Minha entrada no curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB) inicialmente me introduziu majoritariamente a autores e estéticas euro-referenciadas. O ponto de inflexão ocorreu a partir da denúncia formal sobre episódios de racismo no ano de 2022 dentro do Departamento de Artes Cênicas (CEN). O que gerou, como forma de repúdio, a publicação de uma cartilha antirracista (Cartilha, 2024) e uma nota do CEN a toda comunidade do instituto de artes IDA (2025). Mas me pergunto do que adianta isso se na prática, a ação não existe?

Tais vivências despertaram meu interesse por pautas raciais e pelo reconhecimento do meu lugar. Hoje, compreendo-me como um homem negro de pele clara que, por vezes, fui lido socialmente como branco, mas que já experienciou o racismo de forma direta – situações que, sem letramento racial, eram apenas "mais uma" em um cotidiano estrutural.

O letramento racial, segundo Moreira (2024), é perceber-se sujeito negro(a) ou não, a partir da sua realidade, das suas características, da sua descendência de povos afro-brasileiros e indígenas, e ter tal consciência poderá fomentar na diminuição do racismo e o fim da ideia de democracia racial. Neste sentido:

Em função da equiparação entre racismo e preconceito e da crença de que o passado não influencia o presente, inúmeras pessoas acreditam que medidas distributivas ou reparativas baseada na raça são discriminatórias contra brancos, que elas prejudicam seus beneficiários, porque levantam suspeitas sobre a capacidade deles, que introduzem a consciência racial em um país no qual as pessoas não utilizam a raça como parâmetro para a construção da identidade individual ou coletiva (Moreira, 2024, p. ¾)

Foi neste contexto, em 2023, que tomei conhecimento do projeto de extensão afrorreferenciado Solos Negros e fui profundamente tocado pelas apresentações e pelo potencial de aquilombamento oferecido por ele. Segundo o site Geledés, o ato de aquilombar-se é intrínseco à vivência na busca pelo reconhecimento daquilo que se é individualmente, e que se potencializa no reconhecimento do que somos juntos¹, é a busca pela preservação e autopreservação da memória e ancestralidade, no âmbito físico, social e cultural que permeia o coletivo. O desejo de participar, ou ao menos de entender a relevância deste projeto, transformou-se na questão central desta pesquisa.

Deste modo, este trabalho de conclusão de curso objetiva analisar a relevância da vivência no projeto de extensão Solos Negros na formação do licenciando em Artes Cênicas da UnB. O estudo parte da hipótese de que o projeto se configura como um ato antirracista e decolonial fundamental para a formação de professores de teatro, munindo-os de repertórios estéticos e pedagógicos para o enfrentamento da colonialidade do saber nos diferentes níveis da Educação Básica. Segundo Verônica Eloi (2025), decolonialidade é um conceito que se refere a um conjunto de práticas, saberes e teorias que buscam questionar e desconstruir os

¹ Fonte: <https://www.geledes.org.br/aquilombamento-conexoes-de-afeto-e-ancestralidade/#:~:text=O%20ato%20de%20aquilombar%2Dse%20%C3%A9%20intr%C3%ADnseco%20%C3%A0,social%20e%20cultural%20que%20permeia%20o%20coletivo.>

legados do colonialismo e da colonialidade. O termo decolonial se opõe a modelos eurocêntricos, valoriza o conhecimento e a cultura de povos subalternizados e busca romper hierarquias de poder, saber e ser, que continuam a ter efeitos nas sociedades contemporânea².

A pesquisa se desenvolveu sob uma abordagem qualitativa. Para acessar a profundidade das experiências, optei pela entrevista semiestruturada com os participantes do projeto. Os depoimentos foram registrados em áudio e posteriormente transcritos, constituindo o corpus principal para a análise em conversa com o referencial que firma esta pesquisa. Neste sentido, “o que dá o caráter qualitativo não é necessariamente o recurso de que se faz uso, mas o referencial teórico/metodológico eleito para a construção do objeto de pesquisa e para a análise do material” (Duarte, 2004, p. 214)

A escolha metodológica justifica-se pelo interesse em criar um ambiente de conforto para que os entrevistados pudessem acessar suas memórias e narrativas a partir da oralidade, enriquecendo o conjunto de informações necessárias para o atingimento do objetivo.

Em termos de arcabouço teórico, esta pesquisa se alinha às propostas decoloniais de Aníbal Quijano (2005), buscando pensar a educação como um meio para cessar o poder imposto pelo ato colonial no sentido de raça. Tal perspectiva reconhece que ainda vivemos sob os efeitos e reflexos de uma colonização e de como a colonialidade ainda está presente na organização das relações sociais (Ferreira, 2023).

Neste sentido, a pesquisa busca entender o lugar de aquilombamento que o projeto Solos Negros propicia, e como isso se insere no contexto da educação em artes cênicas, questionando: “a produção de conhecimento é para que e para quem?” (De Oliveira L, 2020). O estudo também dialoga com a provocação de Onofre (2008) sobre a urgência da análise e reestruturação dos currículos de formação docente para que não mais segreguem saberes, abraçando a singularidade e a diversidade do Brasil.

Este trabalho está estruturado em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo é dedicado a contextualizar o leitor sobre a gênese e o histórico do Solos Negros, seus principais interesses e resultados já alcançados.

² Fonte: <https://www.edocente.com.br/blog-decolonialidade-desvendando-o-pensamento-que-desafia-a-colonialidade/>

O segundo capítulo concentra-se na análise das declarações dos participantes, estruturando como cada indivíduo se encontra, se reconhece e se aquilomba a partir dessa vivência.

O terceiro capítulo apresenta as declarações uniformizadas dos participantes, expondo o legado pedagógico e estético deixado pelo projeto e discute a divisão da responsabilidade antirracista e decolonial com as pessoas lidas socialmente como brancas no contexto dos estudos em Artes Cênicas do CEN na UnB.

Com o resultado desta pesquisa, espero compreender e fortificar a contribuição do Solos Negros como um espaço vital de aquilombamento, laboratório de pesquisa e estudos, contribuindo significativamente para o repertório formativo, pedagógico e estético do CEN na Universidade de Brasília.

1. SOLOS NEGROS NAS ESCOLA

Para que a pessoa leitora seja situada, é importante entender o projeto Solos Negros nas Escolas a partir da formação docente em Artes Cênicas do curso de Licenciatura em Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UNB), tencionando de que forma diretrizes legais estão sendo trabalhadas em sua estrutura curricular. Tal projeto é uma iniciativa didático-cultural que tem como foco o protagonismo do(a) discente negro(a) do curso de artes cênicas.

Aprovado pelo Decanato de Extensão - DEX³ no ano de 2023 e criado pelo prof. Dr. José Jackson Silva (Jackson Tea), a iniciativa celebra os 20 anos de sanção da Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, legislação essa que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira, tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nos currículos da educação básica de ensino. Também cabe ressaltar que posteriormente, com a Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008, essa obrigatoriedade foi ampliada para incluir o ensino da história e cultura dos povos indígenas.

Destacando a atuação dos discentes na vivência e pesquisa com foco na criação de encenações antirracistas para serem apresentadas nas escolas públicas do Distrito Federal, a idealização do projeto surge, portanto, como resposta a um atraso histórico na efetivação da referida lei. Este destaque busca fomentar em discentes licenciandos(as) a consciência de seus papéis na sociedade:

Ao reconhecer que uma educação conservadora e tradicional tende a reproduzir o saber hegemônico limitando a formação crítica do graduando, a presença de uma ação formativa afro-referenciada representa um contraponto essencial. Podemos afirmar que as práticas curriculares reproduzem o saber de um grupo dominante que manipula o conhecimento e os saberes com base na afirmação de uma hegemonia racional que coloca em desvantagens as minorias desprivilegiadas dos bens culturais. (Onofre, 2008, p.117)

Ainda que haja muito a ser feito em relação ao cumprimento desta norma na licenciatura em Artes Cênicas da UnB, o que tenho testemunhado, diante de uma formação do artista-docente em um país continental marcado pela diversidade de povos e culturas que compõem o Brasil, é que a efetivação dessa ordenação se mostra imprescindível.

³ O Decanato de Extensão - DEX/UNB é o setor administrativo responsável por promover atividades de extensão por meio dos institutos, faculdades e departamentos da universidade, com o objetivo de incentivar a interação entre a UNB e a sociedade, integrando as artes e a ciência ao ensino, à pesquisa e ao desenvolvimento social. **Fonte:** <https://dex.unb.br/informacao>

Sanchez (2017), com sua pesquisa publicada em artigo acerca da implementação da lei Nº 10.639/2003 nas competências de ensino como forma de ação de mudança social, afirma:

O ensino da história e da cultura afro-brasileira, ainda que não promova de forma imediata a transformação das desigualdades sociais, pode atuar como instrumento de enfrentamento do racismo, favorecendo a desconstrução gradual de práticas discriminatórias e incentivando o diálogo entre diferentes concepções e experiências, sem hierarquizá-las. (Sanchez, 2017, p. 58)

Deste modo, identifico que o objetivo da proposta do projeto de extensão Solos Negros nas Escolas surge relacionado à necessidade de expansão dos repertórios artístico-pedagógicos e estéticos dos(as) licenciandos(as), pois há carência de conteúdos curriculares teóricos e práticos afro-referenciados, bem como um repertório mínimo dos(as) docentes do CEN em relação aos saberes africanos e afro-brasileiros.

Neste sentido, o projeto assumiu a responsabilidade de potencializar a formação do(a) licenciando(a), em especial negros(as), acerca desses saberes dentro da linguagem teatral junto com as demais ações afirmativas existentes na universidade para a efetivação de uma educação antirracista na formação docente em Artes cênicas.

A seguir, irei situá-lo(a) sobre a fundação da graduação em Artes Cênicas da UnB e a trajetória do projeto Solos Negros nas Escolas, desde à sua implementação até as experiências e práticas realizadas, constituindo um espaço fundamental para a formação de futuros docentes.

1.1. A graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília

O currículo do curso em Artes Cênicas da UnB a partir das considerações finais do trabalho de conclusão de curso de Soares (2023), no capítulo denominado como Carômetro, a matriz curricular é firmada a partir de referenciais predominantemente branco e eurocêntrico.

Por estarmos epistemologicamente ainda tão virados para o Ocidente branco em termos das artes cênicas universitárias e almejando a todo tempo nos inserir nos ditames do que seria uma arte contemporânea, continuamos a decalcar formas, a repetir fórmulas, a perseguir padrões artísticos eurocêtricos no intuito de manter espaços de privilégio (De Oliveira, 2024, p. 09)

Essa estrutura reflete contradições presentes em uma universidade que se apresenta como diversa e plural, mas, que ainda reproduz exclusões simbólicas e epistemológicas. A

criação do curso remonta ao Instituto Central de Artes (ICA), concebido no plano orientador da UNB dois anos após a inauguração de Brasília, conforme a Lei nº 3.998, de 1961⁴.

Inicialmente, o teatro foi inserido como habilitação na Licenciatura em Educação Artística, vinculada ao Departamento de Desenho, da Universidade de Brasília em 1979 e anos à frente, em 1989, foi criado o Departamento de Artes Cênicas (CEN), dentro do Instituto de Artes (IdA), com o curso de Bacharelado em Interpretação Teatral. Poucos anos depois, em 1993, surge a licenciatura em Artes cênicas, com turmas noturnas, ampliando o acesso e a formação de professores assim como justifica o Departamento de Artes Cênicas da graduação em Artes Cênicas da UnB:

O licenciado estará apto a atuação docente, em que ele seja capaz de estabelecer um diálogo fluido entre criação artística cênica e métodos pedagógicos em que ele provoque a sensibilidade, imaginação e a capacidade criativa de seus futuros alunos, assim quanto o bacharel em que, ele estará apto a exercer as variadas linguagens das Artes cênicas e para além desse diálogo entre a teoria e a prática, o incentivo ao conhecimento humano entendendo a arte como um rio de caminhos a seguir e exercendo o coletivo de ser cidadão. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2025)

Assim a habilitação em licenciatura é estruturada em eixos de estudos que contemplam a pedagogia, a criação e a teoria em teatro, enquanto o bacharelado se organiza em torno de eixos voltados ao estudo da interpretação, movimento, voz e encenação. A estrutura do currículo do estudante licenciando visa preparar o futuro professor para atuar na rede básica de ensino, complementando sua formação com a vivência prática durante o estágio obrigatório. Nesse período, o licenciando tem a oportunidade de compreender a rotina escolar e suas demandas diante da realidade social e comunitária em que está inserido.

O parecer do Conselho Nacional de Educação CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019, no Art. 7 especificamente XIV, institui as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica. Neste contexto, o parecer conta também com o CP 003/2004 que institui na formação de professores para o ensino básico estudos com pautas étnico-raciais reforçando a importância da articulação entre teoria e prática, enfatizando a importância de capacitar professores para que possam criar práticas pedagógicas que promovam o respeito às diferenças e reeduem preconceitos e estereótipos. Deste modo, a formação deve ir além do conteúdo técnico e abordar aspectos

⁴ Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília, e dá outras providências. Mais informações em <https://ida.unb.br/institucional/historia>.

de sensibilização, reflexão sobre as próprias práticas e o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que favoreçam a valorização da diversidade étnico-racial.

A institucionalização da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reafirma-se a relevância da formação docente em Artes Cênicas (Teatro) como componente essencial na educação básica.

O Teatro instaura a experiência artística multissensorial de encontro com o outro em performance. Nessa experiência, o corpo é lócus de criação ficcional de tempos, espaços e sujeitos distintos de si próprios, por meio do verbal, não verbal e da ação física. Os processos de criação teatral passam por situações de criação coletiva e colaborativa, por intermédio de jogos, improvisações, atuações e encenações, caracterizados pela interação entre atuentes e espectadores. O fazer teatral possibilita a intensa troca de experiências entre os alunos e aprimora a percepção estética, a imaginação, a consciência corporal, a intuição, a memória, a reflexão e a emoção. (BRASIL apud Wisniewski, 2021, p. 1519)

É relevante refletir sobre a estrutura curricular do curso de Licenciatura em Artes Cênicas, compreendendo de que modo ela orienta a formação docente e quais conhecimentos são valorizados nesse processo. Observa-se, contudo, um distanciamento entre o que é previsto pelas diretrizes legais e o que de fato se concretiza nas práticas formativas.

Dessa forma, ao observar a minha trajetória da licenciatura em Artes Cênicas da UnB, noto que embora a formação docente se proponha crítica e sensível, ainda carece de uma abordagem que contemple saberes afrodiaspóricos e dos povos originários, conforme estabelecido nas diretrizes e nos princípios da educação antirracista.

1.2. A Lei 10.639/2003 no Departamento de Artes Cênicas da UnB

Ao compreender a estrutura curricular das Artes Cênicas da UnB e as diretrizes que orientam a formação docente, percebe-se a necessidade de discutir de que forma a formação docente tem dialogado com os princípios da lei nº 10.639/2003 e 11.645/2008, representando um marco na luta por uma educação antirracista e plural.

Soares (2023), licenciada negra do CEN, ao analisar o currículo do curso, evidencia desafios e problemáticas relacionadas ao racismo institucional presente na formação em Artes Cênicas da UnB, apontando a ausência de referências afrodiaspóricas nas ementas. Em sua pesquisa, realizada no ano de 2023, a autora identificou que, entre as 61 disciplinas ofertadas nas habilitações de licenciatura e bacharelado, apenas dois dos 181 autores presentes nas

bibliografias são negros — Leda Maria Martins, uma das principais pensadoras do teatro negro brasileiro⁵ e Stuart Hall (1932-2014) nascido na Jamaica, foi um escritor e teórico cultural.⁶

Esses dados revelam que a presença negra no currículo ainda é tratada como exceção, reforçando a ideia de que o conhecimento legitimado na universidade permanece atrelado a epistemologias brancas e eurocentradas.

Atualmente, o corpo docente é composto por trinta professores efetivos, dos quais apenas sete, aqui os descrevo, como negros. Com isso, apesar de avanços pontuais, como inserção de professores negros no quadro efetivo, o currículo ainda se apoia majoritariamente em epistemologias eurocentradas, o que mantém marginalizadas outras perspectivas e saberes. Nesse sentido para Antunes (2024):

Um dos principais desafios na implementação do letramento racial é a falta de preparo dos próprios formadores de professores. Muitos docentes que atuam em cursos de licenciatura não receberam uma formação adequada para lidar com questões de raça e etnia, o que resulta num ciclo de perpetuação da invisibilidade dessas temáticas. (Antunes, 2024, p. 7)

Essa lacuna formativa reforça a urgência de iniciativas que repensem o compromisso dos docentes formadores de professores com letramento racial para um ensino das Artes Cênicas a partir de abordagens decoloniais e antirracistas. Essa desigualdade epistemológica e racial no currículo do curso de Artes Cênicas da UnB, evidencia a urgência da efetivação da lei nº 10.639/2003 no ensino superior, assim destaca Onofre (2008):

Quando pensamos em reinventar e repensar o currículo, precisamos refletir sobre as novas sensibilidades para com os educandos. Como os vemos, como nos obrigam a vê-los, enfim, somos convocados a repensar o que ensinamos e o que aprendemos (Onofre, 2008, p. 106)

Mesmo com a evidenciação da respectiva lei, episódios de racismo institucional continuaram a evidenciar as dificuldades do CEN a colocar em prática seus princípios. Denúncias de violência étnico-racial e a elaboração de uma cartilha antirracista expuseram o quanto as medidas de enfrentamento ainda são paliativas.

A promulgação da Lei nº 10.639/2003 — posteriormente ampliada pela Lei nº 11.645/2008 — marcou um avanço político e pedagógico, entretanto, como destaca Freitas,

⁵ Fonte: <https://www.lettras.ufmg.br/literafrro/autoras/1336-leda-maria-martins>

⁶ Fonte: <https://www.stuarthallfoundation.org/stuart-hall/>

(2024, p.10) “ainda estamos longe de superar as estruturas coloniais que sustentam a produção de conhecimento nas escolas e universidades.”

Para o(a) graduando(a) negro(a) do estudo do teatro, mais especificamente com habilitação em licenciatura, a efetivação dessas regras resgata memórias de afirmação de identidade essenciais na formação docente para uma educação que quebre paradigmas montados para um apagamento epistemológico. Neste contexto, a graduação em artes cênicas, enquanto espaço formador, ainda atravessa por um modelo hegemônico de ensino que legitima sobretudo a palavra universitária branca grafada como verdade epistemológica, em detrimento dos saberes negros e indígenas. Neste sentido:

Podemos dizer que, embora não seja uma relação linear, os avanços, as novas indagações e os limites da teoria educacional tem repercussões na prática pedagógica, assim como os desafios colocados por essa mesma prática impactam a teoria, indagam conceitos e categorias, questionam interpretações clássicas sobre o fenômeno educativo que ocorre dentro e fora do espaço escolar. (Gomes, 2012 p, 99)

Desse modo, a efetivação da respectiva lei na formação docente em Artes Cênicas na UnB ainda é o desafio, que depende não apenas da revisão curricular, mas também da valorização de projetos extensionistas que promovam práticas afrorreferenciadas — como o Solos Negros, que será discutido a seguir.

1.3. Solos Negros: percurso e relevância como projeto extensionista afrorreferenciado

Compreendendo o contexto que se delineiam as condições para o surgimento do projeto de extensão Solos Negros, segundo Ferreira (2023), é urgente a descolonização dos currículos das Artes Cênicas, visto o pouco espaço que discuta referências afro-brasileiras, africanas e indígenas na graduação em Artes Cênicas na UnB com habilitação em licenciatura.

Descolonizar os currículos de formação de professores, a fim de preparar os futuros docentes para estabelecer o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, é um processo fundamental no sentido de reconhecer a urgência da necessidade de estruturar uma educação que reconheça a pluralidade dentro da sociedade e as diferentes formas de se reconhecer dentro dela. (Ferreira, 2023 p 164)

Assim, o projeto Solos Negros emerge no primeiro semestre do ano de 2023 a partir da ação extensionista e formativa Licenciatura em Ação, propagada em conjunto pelo

Decanato de Ensino de Graduação - DEG⁷ e DEX que apoia projetos e abordagens metodológicas e incentivam a interação entre a universidade e a comunidade escolar por meio de ações extensionistas colaborativas entre o espaço escolar, docentes e discentes.

Assim como afirma Saballa (2020), no ensino superior “o tripé, ensino, pesquisa e extensão visa estabelecer ações para pensar o Brasil via produção e divulgação de conhecimentos científicos, culturais e artísticos.” (Saballa, 2020, p. 695)

Neste sentido, o CEN da Universidade de Brasília é a ligação entre estudante e comunidade. A criação deste projeto marca um gesto político e pedagógico de enfrentamento às estruturas eurocentradas que ainda orientam a formação artística e educacional no ensino superior, especificamente na graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

Coordenado nos anos de 2023 e 2024 pelo docente José Jackson Silva (Jackson Tea), o docente se descreve como homem cisgênero negro, graduado em Artes Cênicas com habilitação em direção teatral pela UFBA⁸, mestre pela Universidade de Lisboa e doutor pela UFRGS⁹, que atualmente é professor adjunto do CEN da Universidade de Brasília contemplando o Eixo de Encenação (Iluminação cênica). A sua pesquisa se fundamenta na perspectiva do *site-specific*, que investiga a ação do fazer teatral acoplado ao espaço como parte fundamental do espetáculo ativo desde a criação da peça, fazendo com que o público tenha uma experiência imersiva muitas vezes colocando o público a se mover pelo local para acompanhar a performance. Tais estudos que indiretamente conversa com a proposta dos Solos Negros, quando se pensa no contexto da escola para inseri-lo.

No projeto Solos Negros preferencialmente foi exigido como perfil os estudantes da licenciatura, para que houvesse aproximação do docente em formação com a comunidade, assim refletindo o pensamento freireano sobre o compromisso social da universidade. Como analisa (Melzer, 2024) na perspectiva freireana:

Essencialmente, o papel do docente em formação é compreender o seu lugar enquanto sujeito de ofício a serviço da comunidade. Neste sentido, a universidade tem como função aproximar o estudante da realidade educacional na qual está inserido, valorizando o campo da pesquisa e da extensão como práticas significativas de transformação social (Melzer et al, 2024 p. 3)

⁷ O Decanato de Ensino de Graduação de Universidade de Brasília cuida das políticas e processos institucionais relacionadas aos cursos de graduação.

⁸ Universidade Federal da Bahia

⁹ Universidade Federal do Rio de Janeiro

Com isso, a primeira seleção para o Solos Negros ocorreu por meio de processo seletivo que apresentou os objetivos e a metodologia pensada para realização do projeto, priorizando as temáticas afrorreferenciadas e o compromisso com práticas artísticas pedagógicas antirracistas.

A realização do projeto em 2023 foi composta por cinco discentes bolsistas PIBEX¹⁰ (Amanda Reis, Annajú Carvalho, Camille Lins, Gabriel Matos e Luiza Nugoli) e uma estudante bolsista PIBIC¹¹ (Deborah Alves de Souza) em decorrência do número de bolsas disponibilizado pelo DEX. Em 2024, houve a inclusão de mais uma discente bolsista PIBEX (Fernanda Duarte).

Considerando o perfil da maioria dos participantes — jovens negros, oriundos de regiões periféricas do Distrito Federal, e em alguns casos em situação de vulnerabilidade socioeconômica —, cabe aqui mencionar que a possibilidade de receber uma bolsa de incentivo se tornou um fator determinante para a permanência e a continuidade de suas formações acadêmicas. De modo geral, em entrevistas realizadas apoiadas em áudio registro, a qual será analisada de forma mais aprofundada no próximo capítulo, o primeiro vínculo com o projeto surgiu do interesse pela bolsa, o que também evidencia um aspecto estrutural da realidade universitária brasileira.

Nesse pensamento discute um militante entrevistado por Marcos Mesquita (2003), acerca da evasão de estudantes envolvidos em movimento estudantil no contexto universitário a qual atualmente cabe a reflexão:

O universitário hoje está muito preocupado em entrar na universidade e conseguir uma bolsa, que é muito difícil e pesa muito no currículo, se formar e consegui um emprego ou então entrar para um mestrado ou pós-graduação. (Mesquita, 2003 pg. 124).

Diante de todo este contexto, o projeto Solos Negros nas Escolas emerge não apenas como uma iniciativa de extensão, mas, como um espaço de resistência decolonial que reforça o vultoso estudo das práticas afrorreferenciadas nas pesquisas, montagens, estéticas etc

¹⁰ PIBEX – Programa Institucional de Bolsas de Extensão universitário que oferece bolsas aos estudantes de graduação para que participem de projetos que integram a universidade à sociedade com objetivo de promover a interação entre a comunidade através de atividades de caráter educativo, social, cultural, científico e tecnológico.

¹¹ PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de iniciação Científica, um programa CNPq que tem como objetivo incentivar alunos de graduação a desenvolverem o pensamento científico e a participarem de projetos de pesquisa.

evidenciando a importância da sua contribuição para a formação artístico-docente na universidade.

Deste modo, Freitas (2024) afirma que, com a dominância de poder, desde quando Brasil é Brasil, entende-se que existem costumes, hábitos e condutas afro-brasileiras e originárias que também podem ter domínio sobre o ensino da educação básica (Freitas, 2024). Assim as práticas envolvidas no Solos Negros seguem os princípios da decolonialidade, da educação antirracista e da representatividade negra firmadas em nomes como *Abdias Nascimento*; Nilma Lino Gomes; Leda Maria Martins; Maria Felipa, Maria Quitéria.

Menções essas em que um dos integrantes que estava no último ano da graduação na licenciatura em Artes Cênicas nunca tinha escutado sobre essas referências. Jackson Tea, perplexo, frisa:

É assombroso, especialmente para os estudantes que estão no final do curso, como era o caso do estudante Gabriel Matos, prestes a se licenciar, e que até a implementação do projeto, não havia tido acesso aos fundamentos didáticos de práticas antirracistas e afroreferenciadas nas artes, lecionada pela Universidade de Brasília. (Entrevista de Jackson, 2023)

Fato que compartilho junto do Gabriel Matos, em que fui informado sobre tais referências no meu último período da graduação, na minha participação no Solos Negros na edição do ano do projeto 2025, com coordenação da professora adjunta do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília Dra. Franciane *Kanzelumuka*¹² Salgado de Paula. Lá, fui apresentado pela mesma também à Beatriz Nascimento, historiadora e pesquisadora negra brasileira, através de seu documentário *ORÍ*¹³, e à Maria Felipa, mulher negra que liderou resistência ao avanço de tropas portuguesas na luta pela independência da Bahia, estado brasileiro.

Deste modo, sem o letramento racial e o estudo das culturas e histórias afrodiaspóricas necessária para nos perceber enquanto docentes em formação, iríamos automaticamente repetir a homogeneidade presente nas aplicações docentes do ensino básico, contribuindo para óbice da lei 10.639/2003 e 11.645/2008, não sendo esse o foco do professor educador

¹² Kanzelumuka é o nome artístico de Franciane S. de Paula, artista cênica, docente e pesquisadora. É professora adjunta do Departamento de Artes cênicas da Universidade de Brasília (UNB).

¹³ Documentário sobre os movimentos negros brasileiros entre 1977 e 1988, tendo o quilombo como ideia central de contínuo histórico. A comunidade negra em sua relação com o tempo, espaço e a ancestralidade.

em formação. Neste sentido, Vilaforte sobre os desafios do ensino da história e cultura afro-indígena brasileira na educação básica afirma:

A importância dessa lei no ensino escolar é fundamental, pois promove a inclusão e a representatividade, contribuindo para uma educação mais equitativa e rica em diversidade cultural. Dessa forma, é possível formar cidadãos mais conscientes e respeitosos das diversas heranças culturais que compõem a sociedade brasileira. (De Sousa Vilaforte, 2024)

Nesse sentido, os fundamentos propagados por esses autores e referências históricas no andamento do projeto possibilitam compreender a formação de futuros docentes em Artes Cênicas como espaço de enfrentamento às estruturas coloniais que por décadas moldam o ensino da educação do Brasil. Com isso, desfazer na formação docente de professores os ensinamentos eurocentrados impostos desde a infância que marginaliza, demoniza práticas culturais afro-indígenas, se faz crucial.

Do projeto Solos Negros foram criados 04 solos teatrais em 2023 conforme figuras 1, 2, 3 e 4 abaixo.

(Ato I):

Figura 01 - Maria Atravessa o Tempo. Solo e dramaturgia de Amanda Reis;



Fonte: [instagram.com/amaandaareis](https://www.instagram.com/amaandaareis)

Figura 02 - Vaga Carne (de Grace Passô). Solo de Annaju Carvalho;



Fonte: [instagram.com/carvalhoannaju](https://www.instagram.com/carvalhoannaju)

Figura 03 - Pequeno Príncipe Negro (de Rodrigo França). Solo de Camilly Lins;



Fonte: [instagram.com/camillelins94](https://www.instagram.com/camillelins94)

Figura 04 - Farinha com Açúcar (de Jé Oliveira). Solo de Gabriel Matos;



Fonte: [instagram.com/malesematos](https://www.instagram.com/malesematos)

Solos teatrais com autoria de referenciais negras, e de uma das participantes bolsista do projeto: Amanda Reis. No (Ato II) em 2024, houve a criação de mais um solo protagonizado por discente bolsista, Fernanda Duarte, assim como mostra na figura 5.

Figura 05 - Antimemória de uma travessia interrompida (de Aldri Anunciação). Solo de Fernanda Duarte.



Fonte: [instagram.com/solosnegros](https://www.instagram.com/solosnegros)

Em 2024, houve também a participação de docentes da graduação no projeto e estudante de pós-graduação, porém o foco deste trabalho de conclusão de curso é somente estudantes de graduação.

2. SOLOS NEGROS 2023/2024: VOZES QUE FUNDAM, ORIENTAM E SUSTENTAM O SEU PERCURSO

A partir deste capítulo irei analisar as entrevistas realizadas com os participantes do projeto de extensão afroreferenciado Solos Negros e com o coordenador orientador responsável pelas edições de 2023 e 2024. Firmando nas narrativas dos licenciandos(as) e do docente orientador, busco compreender de que maneira a experiência extensionista com sua metodologia estruturada nos princípios da Lei 10.639/2003 contribuiu para a formação docente em Artes Cênicas dos participantes, especialmente no que diz respeito à construção de práticas pedagógicas e repertórios artísticos para a consolidação de uma educação antirracista e decolonial no ensino das Artes Cênicas da Universidade de Brasília. De natureza qualitativa descritiva e interpretativa, organizo este capítulo em dois momentos principais, correspondentes aos anos de realização do projeto em 2023 e 2024.

Entre estes anos, o projeto Solos Negros nas Escolas teve como estudantes participantes da licenciatura Amanda Reis, Annajú Carvalho, Camille Lins, Deborah Souza, Fernanda Duarte, Gabriel Matos e Luiza Nugoli. Entre os integrantes, uma pessoa autodeclarada preta, cinco pessoas autodeclaradas pardas (negras de pele clara) e uma pessoa autodeclarada branca.

Estes discentes estavam entre o quarto e penúltimo período da graduação em Artes Cênicas da UnB, assim sendo orientados e dirigidos pelo coordenador do projeto, Prof. Dr. José Tea, o que resultou em 05 espetáculos teatrais, tendo um com dramaturgia autoral escrita por uma das bolsistas participantes, criação de 02 sonoplastias autorais e, junto do início do projeto, uma escrita de Projeto de Iniciação Científica - PIBIC, de autoria da discente Deborah Souza, orientada também por Jackson Tea. Esta ação, que coloca Deborah enquanto protagonista do seu próprio papel com a comunidade, documentando e entendendo os fundamentos metodológicos que ergueram o projeto baseado em afro-indígena referência, assim como sendo exemplo na prática de um dos objetivos pensados para o projeto.

2.1. O olhar da pesquisa discente/coordenação docente

A análise das entrevistas realizadas com os participantes do projeto Solos Negros inicia-se partindo das falas de Déborah de Souza, participante bolsista PIBIC responsável pela

pesquisa A representação Afro-Brasileira na Educação: Documentação e reflexões sobre o projeto Solos Negros nas Escolas, e das falas do professor Jackson Tea, coordenador do projeto nos anos de 2023 e 2024.

Déborah Souza enquanto pesquisadora debruçada no percurso do Solos Negros, evidência como este se consolida como um espaço formativo e transformador na formação docente em Artes Cênicas ao relatar experiências dentro do projeto que marcaram durante a sua participação, ela traz a provocação do coordenador, referente ao letramento racial de cada no início do projeto:

A gente se sentou no canto da sala BSS-59 e ficamos conversando; cara em que momento da sua vida você se percebeu como uma pessoa preta no meio da sociedade?! E com isso fomos trazendo várias reflexões sobre isso [...] quem tem pai graduado? Você é a primeira pessoa da sua família a fazer uma graduação? (Deborah, entrevistada 01 de out de 2025)

Isto revela o caráter auto formativo e identitário do projeto, que ultrapassa o campo técnico das Artes Cênicas e atua como um lugar de escuta, reflexão e consciência racial. Visualizo com isso o tamanho impacto de primeiro momento com essa indagação do professor, colocando o docente em formação a se questionar sobre sua identidade e a importância dela para a profissão a qual está se dedicando.

Ela declara também que o Solos Negros possibilitou compreender o sentido da docência como prática comprometida com a ancestralidade e a história coletiva, isso se evidencia quando ela afirma que hoje está no lugar de professora que precisa trabalhar a aplicação da lei 10.639/2003 em sala de aula e que, sem o projeto, talvez ela enquanto futura docente não teria dado a devida importância, assim Déborah fala:

Sempre procurar referências principalmente afro-centradas, pro que eu estou fazendo né, nesse lugar de professora em tudo que eu esteja trabalhando [...] porque agora eu estou no lugar de aplicar essa lei. [...] até porque se eu não tivesse passado por esse projeto, eu não sei se eu teria dado a devida importância que é esse lugar. (Deborah, entrevistada 01 de out de 2025)

Sua fala demonstra que o projeto cumpre uma função formativa e política, promovendo a incorporação de perspectivas afro-centradas na prática pedagógica dela, assim formando professores conscientes evitando o apagamento de epistemologias negras indígenas, como destaca Dos Santos et al (2025) nesse contexto, “o silenciamento das vozes

de educandos racializados não apenas compromete sua experiência escolar, mas também reforça as estruturas de poder que os excluem.”

Assim, o professor coordenador relata que o projeto Solos Negros nasceu em um contexto de tensão racial dentro do departamento de Artes Cênicas da UnB, após uma denúncia de racismo que evidenciou a presença do racismo estrutural e institucional presente na universidade:

O projeto surge num contexto muito específico no Departamento, que era um contexto de denúncia de racismo de uma professora para com uma aluna e, da repercussão caótica que tudo isso teve no Departamento. (Jackson Tea, entrevistado 02 de out de 2025)

Esse ambiente de “feridas expostas” despertou nele um compromisso ético e social enquanto docente negro de uma instituição de ensino superior federal. Além desse contexto, Jackson aponta outros dois fatores fundamentais para a criação do projeto: a desvalorização das licenciaturas dentro das Artes Cênicas, tratadas como habilitação menor em relação ao bacharelado mesmo com a presença de disciplinas de prática docente que não são obrigatórias, mas, em algumas propostas oferecem estudos estéticos para os licenciandos, como as de teatro do oprimido, dança e/ou a disciplina não obrigatórias corporeidades Brasileiras:

Além desse contexto macro tem um contexto um pouco menor que é o contexto das licenciaturas, que são sempre relegadas a um curso menor dentro das artes cênicas. [...] Só que para mim é uma contradição muito grande isso, porque os alunos que estão sendo formados para serem professores de teatro eles precisam ter ferramentas para trabalhar teatro na sala de aula. (Jackson Tea, entrevista 02 de out de 2025)

Diante deste contexto o projeto surge com objetivo de oferecer aos licenciandos experiências afro-indígenas negro-referenciadas, através da criação de espetáculos e processos cênicos que dialoguem com poéticas e epistemologias negras e indígenas:

Vou abrir um parêntese aqui, a partir desse entendimento a gente não tá excluindo as pessoas indígenas, para nós no projeto Solos Negros nunca foi uma dicotomia ah isso é indígena, ah isso aqui é negro, pra gente sempre foi: a gente tá criando um projeto em que ele não é branco, que ele não é euro referenciado. É um projeto que ele é negro referenciado, quem são os negros da terra?! são os indígenas e são as pessoas que vieram da África e seus descendentes. (Jackson Tea, entrevista 02 de out de 2025)

Mais do que uma resposta pontual, o projeto se coloca como prática pedagógica, artística e política, propondo assim como Jackson Tea (2025) pontuou “um projeto que não é branco”, isto é, que se contrapõe à lógica eurocêntrica dominante.

O professor explica que o processo de seleção dos participantes do Solos Negros priorizava licenciandos(as) interessados(as) em temáticas afro-indígena referenciadas, especialmente empenhados com práticas artísticas e pedagógicas que ultrapassem a visão tradicional do teatro. “O projeto não era pra quem sabia atuar, mas pra quem tinha um desejo de entender o teatro como espaço de transformação social, especialmente no campo da educação” (Jackson Tea, entrevista 02 de out de 2025). Com isso o foco era o protagonismo do(a) licenciando(a) capaz e eficaz: “A gente sempre priorizou alunos da licenciatura, porque o foco era pensar o professor de teatro como alguém que precisa ter uma formação sensível, crítica e afro-referenciada.” (Jackson, entrevista 02 de out de 2025)

Jackson organiza o projeto em duas dimensões complementares: a formação teórica e estética, com estudos sobre autores e artistas negros e indígenas, visando ampliar o repertório dos estudantes e a criação cênica e pedagógica, em que os participantes elaboram/pesquisam seus solos teatrais que dialogam com suas próprias histórias, vivências e ancestralidades.

Jackson Tea cita Ivana Delfino Mota — mestranda naqueles anos do PPGCEN¹⁴ — contribuindo a partir da sua pesquisa *Movências nas Rotas de Sankofa: Pontos de partilha, danças e implicações étnico-raciais*. Em resumo, ela aponta ações de racismo estrutural que é normalizado no estudo da dança a partir da sua trajetória dançante. Ela é citada também por Deborah, agora licenciada, como contribuinte para repertórios pedagógicos na sua prática docente:

A gente vai juntando bagagens no decorrer do processo né! a gente vai aprendendo [...] e eu acho que o mais interessante do rolê foi aprender sobre as pessoas que estão ali com a gente né [...] e é um livro que eu utilizo nas minhas aulas, na minha vivência pedagógica. (Deborah entrevista 01 de out de 2025)

A presença do conceito de Sankofa, citado durante a entrevista a Deborah, aparece como símbolo diaspórico e filosófico do seu aprendizado no Solos Negros: olhar para o passado ancestral para construir o futuro, ela internaliza esse princípio não apenas simbolicamente, mas, impregnando tatuando o símbolo. Deborah complementa com um

¹⁴ Programa de pós-graduação em artes cênicas da Universidade de Brasília

momento de prática a partir das provocações de Ivana que, lhe encheu os olhos diante ao entendimento significativo da vivência no projeto:

A gente chegava assim antes de uma apresentação, e eu nunca tinha visto sabe? Pra mim era quase um ritual de tão lindo que era, a gente fazendo Ori Okan (Ori - cabeça Okan - peito) e de colocar a mão no pé e falar: pô que você aterrise, que seus pés tenham raízes nesse lugar de enraizar aqui antes das apresentações que a gente tinha. (Deborah entrevista 01 de out de 2025)

Na fala de Deborah, em que ela demonstra estar surpreendida pelo “ritual” que é os estudos afrorreferenciados carregadas de uma trajetória marcante de povos, reforça a importância do letramento das pessoas negras e dos conhecimentos culturais negros.

Deste modo, para Jackson o processo foi pautado por uma metodologia colaborativa e afetiva, que valorizava o corpo, a escuta, a experiência e a memória como elementos centrais de criação. Jackson destaca ainda o caráter extensionista do projeto, que propicia uma relação direta do licenciando com as escolas, e com isso, Jackson também enfatiza que o projeto não busca enquadrar os participantes em modelos estéticos ou acadêmicos predefinidos, mas sim abrir caminhos para que cada um construa sua própria narrativa cênica e pedagógica, reconhecendo suas raízes e suas referências.

É interessante a gente entender que os Solos Negros ele inicialmente surge como um projeto de extensão universitária na qual o objetivo é dialogar com a comunidade, rapidamente ele foi entendido por nós na coordenação e os professores participantes do projeto, que o projeto era muito mais que um projeto de extensão, ele é uma plataforma de pesquisa, ele é um laboratório de pesquisa de dramaturgias negras indígenas, laboratório de perspectivas da encenação negro-referenciada [...] (Jackson, entrevista 02 de out de 2025)

Com isso faço, ligação a crítica de Deborah da incoerência institucional entre o discurso da diversidade e a efetivação da Lei 10.639/2003 assim como a 11.645/2008, ao dizer:

Aqui já não é mais por que o professor não tem preparo ou capacidade de ministrar uma aula incluindo, tendo referências, pois são professores mestres, doutores, PHD [...] (Deborah, entrevista 01 de out de 2025)

Deste modo, Deborah evidencia a responsabilidade docente na aplicação do parecer CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019, no Art. 7¹⁵, reforçando a necessidade de um currículo descolonizado e comprometido com práticas antirracistas.

Por fim, Jackson destaca o impacto na relação entre universidade e escola pública, uma vez que o projeto possibilita aos estudantes vivenciarem a docência em espaços reais, fortalecendo uma educação antirracista e sensível à diversidade. Jackson declara que “levar esses trabalhos para as escolas é um gesto político. É dizer para as crianças negras que elas têm história, tem beleza e tem potência.” (Jackson, entrevista 02 de out de 2025) Com isso a ideia de aquilombamento consolidado nas falas de Deborah emerge como central simbólico e afetivo do Solos Negros, sendo definido por ela como “refúgio” e “quilombo do curso de artes cênicas na universidade”, destacando também a importância das relações de apoio, solidariedade e reconhecimento entre estudantes negros dentro da universidade:

É o quilombo das cênicas, tá ligado? da Universidade de Brasília. é um lugar onde a gente tem essa conexão [...] saibam que tem um refúgio dentro da universidade pra estudos sobre questões raciais, e não só estudo teóricos, práticas com o corpo e muito aprendizado. (Deborah, entrevista 01 de out de 2025)

Assim, o depoimento de Deborah traduz as múltiplas dimensões do Solos Negros: formativa, política e afetiva. As narrativas de Deborah assim como a de Jackson refletem o modo como o projeto contribui para fincar o lugar de negritude e docência nas Artes Cênicas. Neste sentido, o projeto se alinha ao imperativo proposto por Lélia Gonzalez, cujo objetivo é a “mudança de paradigma, que substitua a ideologia do branqueamento pela valorização da negritude em sua inteireza” (Gonzales *apud* Dos Santos, 2025 p. 13).

Visto as declarações da licenciada participante Deborah, firmadas a partir do seu protagonismo discente artista pesquisadora na análise acadêmica baseada na trajetória do Solos Negros e, do elóquio da coordenação sobre o desenvolvimento do projeto na sua relação com o corpo social, nota-se a atenção sobre as reflexões de Paulo Freire (*apud* Melzer, 2024) acerca da relação estudante universitário e comunidade, em que aponta que “a comunidade é transformada pela universidade e a universidade é transformada pela a

¹⁵ Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Disponível em: rcp002_19

comunidade. Esta relação dialógica é um ato comunicativo e educacional, em que dois sujeitos ativos buscam significações.” (Melzer, 2024, p 3.).

Com isso aqui convido-os(as) a refletirem sobre as experiências vividas pelos então licenciandos(as) performers participantes, tendo como propósito dessa análise compreender como os estudantes experienciaram o projeto, quais práticas se destacaram e como se constituíram aprendizagens artísticas, pedagógicas e identitárias em suas trajetórias como licenciandos (as) em Artes Cênicas na Universidade de Brasília.

As reflexões aqui foram orientadas por oito perguntas estruturadas. As narrativas dos licenciandos performers entrevistados revelam percursos singulares até a entrada no curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, com exceção de Luiza Nugoli que já vem de uma vivência no teatro de família.

Essas trajetórias atravessadas por experiências sociais, raciais e afetivas, ajudam a compreender os sentidos da participação no projeto e o modo como cada um se insere nele enquanto docente em formação.

2.2. Trajetória artística dos(as) performers

A participante Annajú Carvalho narra uma trajetória marcada por deslocamentos e reencontros com sua expressividade. Annajú recorda o ambiente hostil e as tensões raciais que a levaram a silenciar sua potência criativa durante parte da sua educação escolar na infância. O encontro com o teatro surge ainda no ensino médio, permitindo a ela retomar sua expressividade e canalizar inquietações em criações coletivas, Annajú fala:

Quando eu entro na escola pública o professor Pedro Ribeiro me encontra e aí ele tinha um sonho no coração dele, fazer uma peça de teatro na escola só que nunca meio que dava certo, [...] ele virou pra mim um dia e falou assim - cê faz teatro? eu to com um projeto de teatro, você quer participar? - aí eu falei – quero, me chama rsrs. E nisso juntou a mim e mais seis adolescentes todos pretos e a gente começou a falar sobre nossas experiências, dessas experiências enquanto pessoas pretas no Distrito Federal nasceu o espetáculo Gigante Pela Própria Natureza. (Annajú, entrevista 30 de set de 2025)

Em sua fala, é possível identificar como o teatro se torna instrumento de autoconhecimento e resistência, sobretudo nesse contexto, visualizando a presença de ações afro referenciadas no contato prévio da participante com as linguagens teatrais nos anos finais

do seu ensino básico, experiência que segundo ela, foi decisiva para seu ingresso na UnB. O convite do professor, coordenador do projeto Solos Negros, Jackson, aparece como continuidade desse percurso: um reencontro entre artes, educação e identidade racial.

De forma distinta, Amanda Reis associa sua trajetória inicial a vivência religiosa. O espaço da igreja foi o primeiro território de expressão artística, especialmente pelo canto, Amanda esclarece “meu sonho de criança era ser cantora, nem me imaginava no teatro [...] tive contato com o teatro, mas nunca me brilhou os olhos, pra mim era muito lindo, é maravilhoso, mas eu canto.” (Amanda, entrevista 29, set de 2025)

Com isso, sua decisão por cursar licenciatura em Artes Cênicas esteve, desde o início, vinculada ao desejo de ser professora, embora ela reconheça que apenas com o tempo compreendeu a indissociabilidade entre arte e docência:

No ensino médio no segundo ano que aparece na minha escola pessoas divulgando curso técnico pronatec de artes circense, eu já estava me interessando por esse mundo das artes e aí eu entrei no curso, fiz um ano de curso técnico, todos os dias após a aula [...] Sempre gostei da licenciatura em si, então meu negócio nas cênicas foi porque eu queria ser professora. Eu não imaginava que pra ser professora de teatro é preciso ser artista pra continuar pulsando isso. (Amanda, entrevista 29 de set de 2025)

Já na UnB, Amanda inicia um projeto teatral autoral — Respeite Meus Cabelos — em que se estruturava em torno das vivências dela enquanto uma mulher negra em meio a sociedade, demonstrando assim os primeiros interesses conscientes entre o estudo das relações étnico-raciais para sua formação.

Isso despertou o interesse de Jackson que a convidou para o projeto, o que causou deslumbre em Amanda com o nome do projeto “Solos Negros nas Escolas” exatamente por conta do seu interesse na licenciatura, pois ali vislumbrou a possibilidade de aprofundar estudos sobre referências negras e práticas pedagógicas afro centradas, que foram provocadas a partir do interesse ao Teatro Experimental do Negro¹⁶ (TEN), presenciado em uma aula da disciplina do currículo da graduação em Artes Cênicas da UnB, Teatralidades Brasileiras.

Em Teatralidades Brasileiras tive contato com referência negra com a professora Rita de Cassia, que ela traz um livro do (TEN) e me interessei, mas como a professora fez uma aula por cima e ela não aprofundou muito, eu só

¹⁶ Foi um grupo teatral brasileiro fundado em 1944 por Abdias Nascimento (1914-2011)

apresentei, era pra algo relacionado a iniciativa pedagógica. (Amanda, entrevista 29 de set de 2025)

Sua fala elucida um duplo movimento: a busca por repertórios estéticos afrorreferenciados e o desejo de incorporá-los a sua prática docente.

Já Camille Lins apresenta uma história de contato com o teatro que é tardio, antes de ingressar nas Artes Cênicas, cursava engenharia na mesma universidade, ela declara que seu contato com experiências artísticas se deu somente com o pouco contato na escola, logo sem experiências significativas ao ver dela. Sua participação no Solos Negros se motivou inicialmente pela necessidade de sustento financeiro na universidade, uma vez que o projeto ofereceria bolsa de extensão: “Olha sendo bem sincera a minha maior motivação mesmo foi a bolsa” (Camille, entrevista 24 de set de 2025)

Assim como citado no capítulo anterior, em que reafirmo a partir das conclusões de Mesquita (2003), a dimensão por essa busca da permanência estudantil, especialmente para os alunos de realidade periférica do Distrito Federal, a fala de Camille revela o papel das políticas de extensão (PROEX) e de permanência estudantil (PNAES) não somente como formativos, mas também de manutenção de estudantes na universidade pública. Entretanto, ao longo de sua participação, Camilly passa a reconhecer no projeto um espaço de pertencimento e aprendizado estético-pedagógico, ressignificando sua motivação inicial.

Gabriel Matos, por sua vez, trilha seus caminhos no teatro desde os onze anos de idade em uma escola pública de Planaltina – Distrito Federal em que ele fez parte da companhia de teatro Língua de Trapo:

comecei a fazer teatro com 11 anos na quinta série, através de um diretor da escola que eu estudava que quis criar um grupo de teatro no contraturno e na sexta série eu entro pra sala de altas habilidades do GDF e nisso entrei pra companhia de teatro Língua de Trapo, mesma companhia da Fernanda Duarte, fiquei na companhia entre 2008 a 2013. (Gabriel, entrevista 07 de out de 2025)

Experiência que marcou sua formação artística e ampliou sua compreensão do teatro como espaço coletivo, porém apesar dessa bagagem, ele reconhece que sua maior motivação inicial também foi a necessidade financeira.

A partir dessas realidades entre Gabriel Matos e Camille Lins e, aqui, me incluo enquanto beneficiário PNAES, não apartando os outros participantes, trago aqui uma questão a ser refletida, de que modo as ações de política estudantil para permanência do graduando

em situação de vulnerabilidade socioeconômica realmente ampara a comunidade discente para que ele possa se dedicar a trajetória acadêmica evitando sua evasão e o fortalecimento do racismo institucional, pois, nesse sentido Almeida (2019) expõe:

O PNAES tem como objetivo a oferta de subsídios financeiros (bolsas e auxílios); moradia estudantil e alimentação no Restaurante Universitário (RU) para estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica que estejam matriculados nos cursos de graduação presencial das IFES, buscando agir preventivamente nas situações de retenção e evasão decorrentes da insuficiência de condições financeiras. (Almeida, 2019, p, 192.)

Deste modo, para além de ter ações que contemple o sentido do eu estudante negro, periférico e o estudo dos seus ancestrais na contribuição do seu povo o apoio a permanência estudantil contribui de forma essencial para a valorização dos estudos afro-diaspórico desses discentes.

Fernanda Duarte, que chega no projeto na edição de 2024, relata uma trajetória iniciada em sua comunidade rural situada em Planaltina - Distrito Federal, onde teve o primeiro contato com o teatro por meio de um projeto social itinerante na sua comunidade, em que ela participou da primeira montagem teatral de sua carreira baseada em *Sonho de Uma Noite de Verão*, obra de autoria de William Shakespeare¹⁷:

Início no teatro em 2011, eu sempre quis fazer teatro, não teatro, mas, sempre quis atuar. [...] em 2014 na escola eu comecei a fazer teatro com uma professora, ela me convida a entrar na companhia Boca de Trapo nisso fizemos novamente sonho de uma noite de verão, e nessa cia eu me senti pertencente. (Fernanda, entrevista 09 de out de 2025)

Ao relembrar seu ingresso no Solos Negros, Fernanda menciona o impacto de observar uma atividade do grupo antes da sua participação — exercício de aquilombamento “Nego Fugido”, inspirado na manifestação cultural do Quilombo de Acupe (BA), e como a presença de docentes, mestrandos e doutorandos firma o tempo de pertencimento com o projeto, Fernanda conta:

Conheci o projeto antes de eu entrar nos solos negros em 2023, onde os participantes estavam em uma atividade chamada “nego fugido” na área externa do departamento. [...] em 2024 com a presença de professores negros no elenco foi muito importante para a gente se reconhecer a partir

¹⁷ (1564-1616) foi um dramaturgo e poeta inglês.

das nossas partidas de como a gente vai se percebendo enquanto pessoa negra. (Fernanda, entrevista 09 de out de 2025)

Essa narrativa enfatiza a importância de ter professores e mestrandos negros como espelho e inspiração tanto no ensino básico quanto na formação de professores, ecoando a máxima constantemente repetida pelo coordenador Jackson: “eu sou porque somos”, expressão de filosofia Ubuntu¹⁸.

Essas trajetórias revelam que as motivações para a participação do Solos Negros vão desde a busca por uma formação docente e artística afrocentrada até a necessidade de permanência universitária e o desejo de pertencimento identitários.

Apesar das diferenças, as falas convergem ao indicar que o projeto se tornou espaço de (re)encontro entre arte, ancestralidade e formação docente, reafirmando o caráter plural e político da extensão universitária enquanto campo de formação de sujeitos críticos e conscientes de sua história.

Neste sentido, De Oliveira (2020) enfatiza a importância de letrar racialmente as pessoas formadoras de docentes para que seus futuros discentes se conscientizem sobre o lugar do negro no Brasil, formando no contexto educacional básico o sentido de “eu sou porque somos.”

Por uma questão simples: educadores são também sujeitos que marcam a ancestralidade das novas gerações, pois todos nós temos uma história marcante na vida em que, os que nos educaram, sempre estão impressos em algum momento de nossas narrativas de coração. (De Oliveira, 2020, p. 18)

Diante a estes turbilhões de motivações que evidência os interesses dos participantes, as falas dos licenciandos-performers descrevem que o Solos negros enquanto extensão não se limitou a um espaço de prática cênica, transfigurou-se território de aquilombamento, de troca, e de revisitação das próprias histórias e corporeidades.

Nesse sentido de quilombo, é possível perceber como o projeto se constitui como um espaço de experiência formativa, em que, ao fazer artístico se entrelaça ao processo de autoconhecimento, à consciência racial a partir da construção coletiva do saber.

¹⁸ Filosofia de vida do povo Bantú, primeiros povos africanos em que também foram os primeiros escravizados na era da invasão ao Brasil.

2.3. Experiências marcantes em Solos Negros

Entre as experiências nas narrativas dos participantes, emerge de forma geral os momentos de preparação corporal e reconhecimento do corpo como território político, conduzidos pelas artistas-educadoras *Ivana Delfino Mota* e *Kanzelumuka*.

Annajú Carvalho destaca que essas práticas foram fundamentais para que ela pudesse ressignificar a sua relação com o corpo e o espaço em cena, nas suas construções de personagens, rompendo com o padrão de movimento eurocentrado aprendido no CEN. Ela argumenta: “existe uma necessidade interna de explosão que é diferente do que é esse sentido eurocêntrico. Você pode agenciar essa energia ao invés de tentar tolher, que é o que eu sinto muito nas aulas de movimento regulares do curso” (Annajú, entrevista 30 de set de 2025) Essa fala evidencia o que Martins (2023) coloca como

o teatro é para além do texto falado, o texto é essencial; mas como dialogar com quem assiste a partir do corpo, do movimento, do que ele representa, isso para além do falar sobre o negro relacionando em um consciente coletivo, aos orixás, mas pensar suas tantas outras subjetividades (Martins, 2023, p. 51).

Assim o momento de reconexão na preparação corporal é um rito de presença e afirmação. Amanda Reis, nesse sentido em suas declarações resgata a importância de momentos coletivos iniciais de acolhimento, especialmente citando o momento de provocação ao grupo para refletir sobre “em que momento cada um se reconheceu enquanto pessoa negra”, a experiência, segundo ela, foi um choque, pois mostrou o quanto em sua maioria dos integrantes — majoritariamente pessoas negras de pele clara — só haviam se reconhecidos enquanto negros tardiamente. Nesse sentido Amanda questiona:

ter esse choque inicial foi muito importante além de doloroso pra gente perceber tipo “caramba o que a gente tá fazendo né?! Que referências são essas que a gente tá tendo né de vivências cotidianas, sabe?! (Amanda, 29 de set de 2025)

Com essa declaração reforço o que Pinheiro (2023) coloca referente ao letramento racial de pessoas negras no espaço da universidade, que “enegrecer os espaços acadêmicos é uma importante estratégia antirracista.” (Pinheiro, 2023, p 84.)

Assim, trago o sentido do “Nego fugido” citado por todos os participantes, vivência provocado por Ivana Mota e Jackson, que usa o mesmo nome do ato cultural surgido no recôncavo baiano, expressão cultural que reúne a comunidade quilombola de Acupe em Santo Amaro na Bahia-Brasil, voltado a valorização da luta dos povos negros do Brasil na era colonial.

Ter a presença dessa prática no projeto propiciou reconexões profundas entre corpo, espaço e comunidade: “a gente tirou o sapato e pisou no chão, a gente sorria, cantava, suave e foi um momento muito bom.” (Amanda, entrevista 29, set de 2025). Essa mesma vivência, é citado também por Gabriel Matos, para ele, a vivência foi um espaço de autorreconhecimento enquanto homem negro e de aplicação de horizontes em relação ao letramento racial, Gabriel fala:

e o Nego Fugido que fizemos todos juntos, foi muito forte, muito aquilombamento, acho que esse exercício me marcou muito assim durante o processo, foi uma forma da gente se fortalecer enquanto grupo e solo. (Gabriel, entrevista 07 de out de 2025)

Gabriel afirma que antes do projeto, tinha pouco conhecimento sobre referenciais negros, e que o Solos foi um decisivo para que ele se reconhecesse e se posicionasse no mundo a partir dessa identidade, “dentro dessa perspectiva ele conseguiu ampliar meus horizontes” (Gabriel, entrevista 07 de out de 2025) dentro dessa sua fala, ele aponta para um dos maiores alcances do projeto: promover formações sensíveis que questionam o racismo estrutural presente no currículo das Artes Cênicas da UnB. Neste sentido, De Oliveira (2020) enfatiza que “diante do risco de deslegitimação ou enfraquecimento da Lei 10.639/03, e aqui incluo a 11.645/11, é fundamental no espaço acadêmico aprofundar o debate e implementação de ações que vão além da mera conformidade legal” (De oliveira, 2020, p. 25).

Neste sentido, Camille Lins afirma que o processo criativo dentro do projeto foi profundamente descolonizador. Ao trabalhar na criação do seu solo, ela relata ter percebido o quanto seu imaginário artístico ainda estava condicionado à centralidade da branquitude. Esse fenômeno demonstra a necessidade de “romper com os modelos hegemônicos de pensar, ser e ver que obliteram a capacidade das pessoas negras de se enxergarem a partir de outras perspectivas” (Martins, 2023, p 67). Essa percepção foi um ponto macro para Camille, levando-a colocar sua negritude em protagonismo, como ela própria relata: "Entrei em uma

lombra que o personagem que veio pra mim era uma pessoa branca, careca, parecendo um Monje e eu pensei: não, não é sobre isso” (Camille, entrevista 24 de set de 2025)

Com isso o relato de Camille exemplifica a potência deste projeto como dispositivo decolonial simbólico, colocando os licenciandos em Artes Cênicas participantes da Universidade de Brasília a repensarem seus processos criativos e usar suas negritudes como centro da narrativa.

Destaco aqui o que Fernanda, participante de 2024, enfatiza como a dimensão afetiva e memorial do processo. Ela com seu solo em que se trata sobre memória, relata o quanto foi desafiador lidar com memórias doloridas:

falar sobre memória para pessoas negras, é um lugar muito complicado, quando vamos falar sobre memórias da nossa família, que são aquelas que são escondidas, que a gente lembra, mas não fala com as pessoas da nossa família, porque tem muitas que são associadas a dores, né?” (Fernanda entrevista 09 de out de 2025)

Porém, falar sobre memórias, revisitar seus ancestrais é mais que necessário. Tal ato de enfrentamento e ressignificação da memória, que se manifesta a partir das dores compartilhadas na proposta de exercício trago por Jackson, encontra um eco nas práticas da oralitura dos reinados negros¹⁹, onde a memória é um lugar dinâmico que se esvazia e se preenche de sentido para garantir a permanência da comunidade. A chave de sobrevivência da memória reside no que ela significa, indicando a importância de revisitar o passado é justamente a de conferir-lhe um sentido que o faça permanecer e atuar no presente. (Martins, 1997, p. 22)

2.4. A contribuição para o fortalecimento da identidade racial dos participantes

Deste modo no sentido de reconexão com a ancestralidade dentro do Solos para além dele, as narrativas dos licenciandos negros, revelam a potência de aquilombamento em um ambiente universitário no mínimo euro centralizado, essencial para o fortalecimento identitário em especial as pessoas negras de pele clara, que diante a um contexto de

¹⁹ é um conceito proposto por Leda Maria Martins para descrever a produção e disseminação e saberes por meio de manifestações performáticas orais e corporais a partir das memórias do performer.

miscigenação ainda são muito desvalorizadas sobre suas identidades. Camille reforça esse sentido:

Acolhimento mesmo sabe, eu sabia que eu era negra, mas sempre fica aquela coisa, será que as pessoas vão me ver como eu sou, porque eu já fui muito chamada de branca, muito tirada de tempo, sabe? [...] Passar por isso e receber esse acolhimento com certeza fortaleceu a minha identidade. (Camille, 24 de set de 2025)

Essa fala pontua a necessidade de refúgio e validação dos licenciandos negros(as) assim como os bacharelando, esse sentimento de pertencimento é reforçado por Fernanda, quando ela fala “eu cheguei no departamento de artes cênicas já com esse desejo de ter vivências com pessoas negras.” (Fernanda, entrevista 09 de out de 2025) Deste modo o Solos Negros se firma fundamental para a permanência do estudante negro e periférico.

Do mesmo modo, o projeto representou o momento de autoconhecimento quando Gabriel diz “eu me encontrei enquanto homem negro periférico estudante de uma universidade pública que o acesso é difícil pra pessoas de onde eu venho” (Gabriel, entrevista 07 de out de 2025). Esse sentido é reforçado por Martins (2023) quando se é destacado o sentido do aquilombamento como ação firmada de revivência epistemológica quanto a valorização das presenças negras dentro das universidades e na sociedade, “aquilombamento, assim, é o movimento, é a criação de possibilidades outras de existir e se relacionar. É a reunião de corpos em transbordamento, corpos em ação, que são. (Martins, 2023, p, 44.)

O fortalecimento identitário nesse contexto universitário, não é apenas um processo subjetivo, mas uma estratégia de sobrevivência e reparação dentro da universidade, estando alinhado diretamente aos objetivos de inclusão e valorização da lei 10.639/2003.

O processo de fortalecimento identitário está intrinsecamente ligado à descolonização epistemológica promovida pelo projeto. As respostas enfatizam a importância do letramento racial e da substituição do cânone tradicional por referências afrobrasileiras indígenas e afrodiaspóricas no currículo da licenciatura em Artes Cênicas da UnB, e que causem interesse com pautas que estão alinhadas a realidade do graduando, essa questão é ilustrada na fala de Amanda quando ela relata sua dificuldade com a leitura acadêmica

Antes dos solos era muito complicado minha relação com a leitura por conta de ser muito acadêmico e distante de mim, eu não conseguia me reconhecer,

e com os solos eu começo a conhecer escritoras negras, Leda Maria, Conceição Evaristo [...] “caramba isso aqui me interessa, isso aqui faz sentido para mim, despertei até esse meu lado que eu já tinha perdido, que era ao hábito da leitura. (Amanda entrevista, 29 de set de 2025)

Esse movimento de “escurecer as referências” termo entoado pelo coordenador Jackson, foi o motor para que os licenciandos vejam as singularidades ao seu redor por um olhar que “não é branco”. Gabriel, destaca que o referencial teórico preto consolidado foi o grande diferencial para o reconhecimento de suas próprias potencialidades.

Esta ênfase no repertório e na cosmovisão negra demonstra como o projeto articula, na prática e teórica cênica, os dispositivos da lei que obriga a inclusão do ensino das histórias dos povos afro-indígena do Brasil, neste contexto na formação de professores em Artes Cênicas, promovendo uma formação que prioriza a ancestralidade e a produção de conhecimento negro como eixos curriculares e assim o melhor preparo de licenciandos para que a referida lei seja reverberada em suas atuações no ensino básico.

Neste sentido, Antunes (2024) argumenta que a contemplação do letramento racial na formação de futuros docentes é crucial para a Educação Básica, pois permite o desenvolvimento de práticas pedagógicas que respeitem as diversidades, promovendo a igualdade no ensino. Essa necessidade é reforçada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que exige uma educação que valorize a pluralidade étnico-racial, capacitando os professores a lidarem com essas questões de maneira crítica e construtiva. (Antunes, 2024, p 4)

Neste cenário, resumo aqui a partir da fala da participante Fernanda que adentra o projeto em 2024, que frisa os desafios estruturais discutidos anteriormente, em se manter na universidade e poder ter a possibilidade de estar em um projeto de extensão universitária, por mais potente que seja a pedagogia afro referenciada, neste caso o Solos Negros, a formação decolonial esbarra nas condições materiais de existência do estudante negro periférico trabalhador.

O tempo, que é abundante para o estudante com privilégios de classe, é o principal obstáculo para dedicação total ao projeto dentro da universidade, Fernanda declara: “eu moro sozinha, estudo em uma universidade pública que demanda muito da nossa rotina e que também tenho que trabalhar, pagar minhas contas, e nos solos foi o momento que eu tive um respiro.” (Fernanda, entrevista 09 de out de 2025)

O fator determinante para a formação consciente dos licenciandos, foi e é a assunção do papel da afrocentricidade como eixo central de suas práticas pedagógicas e artística, colocando em função as demandas da lei 10.639/03 — assim também a 11.645/2008 — Camille sintetiza essa questão ao declarar “eu vou a partir de agora afrocentrar as minhas narrativas, as minhas aulas, meus processos cênicos.” (Camille, entrevista 24, set de 2025) essa fala coloca em reflexão o que Almeida C (2019) nomeia como um processo de “exclusão includente” nas escolas em que, criam e recriam contextos como o Dia da Consciência Negra nas escolas, somente, o que se expressa ação insuficiente que em sua maioria não produz efeito para reverter o racismo nas escolas. (Almeida C, 2019)

Essa questão vem acompanhada de uma crítica contundente levantada por Camille à formação tradicional nas Artes Cênicas da UnB:

Em nenhuma matéria na UnB que não tenha sido em encenação 1 com o próprio Jackson eu ouvi falar sobre o teatro experimental do negro, tem que ter disciplinas, no plural, sobre isso, obrigatória para todos os cursos, licenciandos e bachareis” (Camille, entrevista 24 de set de 2025)

Neste contexto, Gabriel declara:

Eu poderia estar em sala com alunos somente brancos, mas eu mesmo assim entraria com essa prática docente, porque quem precisa escutar sobre racismo não é nos negros, quem precisa escutar sobre racismo são as pessoas que precisam refletir sobre. (Gabriel, entrevista 07 de out de 2025)

Essa postura demonstra que o professor licenciado em Artes cênicas na UnB que vivenciou o Solos Negros, assume, a responsabilidade de pautar o debate racial para todos os seus alunos. Assim também importante ressaltar que as vivências no projeto não se limitaram à teoria, mas forneceu ferramentas metodológicas concretas que os licenciandos levam para suas práticas em sala de aula, a exemplo de Fernanda, ela adota a metodologia de construção de cena a partir das memórias, baseado em Afrografias da Memória de Martins (1997):

Eu levo pra todos os processos e eu não largo nunca mais porque, é uma potência tão grande falar das nossas memórias e criar a partir delas, e do lugar do pertencimento, eu percebo uma diferença muito grande dentro da sala de aula quando isso é proposto, relembrar, acessar memórias e como as pessoas também se abrem para esses momentos[...] (Fernanda, entrevista 09 de out de 2025)

De maneira semelhante, Annajú relata ter aprofundado o entendimento das afros epistemologias para além do entendimento de colonialidade que como citado por ela “é superficial”, o que a levou a escrita do seu trabalho de conclusão de curso, sobre a criação de metodologias afrodiaspóricas para a arte educação. A partir de questionamentos levantados por autores como Luiz Rufino, Annajú fala:

Rufino vai falar que, essa travessia do navio negreiro ele cria duas perspectivas, a perspectiva de quem vai sabendo que não tem retorno e sem saber o que vai encontrar, e a perspectiva de quem fica sabendo que quem vai não volta. E eu acho que pra gente cria uma terceira perspectiva do que fica pra mim, o que se perdeu nessa travessia que me pertence ou o que se misturou tanto nesse processo até aqui que faz que eu não consiga mais identificar onde começa minha cultura e onde termina no outro, tudo isso é minha cultura, como eu aplico isso dentro de sala de aula, como que as crianças podem assimilar isso de uma outra maneira? (Annajú, entrevista 30 de set de 2025)

As falas de Fernanda e Annajú convergem na discussão sobre, em que medida podemos utilizar as perspectivas do período escravocrata como ressignificação do sofrimento nos descendentes dos povos afrobrasileiros e indígenas.

O objetivo da pesquisa dela é levar os alunos da educação básica a refletirem teórica e esteticamente em seus estudos acerca da implementação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Neste sentido, a ação pedagógica se alinha ao que Almeida C (2019) considera essencial: “Torna-se imperioso uma educação politicamente engajada, a favor de demandas diferenciadas, colocando as etnias africanas e afro-brasileiras como protagonistas de sua trajetória histórica cultural.” (Almeida C, 2019, p 72)

Nessa reflexão que tensiona, Amanda assume o compromisso com a educação de estar presente na pauta racial o ano inteiro e não somente no dia da consciência negra:

Firmo esse compromisso de que eu preciso ter outras formas, outras pedagogias, outras possibilidades para estar dentro de sala que não seja branca hegemônica. Esse compromisso com a educação de entender que eu estou aqui independente da lei, vou me fazer presente o ano inteiro e não somente no dia da consciência negra e continuar compromissada (Amanda, entrevista 29 de set de 2025)

Essas reflexões evidenciam o verdadeiro significativo do falar sobre pautas raciais como ato rotineiro dentro das escolas, o racismo ele existe e está presente, não é somente no dia vinte de novembro que precisamos falar sobre racismo, e sim todos os dias, com isso uma

formação docente crítica e sensível coloca o professor para com a sala de aula, mediador de questões que coloque os alunos do ensino básico refletirem sobre a realidade em que se fazem cidadãos.

3. O LEGADO DO SOLOS NEGROS: REPERTÓRIOS ESTÉTICOS, CORRESPONSABILIDADE DA BRANQUITUDE PELA LUTA ANTIRRACISTA E O LETRAMENTO RACIAL

A percepção majoritária dos participantes é que o projeto é a efetivação prática e emergencial da lei e do parecer na universidade no contexto da graduação em Artes Cênicas. Este fato é evidenciado na figura 06 a seguir

Figura 06 – Vencedor prêmio anual de inovação UnB



Fonte: [instagram.com/solosnegros](https://www.instagram.com/solosnegros)

Na imagem, nota-se essa ação eficaz, tendo reconhecimento por parte da universidade de Brasília como vencedor do Prêmio Anual de Inovação no Ensino de Graduação da Universidade de Brasília na categoria, integração ensino-pesquisa-Extensão.

Essa ação é considerada reparadora, pois a universidade, nessa circunstância falhou e falha em cumprir o que a legislação exige a anos. Camille explicita que, na ausência de disciplinas que fale sobre essas questões na licenciatura e aqui cito também o bacharelado, o professor negro teve que abrir uma extensão universitária para suprir esse vazio curricular:

Os solos negros entraram ali e preencheu uma lacuna e eu acho pouco ainda, porque tinha que ser uma coisa obrigatória porque a gente aprendeu muito, a gente estudou o TEN, a gente viu documentário, a gente viu vídeo de teatro musical negro, a gente descobriu estética, a gente conversou e trabalhou com pessoas da periferia. (Camille 24 de set de 2025)

Essa fala de Camille, demonstra que sim, há estéticas negras que podem ditar ou complementar o estudo das práticas pedagógica e estéticas nas disciplinas do CEN. Gabriel complementa reforçando a demora para que pudéssemos ter um projeto com essa dimensão dentro do departamento:

Tendo em vista que, a pouco tempo nosso departamento já está sendo inserido professores negros, em 2023 o professor teve essa capacidade de pensar a lei e criar o projeto, pois a universidade é isso, ela não é só o currículo, ela é muito maior, temos muitos outros campos para a gente poder abrir no departamento. (Gabriel, entrevista 07 de out de 2025)

Nessas declarações, o projeto, portanto, surge como uma prática de resistência que, embora digno, expõe a inércia institucional dentro do CEN. Neste sentido, De Oliveira L (2020) reforça:

o trabalho antirracista envolve a dedicação militante em todos os momentos da vida de negros e brancos antirracistas. Mas o que é ser militante antirracista? Como se insurgir contra as práticas racistas? As respostas a estas perguntas não possuem uma receita de bolo. O que podemos apontar são simplesmente algumas pistas. (De Oliveira L, 2020 p, 24)

Em resumo a partir dessas declarações, o Solos Negros é um agente de transformação essencial que tenciona o corpo docente do CEN da Universidade de Brasília a assumir a responsabilidade de uma formação docente decolonial que seja obrigatória, curricular e interligada.

O Solos Negros, enquanto extensão afrocentrada, se consolida como um divisor de águas para a formação do futuro docente em Artes Cênicas e para a própria UnB. Os participantes, em uníssono, afirmam que o fazer das artes negra na universidade não é apenas um ato político, mas um imperativo de excelência artística e pedagógica. Na figura 07, os participantes da primeira edição do projeto afroreferenciado Solos Negros

Figura 07 - da esquerda para direita Gabriel Matos, Annajú Carvalho, Amanda Reis, Jackson Tea e Camille Lins, em 2023.



Fonte: [instagram.com/solosnegros](https://www.instagram.com/solosnegros)

Diante deste contexto de ensino que prepara docentes para sua práxis dentro de sala de aula com as pautas raciais e sociais, a contribuição dos Solos Negros é marcada pela introdução de uma linguagem afrocentrada e intencional essencial para descolonizar a prática pedagógica cênica. Camille evidencia:

Jackson sempre falava: seu solo é uma peça infantil e é muito bom isso porque a galera tá acostumada com chapeuzinho vermelho [...] a sua peça é uma peça infantil, mas é uma peça infantil afro centrada. De novo reforçando aquilo de tirar o colonizador, o branco da cabeça e ter novas referências. (Camille, entrevista 24 de set de 2025)

Neste sentido, Amanda complementa ao reconhecer a vasta diversidade estética negra herdada dos povos africanos e seus descendentes no Brasil, que se nutre de elementos como búzios, os próprios orixás, cores e tecidos variados combatendo a ideia única de padrão estética.

Esse pensamento é complementado citando novamente o TEN por Amanda e Camille, solidificando a contribuição histórica em que o Solos rompe com o eurocentrismo e fornece uma vasta de possibilidades visuais e conceituais para criação e ação pedagógica afrorreferenciada.

O projeto ofereceu aos licenciandos um novo arsenal de metodologias de criação e pesquisa diretamente aplicáveis à docência. Neste sentido, a partir do contexto das lutas pela transformação social, De Oliveira L (2020) afirma importante refletir sobre a própria natureza da ação pedagógica insurgente:

Em movimento, esses sujeitos anunciam que existem outras formas de pensar o mundo, outras formas de projetar a vida e que é necessário reorganizar a condição humana superando a condição sub-humana. Assim, o foco no trabalho acadêmico com as juventudes deveria nos conduzir à ideia e práxis de que quaisquer processos educacionais que se pretendem focar numa educação crítica e de qualidade, só tem a possibilidade de serem como se pretendem se forem engajadas e insurgentes. (De oliveira L, 2020 p 20)

Essa perspectiva reforça a necessidade de uma prática pedagógica na licenciatura em Artes Cênicas que vá além da retórica e argumentação antirracista, promovendo uma ação concreta de transformação, na qual educandos e educadores se insurgem contra as imposições hegemônicas e articulam novas formas de pensar e agir no mundo a partir dos

estudos pedagógicos e estéticos das Artes Cênicas, assim como mostra a figura 08 a seguir, a qual demonstra uma troca entre licencianda e professores do CEN.

Figura 08 – da direita para esquerda Fernanda Duarte, Jackson Tea e Jennifer Jacomini (Professora adjunta do CEN contribuinte no projeto em 2024)



Fonte: [instagram.com/solosnegros](https://www.instagram.com/solosnegros)

Nessa perspectiva, reforço a ênfase no letramento racial e teórico que é fundamental para a ação do professor em formação. Gabriel Matos afirma essa questão na declaração de que as metodologias que ele utiliza em sala de aula estão inteiramente voltadas para a realidade social e racial dos seus alunos, fazendo um elo entre repertórios adquiridos e a necessidade de prática engajada com as questões étnico-raciais e sobre a pedagogia do afeto.

Gabriel destaca a internalização da pedagogia do afeto promovida pelo Jackson, que é vista como essencial no contexto da escola pública, onde a transmissão de conteúdo não pode ser dissociada da humanização e da escuta.

Dessa forma, é entendido que o projeto municiou os futuros professores e professores já licenciados com o conhecimento, a metodologia e, sobretudo, a postura ética e política necessárias para atuar como agentes transformadores e decoloniais na educação básica.

Camille cita como o Laboratório de Crítica Teatral (LACRI), projeto de extensão coordenado pela professora adjunta do Departamento de Artes Cênicas Julia Guimarães, lida

socialmente como uma pessoa branca, conta com o protagonismo iniciado por duas licenciandas negras, Raissa Frazão e Ellen Gabis. O que é algo palpável sobre o ofício do formador de futuros(as) professores(a) no ensino superior, que procura colocar o corpo negro como protagonista de suas narrativas e seus interesses:

é só uma correlação que eu faço de que a gente tem que ocupar cada vez mais os espaços, é preto na crítica, na produção, preto iluminando espetáculo, preto pesquisando, o legado do projeto é esse: a gente pode fazer o que a gente quiser. (Camille, 24 de set de 2025)

Diante a este cenário de possibilidades antirracista em que o Solos Negros cria de letramento racial, aquilombamento, afirmação de identidade, é de elementar abrolhar o papel da branquitude, colocando-os a cessar a ideia de que “brancos já entendem tudo” ou “não têm nada a ver com isso”.

Diante isso, a inclusão da perspectiva de Luiza Nugoli, participante já licenciada lida e autodeclarada branca do projeto extensionista afrorreferenciado, oferece uma dimensão crucial à análise em questão da responsabilidade da branquitude na luta antirracista nessa circunstância, de formação docente.

Neste sentido, fincar a lógica decolonial no pensamento branco pelo viés das artes negras se estrutura como meio de colocar a reflexão na branquitude o sentido de: o poder não somente os pertences, como pode ser complemento da ampla estética negra, que são renegadas no meio artístico, neste sentido para Cunha (2025)

A crítica decolonial nas artes tem como função questionar as relações de poder que estabelecem o que é considerado arte e quem tem o direito de produzi-la e ter seu trabalho reconhecido. Além disso, a decolonialidade estética investiga como essa distinção entre arte e não arte vai além do valor artístico, atuando como um regime poderoso que dissimula a classificação ontológica e a desumanização dos indivíduos marginalizados por essas estruturas (Belém, et al apud Cunha, 2025 p. 05)

Essa reflexão se evidencia quando Nugoli menciona sua experiência em Salvador no estado brasileiro da Bahia, em uma viagem a trabalho após ter participado do projeto:

Vou citar o principal que foi a história da Maria Felipa, durante o ensino médio não estudei, nem Maria Quitéria, guerreiras que esteve na linha de frente na batalha na ilha de Itaparica. E é a história do nosso país, uma das principais

histórias, em um contexto histórico que não devia estar nos livros de história, então foi importante pra mim saber dessa história e o mais engraçado, ao saber dela parecia que as coisas iam surgindo.

Em junho de 2025 eu estava em Salvador, passei 37 dias trabalhando e eu andava muito na cidade atrás de adereços para confecção de figurinos dos espetáculo que estávamos produzindo e nessas andanças eu me deparei com uma parede pintada à Maria Quitéria que era uma das soldados de guerra daquela época, e eu me lembrei da Maria Felipa pois as histórias se complementam e eu fiquei tão feliz de ver e poder saber e de olhar para aquela parede e falar - eu conheço a sua história, todo seu contexto, eu conheço porque ela me foi contada e não foi só mais uma arte na rua que eu passei e não observei, eu fiquei olhando pra ela por um tempo pra depois continuar o caminho... e eu só pude entender tudo isso por conta dos espetáculos dos Solos Negros pelas referências que estar nesse projeto me trouxe. (Luiza Nugoli, entrevista 10 de nov de 2025)

Essa conscientização é o passo inicial para o letramento racial, neste contexto da então licenciada, que se manifesta em seu assombro pela invisibilização histórica. O relato de ter conhecido personas históricas da história do Brasil que não nos é realmente contada nos anos iniciais de estudos, prova que o Solos Negros enquanto extensão contribuinte na formação de professores de teatro como das artes, atua diretamente na correção do déficit histórico-cultural imposto pelo currículo eurocentrado no ensino regular.

Com isso o letramento racial do futuro professor branco, abre um leque para a inserção dessas pautas dentro das suas futuras práticas pedagógicas em salas de aulas de ensino regular básico contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária rompendo com a colonialidade do saber

Neste ponto de vista pedagógico, o legado firmado nas declarações de Luiza reside na prática antirracista e eficaz, ela destaca sobre o compromisso de abordar temáticas afro-indígena referenciadas para além da forma superficial, sendo um fator crucial para uma arte educadora branca comprometida com uma educação étnico-racial eficaz.

O legado está justamente em olhar e observar esse lugar para o estudante inserido nessa realidade e desenvolver com ele essas questões, principalmente ensino regular que é onde se forma muitas características daquele ser humano. Pois uma das coisas que aprendi no projeto é que as crianças e adolescentes são realmente desacreditadas de chegar lá isso não dá mais pra aceitar a muito tempo, e para os outros estudantes do departamento esses estudos são necessários. (Luiza Nugoli, entrevista 10 de nov de 2025)

Por fim, a fala dela converge com as dos participantes negros performers ao reiterar a crítica institucional, ela defende que o cumprimento da lei 10.639/03 depende de que os professores em formação tenham acesso a essas temáticas dentro das universidades.

Com isso o Solos Negros, nessa perspectiva, se consolida como um espaço que convida a branquitude a assumir essa corresponsabilidade no enfrentamento do racismo estrutural e institucional, transformando o estudo das Artes Cênicas firmada em afro-indígena brasileira referência em uma ferramenta de ação e reparação para todos os envolvidos.

Neste sentido, a ação do protagonismo negro mediado por uma docente de ensino superior, evidência que, o projeto de extensão Solos Negros atua como um potente dispositivo de transformação. É nessa dimensão de ação e conscientização que se manifesta a perspectiva da educação popular proposta por Paulo Freire (*apud* Melzer), “demonstrando seu potencial de atuação transformadora nas esferas políticas e pedagógicas” (Melzer, 2024, p. 4).

Por fim, o legado deste projeto, fortificado na voz de Gabriel, é a ação da micropolítica colocando o corpo negro como donos da sua própria narrativa diante ao domínio de poder acostumado pela sociedade:

O grande legado mesmo é essa descentralização do pensamento. Pensar da periferia para o centro e não do centro para a periferia. Essa descentralização do discurso e apropriação do nosso discurso enquanto pessoa negra, colocar essas palavras na nossa boca e dizer com muito afinco, com muita propriedade do que a gente quer, porque essa é a única maneira que a gente vai conseguir fazer micropolítica pois não temos esse poder macho, porque sabemos quem conduz esse macro. (Gabriel, entrevista 07 de out de 2025)

Portanto, se espera que o projeto seja abraçado por mais professores para não deixar morrer e que se torne parte da história da universidade, pois é ação necessária para alcançar a transformação social no contexto das Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo com finalidade de encerrar esse estudo cujo objetivo central foi analisar a relevância do projeto de extensão afro-indígena referenciado Solos Negros, na formação de artistas-educadores na Universidade de Brasília, trago aqui minhas conclusões sobre como sua estruturação e desenvolvimento contribuíram e continuam a contribuir para uma formação docente decolonial em Artes Cênicas/teatro em consonância com as diretrizes e bases da educação brasileira e a lei 10.639/2003 e consequentemente a 11.645/2008.

Com efeito, esta ação formativa se configura como um espaço de pedagogia decolonial em ação, essencial para suprir a omissão curricular na graduação em Artes Cênicas da UnB e efetivar, na prática, os preceitos da lei 10.639/2003 e, subsequentemente, da 11.645/2008. Prepara-se, assim, uma nova geração de professores-artistas conscientes e afro-indígenas centrados, comprometidos com um ensino básico que contemple os mais variados contextos culturais e étnicos presentes nas salas de aulas.

Conforme colocado nas declarações dos participantes, o projeto também se estabelece como um espaço de aquilombamento para o corpo discente negro, em sua maioria periférico, que frequentemente é compelido a abdicar de seus interesses e potencialidades artísticas. Neste sentido, uma preparação consciente e alinhada a essas pesquisas, incentiva esses discentes a trabalharem suas criações artísticas, estéticas e pedagógicas a partir de suas próprias narrativas e da realidade em que estão inseridos, desconstruindo a verdade absoluta que estruturalmente é ensinada desde os primeiros anos escolares.

Dessa maneira, torna-se palpável a formação de professores atentos e preocupados com essas pautas de forma aprofundada, tendo uma gama de viabilidades de repertórios que contribuem para produções e pedagogias em sala de aula a partir do tensionamento do parecer do conselho nacional de educação CNE/CP 003/2004.

O Solos Negros é um projeto cuja relevância transcende sua ação exclusiva sobre o conteúdo afro-indígena e afrorreferenciado. Sua continuidade exige o engajamento coletivo do corpo docente e discente, negros ou não, de modo a fortalecer sua permanência. É um espaço que mais estudantes negros se sintam pertencentes e mais estudantes brancos entendam a sua corresponsabilidade em pesquisar essas referências e trabalhar também a partir dos repertórios artísticos estéticos de seu próprio país.

REFERÊNCIAS

- AQUILOMBAMENTO: conexões de afeto e ancestralidade. **Geledés**, 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/aquilombamento-conexoes-de-afeto-e-ancestralidade/>. Acesso em: 8 dez. 2025.
- ALMEIDA, Carla Verônica Albuquerque. Currículo afrocentrado: implicações para a formação docente. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE**, n. 31, p. 71-86, 2019.
- ALMEIDA, Mônica Rafaela de; OLIVEIRA, Isabel Fernandes de; SEIXAS, Pablo de Sousa. Programa Nacional de Assistência Estudantil em uma universidade pública. **Psicologia em Pesquisa**, v. 13, n. 2, p. 191-209, 2019.
- ANTUNES, Ciro Carlos. Letramento racial na formação de professores: desafios e estratégias. **International Journal of Professional Business Review**, v. 9, n. 10, p. 6, 2024.
- BRASÍLIA (DF). **Cartilha Antirracismo CEN/UnB**. Organizadoras: Profa. Cyntia Carla. Brasília, DF: Edição do Autor, 2024. 24 p.
- CUNHA, Amanda. A linha que nos divide: o teatro negro racializando a branquitude. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 15, n. 1, p. e136932, 2025.
- DE FREITAS, Tiago Moraes; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura. Formação docente na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais: a insurgência contemporânea de uma aprendizagem da docência antirracista. **Educação em Foco**, v. 27, n. 51, p. 1-32, 2024.
- DE OLIVEIRA, Érico José Souza. Artes cênicas e decolonialidade: conceitos, fundamentos, pedagogias e práticas. **eManuscrito**, 2022.
- DE OLIVEIRA, Érico José Souza. Os invisíveis corpos negros das artes cênicas decoloniais: entre pesquisas, práticas culturais e currículos. **Pitágoras 500**, v. 14, p. e024002, 2024.
- DE OLIVEIRA, Luiz Fernandes. Opção decolonial e antirracismo na educação em tempos neofascistas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as – ABPN**, v. 12, n. 32, p. 11-29, 2020.
- DE SOUZA VILAFORTE, Rejane Alves. A Lei 10.639/2003: os desafios do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica. **UÁQUIRI – Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFAC**, v. 6, n. 1, 2024.
- DOS SANTOS, Antônio Nacílio Sousa et al. Por uma “pedagogia negra”: enegrecer o currículo e o ensino para romper com a normatividade branca, enfrentar o epistemicídio educacional e afirmar a população negra como sujeito epistêmico. **Observatório de la Economía Latinoamericana**, v. 23, n. 6, p. e10259, 2025.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n 24, p 213-225. 2004

ELOI, Verônica. Decolonialidade: desvendando o pensamento que desafia a colonialidade. **E-Docente Ensino Médio**, 2025. Disponível em: <https://www.edocente.com.br/blog-decolonialidade-desvendando-o-pensamento-que-desafia-a-colonialidade/>. Acesso em: dez. 2025.

FERREIRA, Fernanda Lima; EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. Currículo e relações étnico-raciais na formação de professores de teatro. **Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira**, v. 1, p. 162-171, 2023.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Soraya. **Teatralidades-aquilombamento: várias formas de pensar-ser-estar em cena e no mundo**. Belo Horizonte: Javali, 2023. 240 p.

MELZER, E. E. M.; ZANROLENZI, M. A.; TAUSCHECK, N. M. Pensar a Universidade e o Tripé Ensino, Pesquisa e Extensão a partir de Paulo Freire. **Revista Multifaces**, v. 6, n. 2, p. 1-7, 2024.

MESQUITA, Marcos. Movimento estudantil brasileiro: práticas militantes na ótica dos novos movimentos sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 66, p. 117-149, 2003.

MOREIRA, Adilson José. **Letramento racial: uma proposta de reconstrução da democracia brasileira**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2024.

NERY, Marina. Departamento de Artes Cênicas lança cartilha antirracista. **UnB Notícias**, Brasília, 24 mar. 2025. Disponível em: <https://noticias.unb.br/ensino/7908-departamento-de-artes-cenicas-lanca-cartilha-antirracista>. Acesso em: 2025.

ONOFRE, Joelson. Repensando a questão curricular: caminho para uma educação antirracista. **Práxis Educacional**, v. 4, n. 4, p. 103-122, jan./jun. 2008.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. 160 p.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: etnocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-126.

ROSSETO, Robson; DA SILVA WISNIEVSKI, Roberta Jorge. O ensino do teatro na Base Nacional Comum Curricular. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 7, n. 3, p. 1514-1527, 2021.

SABALLA, Viviane. Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana: o papel da extensão universitária na formação continuada de professores em interface com a implementação da Lei Federal nº 10.639/2003. **Revista Educação e Políticas em Debate**, Pelotas, v. 9, n. 3, p. 692-707, set./dez. 2020.

SANCHEZ, Livia. Implementação da Lei 10.639/2003: competências, habilidades e pesquisas para a transformação social. **Pro.posições**, São Paulo, v. 28, n. 1 (82), jan./abr. 2017.

SANTOS, Patricia. Quem foi Maria Felipa, a estrategista símbolo na independência da Bahia. **Alma Preta**, 2024. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/quem-foi-maria-felipa-a-estrategista-simbolo-na-independencia-da-bahia/>. Acesso em: 23 out. 2025.

SOARES, Glaucilene Ferreira. **Currículo e questões étnico-raciais nos cursos de Artes Cênicas da UnB: problemáticas, desafios e perspectivas**. 2023. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Cênicas) — Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Licenciatura em Artes Cênicas**. Brasília, 2025. Disponível em: <https://cen.unb.br/graduacao/licenciatura-em-artes-cenicas-diurno/>. Acesso em: **2025**.

Apêndice A – Nota de repúdio do CEN

NOTA DO DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS A TODA COMUNIDADE DO IDA.

Diante do alerta de discentes negras, negres e negros acerca de denúncias de racismo no departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, o corpo docente dessa unidade vem manifestar que não medirá esforços para lutar contra o racismo estrutural que marca historicamente a sociedade brasileira. Cientes do impacto de nossa formação colonial, sabemos que precisamos estar constantemente alertas para evitar que hábitos arraigados ou falta de letramento acerca de questões sensíveis ligadas a grupos historicamente desprivilegiados possam incidir em algum tipo de desrespeito ou agressão. Somos irrestritamente defensoras e defensores de toda política de inclusão, de acesso e de permanência na universidade pública de grupos historicamente excluídos desse e de tantos espaços de poder.

Nosso Programa de Pós-Graduação foi um dos pioneiros na implementação da política de cotas para ingresso de pessoas negras, indígenas, quilombolas, trans desde antes dessa ser uma política da UnB como um todo. O programa tem priorizado bolsas para ingressantes por ações afirmativas e destina parte significativa da verba anual para auxílio discente com priorização de ingressantes por ações afirmativas e pessoas que comprovem baixa renda.

Também temos buscado incorporar cada vez mais em nossas disciplinas, pesquisas e discussões, importantes epistemes que foram invisibilizadas ou marginalizadas ao longo da construção dessa nação. Nesse sentido, ações concretas foram empreendidas na graduação como: propostas de mudança curricular do Bacharelado, da Licenciatura noturna e da Licenciatura em Teatro à distância (UAB), sob uma perspectiva pluriépistemológica; implementação do currículo novo da licenciatura diurna, em que consta no PPC, como um dos princípios metodológicos: “política da igualdade: reconhecimento dos direitos humanos e o exercício dos direitos e deveres da cidadania[...] no combate a todas as formas de preconceito e discriminação”; criação das disciplinas de Prática Docente com conteúdos como: relações étnicas e de gênero, teatro do oprimido e pedagogia do teatro para inclusão escolar; desenvolvimento de atividades de extensão, como os Cursos Livres de Artes Cênicas, que visam aproximar o contexto universitário de escolas públicas. Outra iniciativa, é a inclusão no novo edital de concurso para professor efetivo do eixo de pedagogia de nosso departamento, de pontos de prova que abordem práticas não hegemônicas e inclusivas associadas a experiência pedagógica em ambiente escolar.

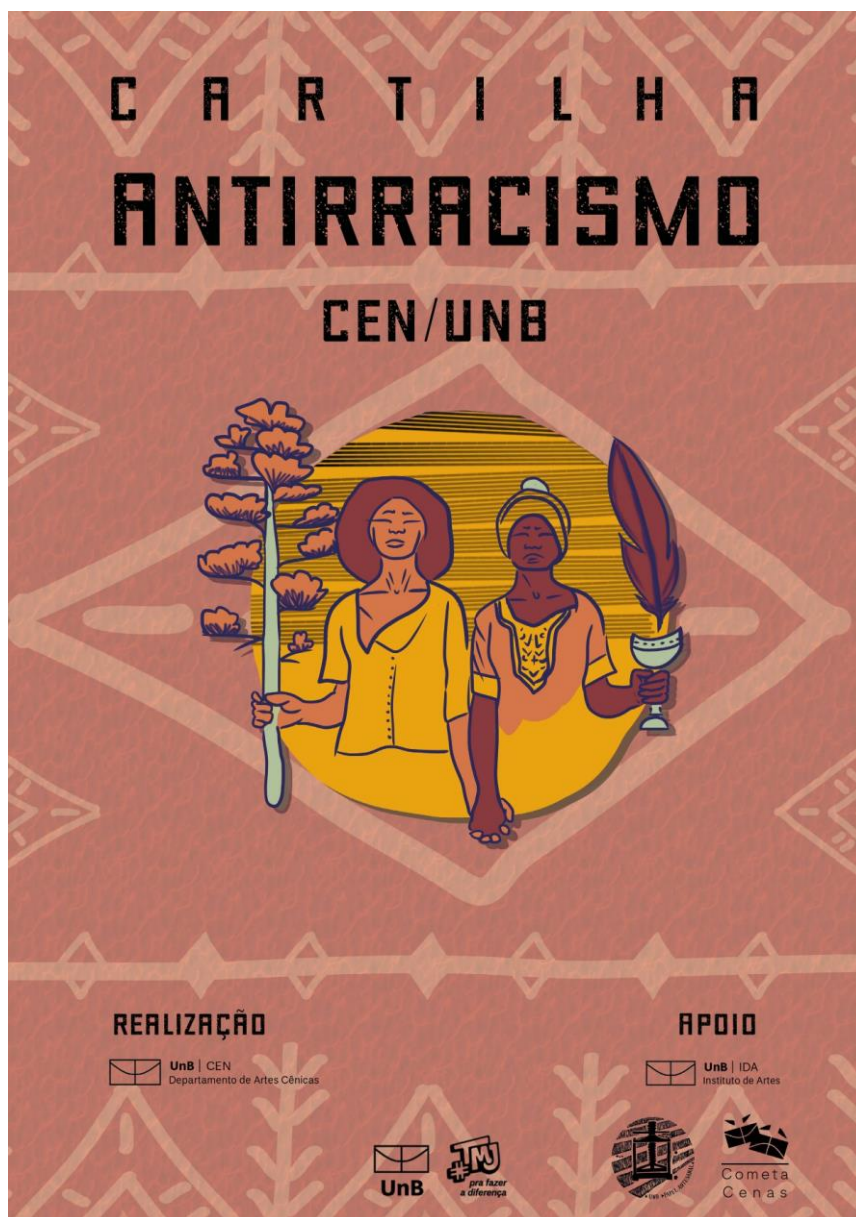
Este ano, daremos continuidade a ações de debates e rodas de conversas, anteriormente realizadas por este departamento, com a efetivação, em parceria com estudantes, de um ciclo de encontros, com participação de convidados e convidadas e realização de GTs, intitulado RenovaCEN, objetivando expandir as discussões e elaborar ações efetivas relacionadas às novas demandas pedagógicas, políticas, sociais e artísticas, com olhar sensível e atento às políticas de inclusão e a agenda dos direitos humanos.

Embora o departamento tenha em sua trajetória ações continuadas de permanente tentativa de ampliar nosso diálogo e integração entre docentes e discentes, sabemos que ainda há muito a ser feito nesse sentido. Por conhecer a força do racismo estrutural nessa sociedade, não temos a ingenuidade de acreditar que estamos imunes a cometer erros e seguiremos trabalhando no sentido de que isso não ocorra. Acima de tudo nos colocamos disponíveis ao diálogo, ao aprendizado constante e, principalmente, ao reconhecimento da ocorrência e reparação de atitudes racistas que venham a ocorrer no âmbito de nosso departamento.

Prof-Giselle Rodrigues (Chefe do Dept. Artes Cênicas)

Profª Rita de Cássia de Almeida Castro (Vice-chefe Dept. Artes Cênicas)

Apêndice B – Cartilha antirracista



Apêndice C – Termos de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos JOSÉ JACKSON SILVA, RG [REDACTED], CPF [REDACTED] a participar da pesquisa intitulada **Solos Negros (2023-2024): Reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em Artes Cênicas antirracista e decolonial na Universidade de Brasília**, sob responsabilidade do estudante pesquisador Ednilson Carlos Ferreira Soares, RG [REDACTED], CPF [REDACTED], com orientação da Profa. Dra. Franciane Salgado de Paula, tendo por objetivo participar como entrevistado da pesquisa de trabalho de conclusão de curso, que envolve perguntas semiestruturadas.

Os riscos e desconfortos são os de usar o seu tempo para participar de forma ativa e presente da pesquisa **Solos Negros (2023-2024): Reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em Artes Cênicas antirracista e decolonial na Universidade de Brasília** e responder as perguntas da entrevista presencial. Os dados serão utilizados apenas para elaboração desta pesquisa. Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa são entender a relevância na participação no projeto **Solos Negros** para uma formação docente antirracista e decolonial nas Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

Você terá a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta e a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si.

Nos casos de dúvidas e esclarecimentos você deve procurar o pesquisador Ednilson Carlos Ferreira Soares/e-mail [REDACTED] / telefone [REDACTED].

Eu, JOSÉ JACKSON SILVA, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida e o uso de minha imagem, inclusive com a divulgação do meu nome, função, onde estudo e trabalho neste Trabalho de Graduação de Curso (TCC), em publicações e eventos de caráter científico e artístico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias, com igual teor, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, ficando uma via sob meu poder e outra em poder da pesquisadora.

Brasília, 19 de dezembro de 2025.

Documento assinado digitalmente
 JOSE JACKSON SILVA
(Data: 19/12/2025 10:57:59 -0300)
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Ednilson Carlos Ferreira Soares (estudante pesquisador)

 UnB | Artes Cênicas

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos Luiza Nugoli Tavares, RG [REDACTED], CPF [REDACTED], a participar da pesquisa intitulada **Solos Negros (2023-2024): Reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em Artes Cênicas antirracista e decolonial na Universidade de Brasília**, sob responsabilidade do estudante pesquisador Ednilson Carlos Ferreira Soares, RG [REDACTED], CPF [REDACTED], com orientação da Profa. Dra. Franciane Salgado de Paula, tendo por objetivo participar como entrevistado da pesquisa de trabalho de conclusão de curso, que envolve perguntas semiestruturadas.

Os riscos e desconfortos são os de usar o seu tempo para participar de forma ativa e presente da pesquisa **Solos Negros (2023-2024): Reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em Artes Cênicas antirracista e decolonial na Universidade de Brasília** e responder as perguntas da entrevista presencial. Os dados serão utilizados apenas para elaboração desta pesquisa. Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa são entender a relevância na participação no projeto **Solos Negros** para uma formação docente antirracista e decolonial nas Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

Você terá a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta e a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si.

Nos casos de dúvidas e esclarecimentos você deve procurar o pesquisador Ednilson Carlos Ferreira Soares/e-mail [REDACTED] / telefone [REDACTED].

Eu, Luiza Nugoli Tavares, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida e o uso de minha imagem, inclusive com a divulgação do meu nome, função, onde estudo e trabalho neste Trabalho de Graduação de Curso (TCC), em publicações e eventos de caráter científico e artístico. Desta forma, assino este termo, juntamente com a pesquisadora, em duas vias, com igual teor, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, ficando uma via sob meu poder e outra em poder da pesquisadora.

Brasília, 15 de dezembro de 2025.

Documento assinado digitalmente
gov.br LUIZA NUGOLI TAVARES
Data: 15/12/2025 11:58:58-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Luiza Nugoli Tavares

Ednilson Carlos Ferreira Soares (estudante pesquisador)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos _____, RG _____, CPF _____, a participar da pesquisa intitulada **Solos Negros (2023-2024): Reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em Artes Cênicas antirracista e decolonial na Universidade de Brasília**, sob responsabilidade do estudante pesquisador Ednilson Carlos Ferreira Soares, RG 3500.374, CPF 067.256.501-39, com orientação da Profa. Dra. Franciane Salgado de Paula, tendo por objetivo participar como entrevistado da pesquisa de trabalho de conclusão de curso, que envolve perguntas semiestruturadas.

Os riscos e desconfortos são os de usar o seu tempo para participar de forma ativa e presente da pesquisa **Solos Negros (2023-2024): Reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em Artes Cênicas antirracista e decolonial na Universidade de Brasília** e responder as perguntas da entrevista presencial. Os dados serão utilizados apenas para elaboração desta pesquisa. Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa são entender a relevância na participação no projeto **Solos Negros** para uma formação docente antirracista e decolonial nas Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

Você terá a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta e a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si.

Nos casos de dúvidas e esclarecimentos você deve procurar o pesquisador Ednilson Carlos Ferreira Soares/e-mail edenilcarlos3@gmail.com / telefone (61) 9 8108-1948.

Eu, _____, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida e o uso de minha imagem, inclusive com a divulgação do meu nome, função, onde estudo e trabalho neste Trabalho de Graduação de Curso (TCC), em publicações e eventos de caráter científico e artístico. Desta formc, assino este termo, juntamente com a pesquisadora, em duas vias, com igual teor, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, ficando uma via sob meu poder e outra em poder da pesquisadora.

Local e data: _____.

 Documento assinado digitalmente
GABRIEL BATISTA MATOS
Data: 18/12/2023 21:05:22 -0300
Verifique em <https://validar.ig.gov.br>

Gabriel Batista Matos

Ednilson Carlos Ferreira Soares (estudante pesquisador)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos Deborah Alves de Souza, RG [REDACTED], CPF [REDACTED], a participar da pesquisa intitulada **Solos Negros (2023-2024): Reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em Artes Cênicas antirracista e decolonial na Universidade de Brasília**, sob responsabilidade do estudante pesquisador Ednilson Carlos Ferreira Soares, RG [REDACTED], CPF [REDACTED], com orientação da Profa. Dra. Franciane Salgado de Paula, tendo por objetivo participar como entrevistado da pesquisa de trabalho de conclusão de curso, que envolve perguntas semiestruturadas.

Os riscos e desconfortos são os de usar o seu tempo para participar de forma ativa e presente da pesquisa **Solos Negros (2023-2024): Reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em Artes Cênicas antirracista e decolonial na Universidade de Brasília** e responder as perguntas da entrevista presencial. Os dados serão utilizados apenas para elaboração desta pesquisa. Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa são entender a relevância na participação no projeto **Solos Negros** para uma formação docente antirracista e decolonial nas Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

Você terá a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta e a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si.

Nos casos de dúvidas e esclarecimentos você deve procurar o pesquisador Ednilson Carlos Ferreira Soares/e-mail [REDACTED] / telefone [REDACTED].

Eu, Deborah Alves de Souza, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida e o uso de minha imagem, inclusive com a divulgação do meu nome, função, onde estudo e trabalho neste Trabalho de Graduação de Curso (TCC), em publicações e eventos de caráter científico e artístico. Desta formc, assino este termo, juntamente com a pesquisadora, em duas vias, com igual teor, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, ficando uma via sob meu poder e outra em poder da pesquisadora.

Local e data: Brasília, 22 de Dezembro de 2025

 Documento assinado digitalmente
DEBORAH ALVES DE SOUZA
Data: 22/12/2025 23:18:57-0300
Verifique em <https://validar.jrf.gov.br>

DEBORAH ALVES DE SOUZA

Ednilson Carlos Ferreira Soares (estudante pesquisador)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos Camille Lins do Nascimento, nome civil Camilo Kleiton Lins do Nascimento RG [REDACTED], SSP DF, CPF [REDACTED], a participar da pesquisa intitulada **Solos Negros (2023-2024): Reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em Artes Cênicas antirracista e decolonial na Universidade de Brasília**, sob responsabilidade do estudante pesquisador Ednilson Carlos Ferreira Soares, RG [REDACTED], CPF [REDACTED], com orientação da Profa. Dra. Franciane Salgado de Paula, tendo por objetivo participar como entrevistado da pesquisa de trabalho de conclusão de curso, que envolve perguntas semiestruturadas.

Os riscos e desconfortos são os de usar o seu tempo para participar de forma ativa e presente da pesquisa **Solos Negros (2023-2024): Reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em Artes Cênicas antirracista e decolonial na Universidade de Brasília** e responder as perguntas da entrevista presencial. Os dados serão utilizados apenas para elaboração desta pesquisa. Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa são entender a relevância na participação no projeto **Solos Negros** para uma formação docente antirracista e decolonial nas Artes Cênicas da Universidade de Brasília. Você terá a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta e a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si. Nos casos de dúvidas e esclarecimentos você deve procurar o pesquisador Ednilson Carlos Ferreira Soares/e-mail [REDACTED] / telefone [REDACTED].

Eu, Camille Lins do Nascimento, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida e o uso de minha imagem, inclusive com a divulgação do meu nome, função, onde estudo e trabalho neste Trabalho de Graduação de Curso (TCC), em publicações e eventos de caráter científico e artístico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias, com igual teor, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, ficando uma via sob meu poder e outra em poder da pesquisadora.

Local e data: 26/12/2025 Brasília DF.

Documento assinado digitalmente
gov.br CAMILO KLEITON LINS DO NASCIMENTO
Data: 26/12/2025 15:08:10 -0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Camille Lins do Nascimento

Ednilson Carlos Ferreira Soares (estudante pesquisador)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos Anna Julia Carvalho de Mello, RG 3 [REDACTED], CPF [REDACTED], a participar da pesquisa intitulada **Solos Negros (2023-2024): Reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em Artes Cênicas antirracista e decolonial na Universidade de Brasília**, sob responsabilidade do estudante pesquisador Ednilson Carlos Ferreira Soares, RG 3 [REDACTED], CPF [REDACTED], com orientação da Profa. Dra. Franciane Salgado de Paula, tendo por objetivo participar como entrevistado da pesquisa de trabalho de conclusão de curso, que envolve perguntas semiestruturadas.

Os riscos e desconfortos são os de usar o seu tempo para participar de forma ativa e presente da pesquisa **Solos Negros (2023-2024): Reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em Artes Cênicas antirracista e decolonial na Universidade de Brasília** e responder as perguntas da entrevista presencial. Os dados serão utilizados apenas para elaboração desta pesquisa. Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa são entender a relevância na participação no projeto **Solos Negros** para uma formação docente antirracista e decolonial nas Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

Você terá a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta e a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si.

Nos casos de dúvidas e esclarecimentos você deve procurar o pesquisador Ednilson Carlos Ferreira Soares/e-mail [REDACTED] / telefone [REDACTED].

Eu, Anna Julia Carvalho de Mello, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida e o uso de minha imagem, inclusive com a divulgação do meu nome, função, onde estudo e trabalho neste Trabalho de Graduação de Curso (TCC), em publicações e eventos de caráter científico e artístico. Desta forma, assino este termo, juntamente com a pesquisadora, em duas vias, com igual teor, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, ficando uma via sob meu poder e outra em poder da pesquisadora.

Local e data:

Brasília, 13 de dezembro de 2025.

 Documento assinado digitalmente
ANNA JULIA CARVALHO DE MELLO
Data: 13/12/2025 16:52:51 -0100
Verifique em <https://validar.jbr.gov.br>

Anna Julia Carvalho de Mello

Ednilson Carlos Ferreira Soares (estudante pesquisador)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos Amanda da Conceição Reis, RG [REDACTED], CPF [REDACTED], a participar da pesquisa intitulada **Solos Negros (2023-2024): Reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em Artes Cênicas antirracista e decolonial na Universidade de Brasília**, sob responsabilidade do estudante pesquisador Ednilson Carlos Ferreira Soares, RG [REDACTED], CPF [REDACTED], com orientação da Profa. Dra. Franciane Salgado de Paula, tendo por objetivo participar como entrevistado da pesquisa de trabalho de conclusão de curso, que envolve perguntas semiestruturadas.

Os riscos e desconfortos são os de usar o seu tempo para participar de forma ativa e presente da pesquisa **Solos Negros (2023-2024): Reflexão acerca da sua relevância para uma formação docente em Artes Cênicas antirracista e decolonial na Universidade de Brasília** e responder as perguntas da entrevista presencial. Os dados serão utilizados apenas para elaboração desta pesquisa. Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa são entender a relevância na participação no projeto **Solos Negros** para uma formação docente antirracista e decolonial nas Artes Cênicas da Universidade de Brasília. Você terá a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta e a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si. Nos casos de dúvidas e esclarecimentos você deve procurar o pesquisador Ednilson Carlos Ferreira Soares/e-mail [REDACTED] telefone [REDACTED].

Eu, Amanda da Conceição Reis, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida e o uso de minha imagem, inclusive com a divulgação do meu nome, função, onde estudo e trabalho neste Trabalho de Graduação de Curso (TCC), em publicações e eventos de caráter científico e artístico. Desta forma, assino este termo, juntamente com a pesquisadora, em duas vias, com igual teor, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, ficando uma via sob meu poder e outra em poder da pesquisadora.

Local e data: Brasília-DF, 11 de dezembro de 2025.

Documento assinado digitalmente
 **AMANDA DA CONCEICAO REIS**
Data: 11/12/2025 16:43:38 -0300
Verifique em <https://validar.dig.gov.br>

AMANDA DA CONCEICAO REIS

Ednilson Carlos Ferreira Soares (estudante pesquisador)

 **UnB | Artes Cênicas**

Apêndice D – Transcrição das entrevistas alunos participantes

Transcrição da entrevista nº E001

Entrevistada: Ana Julia Carvalho

Idade: 24 anos

Gênero: Cisgênero Feminino

Local de entrevista: Chico Mendes UnB

Data de realização da entrevista: 30/09/2025

Forma de realização: Pessoalmente

Trajetória artística até adentrar o curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília e como conheceu o Solos Negros e a motivação da sua participação.

Estudei em escola particular por muitos anos sendo bolsista. Sempre fui uma criança exibida né gostava de falar na frente das pessoas, só que achava que ia fazer medicina fazer essas coisas da vida, porque as pessoas ensinam que o curso que dá dinheiro, e o curso que dá futuro é o curso de medicina, é o curso das exatas, essas coisas... E aí por tá nesse ambiente que era muito hostil pra mim durante muito tempo justamente por conta das relações raciais que tinham ali dentro eu deixei de ser uma criança muito expressiva pra ser uma criança muito resguardada e ansiosa e aí, quando chegou no ensino médio um professor meu abre um curso uma oficina de teatro no noturno da escola gratuitamente pros alunos e minha mãe fala - “vai fazer teatro, cê gosta de falar, então vai fazer teatro” e eu falei - não mãe, que coisa... um dia e vi o pessoal de teatro se movimentando e eu falei cara eu acho que é aquilo lá que eu quero fazer entrei pro teatro na hora do intervalo do coral e não sai mais e aí fiquei fazendo teatro fiz peça no primeiro ano do ensino médio e no segundo, no terceiro ano do ensino médio perco a minha bolsa eu vou estudar numa escola pública.

Quando eu entro na escola pública o professor Pedro Ribeiro me encontra e aí ele tinha um sonho no coração dele, fazer uma peça de teatro na escola só que nunca meio que dava certo, aí naquele ano eu não sei como é que ele sabia não sei se é porque ele me via brincando com os meninos e ele virou um dia falou assim - cê faz teatro? eu tô com um projeto de teatro cê quer participar? - aí eu falei - quero. E nisso juntou a mim, e mais seis adolescentes todos pretos e a gente começou a falar sobre as nossas experiências, dessas experiências enquanto pessoas pretas no Distrito Federal nasceu o “gigante pela própria natureza” e nisso eu terminei o ensino médio em 2018 ele falou - faz habilidade específica da UnB, e eu fiz habilidade específica passei na habilidade específica entrei pro primeiro semestre 2/2019

Aí e aí não quis mais sair, estava fazendo licenciatura e fiquei aí até 2023, o primeiro ano de solos. Nisso o Jackson era coordenador do cometa e ele me chama e me diz “olha vou fazer aí um projeto, um projeto Pibex e eu queria que você fizesse parte. Aí ele me convidou para fazer a entrevista, fiz a inscrição tudo direitinho fiz a entrevista passei e a gente começou a produzir.

Experiências ou atividades que mais marcaram sua participação.

Solos é muito marcante no geral, tivemos fases de construção partindo do encontro do aquilombamento, quem somos, onde nos encontramos, o que nos difere nas experiências enquanto negritude, preparação corporal e um momento unitário, estando sozinho em ensaio, e acho que foi essa uma das coisas mais desafiadoras para mim.

Mas a coisa que mais me marca no solos foram os momento de preparação corporal com a Ivana Mota e Kanzelu foram muito importantes pra mim principalmente porque, tem toda aquela coisa que te falei no início, sobre esse entendimento de um corpo que cabe no espaço de um corpo que não é em conforme com a espacialidade no sentido que precisa ser menor para caber, ser mais leve pra encaixar, o movimento ele precisa ser limpo, ele precisa ser preciso mas, existe uma necessidade interna de explosão que é diferente do que esse sentido eurocêntrico, você pode agenciar essa energia ao invés de tentar tolher, que é o que eu sinto muito nas aulas de movimento regulares do curso, pois eu só fui ver um movimento diferente disso baseado nos movimentos dos orixás, de outras danças populares e tal com a Kanzelu e Ivana.

Então esse momento de estar em roda, de ter um processo metodológico de “nós viemos pra cá, nós temos um processo para começar, a gente condiciona nosso corpo para esse movimento, a gente sente a gente soa...” pra mim foi uma das coisas mais marcantes, e o rito de passar do encontro em grupo pró processo individual.

De que forma o projeto contribuiu para o fortalecimento da sua identidade enquanto uma estudante negra?

Contribuiu para que a gente desenvolvesse uma validação interna, essa blindagem para com a academia que tem esse lugar que vai levar como uma sugestão ruim tudo que a gente (enquanto pessoa preta) leva ou traz enquanto proposta decolonial, ou que é só uma sugestão que pode ser usada como propaganda política para subir alguém branco ou colocar alguém branco no lugar de destaque e aí na hora da prática isso é desvalidado, é apontado. Porque assim o Solos Negros foi muito apontado por muito professores, o Solos Negros foi muito peitado por muitos professores e eu acho que o Solos negros, é uma resposta em trabalho do Jackson, da Ivana, da Kanzelu, enfim de todos os professores e alunos envolvidos nesse processo, de que existe sim um primor e uma qualidade de trabalho quando a gente ta falando de usar metodologia afrodiasporica na construção da cena, mas pra que isso funcione, isso tem que vim com um preparo interno muito grande, uma certeza do que eu to fazendo e um orgulho e isso pra mim é uma construção de autoestima e eu acho que pra mim o solos veio como uma construção de autoestima de me sentir bem comigo mesam, me senti bem com o que faço em cena, me senti bem ocupando esses espaços.

Junto disso trago as palavras de Ivana Mota durante nossos encontros que ela falava assim “fura o espaço, ganha o espaço” a kanzelu fala muito sobre isso, “ganhar o espaço, o espaço é seu, você não pede licença pra estar nele, então é sobre esse lugar, não pedir licença pra ocupar essa universidade, ocupando com muito orgulho e com muita noção de que há estudo, a pesquisa e há resistência. Então eu acho que tudo isso foi o que eu mais ganhei nesse processo e sinto que foi algo coletivo.

Quais foram os principais desafios encontrados durante a participação no projeto Solos Negros

Muitos obstaculos muito deles internos, o terreno mais fértil do mundo é a do artista, medos que a gente alimenta... Eu escolho vaga carne e aí a primeira coisa que me dá medo, é entender como essas múltiplas vozes vão caber em um corpo só, esse processo de posse desse corpo pra mim foi a coisa mais complicado.

Onde emocionalmente esse texto da Grace Passô me mobiliza, o corpo e a mente foram meus maiores desafios.

Quais mudanças você percebe na sua formação docente a partir da sua participação no projeto de extensão Solos Negros

Agora eu entendo as afro epistemologias para além do entendimento de colonialidade que é superficial que ele é só político, tem uma curiosidade mas não tem um interesse/conhecimento de onde estão os textos (isso no contexto da graduação em artes cênicas da UnB) onde estão os estudiosos, os professores que falam sobre aquilo que eu quero fazer, e me provoca a modificar o meu processo de ensino, meu processo pedagógico, como eu levo essas informações que eu aprendi dentro do solos negros para dentro da sala de aula com crianças do ensino básico.

E isso me provoca tanto, me move tanto que eu decido escrever um tcc em relação a isso, que é o “Marinos”, que é uma construção de metodologias afrodiasporicas pra arte educação, pra movimentar essas identidades para além da travessia, para além desse processo de que, O Luiz Rufino vai falar que: essa travessia do navio negreiro ele cria duas perspectivas né, a perspectiva de quem vai sabendo que não tem retorno e sem saber o que vai encontrar, e a perspectiva de quem fica sabendo que quem vai não volta. E eu acho que pra gente cria uma terceira perspectiva do que fica pra mim?! o que se perdeu nessa travessia que me pertence ou o que se misturou tanto nesse processo até aqui que faz que eu não consiga mais identificar onde começa minha cultura e onde termina no outro, tudo isso é minha cultura, como eu aplico isso dentro de sala de aula, como que as crianças podem assimilar isso de uma outra maneira?

dessas dúvidas, dessas questões eu decido fazer um mapa, encontrar nas metodologias de ensino, exercícios e planos de ensino que me ajudem a entrar em sala de aula mais preparada para essas formações que são diferentes né, que são para um mundo mais sorte liberto, se é que essa é a palavra...

Me movimentou muito por esse lado, por ser agora uma professora com outra postura inclusive estética de como eu quero chegar em sala de aula e eu quero que os alunos me reconheçam como essa mulher preta...

Annaju cita sobre a questão de fazer com que seus alunos se reconheçam nesse lugar da negritude a qual eles vivem diariamente nas escolas, break, rap, hip hop e que eles reconheçam que é um universo que é deles, ela cita um episódio em que nas escolas sempre após os espetáculos eles faziam uma roda de conversa e perguntavam que ali se reconhecia como negros e ali várias mãozinhas abaixadas sendo que em sua maioria ali eram facilmente pessoas lidas como negras diante a sociedade, mas eu acho que vem disso né da não nomeação, as coisas vão ganhando outros donos né, o rap o Trap o hip-hop vão ganhando caras brancas e isso vai se tornando cultura deles né, entre muitas aspas.

Como o projeto Solos Negros contribuiu para repertórios estéticos e pedagógicos.

Os princípios do TEN. Mas tem um exercício que ele me foi muito, não só útil, mas muito importante tanto para construção de cena sozinha, para construção de imagem, que foi a metodologia a partir do livro Afrografias da memórias de Leda Maria Martins, em que tínhamos uma ficha de perguntas e a gente tinha a partir dessa ficha de perguntas, criar um movimento que não necessariamente seja idêntica a resposta óbvia e a partir dessa ficha de perguntas eu tenho um arcabouço de movimentos, isso eu posso juntar da maneira que eu desejar para construir a cena, isso foi muito importante pra mim pra construção de cena para se sensibilizar com esses movimentos que não são cotidianos

Como é percebido a relação entre o projeto Solos Negros e a efetivação da lei 10.639/2003 e do parecer 003/2004 do conselho nacional de educação.

Quando o Solos Negros surge na universidade tem que ser uma ação conjunta, fazer que esse projeto flua é uma maneira eficaz de botar o parecer em funcionamento, mas não pode ficar preso só no pibex, porque aí o departamento entrega a responsabilidade. “Ah existe o grupo Solos Negros, eles já fazem valer esse parecer” mas quando vc vai assistir uma aula de Inter 1, isso tá sendo colocado em prática?, quando você vai assistir a diplomação (ultima disciplina do bacharel) estão colocando esses princípios em prática, a coisa tá sendo mesclada? metodologicamente de maneira pedagógica? e nas bibliografias que são oferecidas está sendo oferecido pros estudantes esse conhecimento tanto quanto Grotowski, Stanislavski... a gente precisa pensar que esses caras foram beber de alguma fonte...

É papel desses professores brancos da universidade, pois sabemos quem são os professores do departamento de artes cênicas que estão fazendo o parecer e a lei acontecer no departamento, mas outros professores que já estão ai a anos e não estão fazendo essa ação acontecer.

Apesar de não estar lá no currículo é uma disposição pessoal fazer com que os alunos tenham acesso a esse conhecimento, só que os professores brancos e outros poucos professores negros do departamento não tem essa disposição pessoal para com os estudos afrodiasporicos indígenas em suas disciplinas...

Existe uma má vontade pedagógica de fazer as coisas acontecerem no sentido de professores que estão muito bem estabelecidos no lugar de privilégio deles.

Qual legado deixado pelo projeto na formação docente da participante e para os próximos graduandos que vão adentrar nos próximos anos.

Essa possibilidade de os alunos terem onde recorrer para encontrar fonte de ensino que fuja dessa cadeira eurocêntrica que a gente tá acostumado a receber. E sempre falo pra galera que entrar nos solos negros ou que já viveu essa experiência que o conhecimento que os solos da de cena dentro do departamento, o preparo corporal, o preparo pra cena que o ele da, é diferente de tudo que o departamento de artes cênicas ta acostumado a ter.

Não só há uma questão de compatibilidade política, mas uma questão de excelência artística, em formar e mostrar que esses licenciandos também tem potências para estarem em cena pois temos que lembrar que é um curso de artes cênicas, então muitas vezes os licenciandos são colocados de canto como se não tivessem potencial para estarem em cena, o que não é verdade, tem potencial, tem garra, tem desejo de pesquisa e o Solos Negros vem nesse lugar de bem formar e mostrar essa formação.

Então espero que o Solos nesses anos que vem seja mais premiado, seja mais pesquisado, seja mais abraçado por mais estudantes e que não seja só um PIBEX mas que possa virar algum tipo de disciplina ou vertente dentro do departamento para que mais e mais alunos tenham essa possibilidade de estar aquilombado nesse lugar

Transcrição da entrevista nº E002

Entrevistada: AMANDA DA CONCEICAO REIS

Idade: 24 anos

Gênero: Cisgênero Feminino

Local de entrevista: Chico Mendes UnB

Data de realização da entrevista: 29/09/2025

Forma de realização: Pessoalmente

Trajetória artística até adentrar o curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília e como conheceu o Solos Negros e a motivação da sua participação

Ligada à igreja, sempre fui uma criança evangélica e dentro da igreja eu consigo ter esse espaço pra principalmente cantar, comecei cantando, meu sonho de criança era ser cantora, nem imaginava teatro... tive contato com teatro, mas nunca me brilhou os olhos para mim era muito é lindo é maravilhoso, mas eu canto, e foi assim por muito tempo.

No ensino médio no segundo ano que aparece na minha escola pessoas divulgando curso técnico Pronatec de artes circense, eu já estava me interessando por esse mundo das artes e aí eu entrei no curso, fiz um ano de curso técnico, todos os dias após a aula.

Sempre gostei da área da licenciatura em si, então meu negócio nas cênicas foi porque eu queria ser professora. Eu não imaginava que pra ser professora de teatro é preciso ser artista pra continuar pulsando isso.

Tive uma experiência com o meu primeiro solo “Respeite meus cabelos” (solo afroreferenciado) em 2022 antes dos Solos Negros.

Em teatralidades brasileiras tive contato com referência negra com a professora Rita de Cassia que ele trazia um livro do (TEN) Teatro experimental do negro e me interessei. mas como a professora fez uma aula por cima ela não aprofundou muito, eu só apresentei, era algo relacionado a iniciativa pedagógica.

Nisso eu chego no Solos Negros, por conta que Jackson assistiu o “Respeite meus cabelos” e me convidou pra participar do projeto. Eu entrei por conta do nome “Solos Negros nas Escolas por causa do interesse na licenciatura e no interesse em estudar sobre negro referência e como aplicá-las dentro da escola, e no decorrer do projeto entendo que vou colocar o meu lado atriz para protagonizar.

Experiências ou atividades que mais marcaram sua participação.

Me vem vários momentos na cabeça, mas um dos primeiros momentos que mais ficaram na minha cabeça foi bem no início do projeto quando o Jackson tem um encontro com a gente e ele pergunta em que momento a gente começou a se reconhecer enquanto pessoas negras! E foi muito loco perceber como quanto todo mundo (a maioria de nós do projeto somos pessoas negras de pele clara tirando a Annajú que é retinta) mas a gente que tem essa cor que normalmente socialmente a gente não é considerado preto demais pra ser branco e branco demais pra ser preto, então todos nós em sua maioria nos reconhecemos como pessoas negras muito tardio né?!

E Jackson uma vez perguntou quais eram nossas vivências negras, né? e a gente: “crí, crí, crí”.

Então ter esse Shock inicial foi muito importante além de doloroso para a gente perceber tipo “caramba o que a gente tá fazendo né?! Que referências são essas que a gente tá tendo né de vivências cotidianas, sabe?! e a partir disso a gente teve os encontros com a Ivana Mota e foram muito importantes por que a gente resgatou muita coisa que a gente nunca nem tinha vivido sabe, a Ivana trazia muito pros encontros algo técnico na questão negra mas ela também trazia momentos de “ah vou colocar aqui uma música e a partir do que a gente fez a gente vai dançar um samba de roda, então traseiro lugar da festividade colocar no nosso corpo... essa primeira etapa do projeto que a gente sempre tava junto foi muito importante, porque a gente aprendeu a real importância do coletivo que, não tem como a gente desgarrar isso da própria pedagogia negra, do próprio fazer da arte negra, segundo do coletivo do aquilombamento que é foi extremamente importante. E destaco aqui a experiência de nego fugido com a Ivana Mota e Jackson e foi um momento lindo a gente se reconectou muito entre a gente, com o espaço, a gente tirou o sapato e pisou no chão, a gente sorria, cantava, suave e foi um momento muito bom

e teve o momento da solidão dos ensaios sozinhos que foi muito bom mesmo que doloroso foi muito bom. Importante porque me ensinou que o que eu estava fazendo eu precisava ter disciplina, foco, e acho que entra no lugar do próprio protagonismo do discente licenciando, eu vou ter que fazer pra acontecer, tenho pessoas que vão me orientar, mas eu preciso fazer se não, não vai acontecer.

De que forma o projeto contribuiu para o fortalecimento da sua identidade enquanto uma estudante negra?

Quero traçar uma linha ao que eu citei antes sobre eu não me reconhecer enquanto atriz e sempre como professora, porque é louco perceber que com o Solos Negros foi perceber a minha feita enquanto artista ela é tão importante quanto a minha vida no sentido da licenciatura e que é extremamente importante quando você se reconhece enquanto protagonista nesse sentido, eu sou artista eu posso criar... e isso também é um exercício de docência, pois o Solos me colocou nesse lugar de alimentar meu eu artista eu também estou alimentando meu eu professora, pois quando eu realmente estiver no chão da escola, eu vou tá muito mais nutrida de referências de entender o que eu sou, até para entender como montar algo pros meus alunos se eu não tive essa vivência...

E com as referências né?! eu acho que antes do Solos negros eu questionava muito menos, eu procurava muito menos, antes do Solos Negros era muito complicado minha relação com a leitura por conta de ser muito acadêmico e distante de mim também eu não conseguia me reconhecer, então quando chegava as férias tudo que eu menos queria era ler, e com o Solos quando eu começo a conhecer outras escritoras né, a Leda Maria, Conceição Evaristo tive um contato maior com ela no Solos, então ter contato com escritoras que “caramba isso aqui me interessa, isso aqui faz sentido pra mim, eu despertei até esse lado meu que eu já tinha até perdido que era o hábito da leitura.

Amanda reforça algo sempre entoado por Jackson, professor coordenador do projeto sobre escurecer as nossas referências, escurecer as nossas cabeças, escurecer a nossa cosmovisão de mundo que precisa ser escurecida. O Jackson sempre dizia, tira o branco da sua cabeça e agora começa a ver os olhos com olhar preto, o que você pode ver enquanto movência, enquanto mundo, enquanto significado, enquanto professor por um olhar preto.

Quais foram os principais desafios encontrados durante a participação no projeto Solos Negros

Em montar uma dramaturgia autoral por não ter se sentido atravessada pela coletânea de dramaturgias negras. Por querer muitas coisas eu tive essa dificuldade em decidir o que montar. Mas nisso o Jackson ajudou muito me guiando para criar um mapa mental (conceitual) das minhas personagens, das cenas e etc para eu me localizar, pois minha cabeça, estava uma bagunça... após isso melhorou a construção pois eu consegui entender início, meio e fim do espetáculo.

E a questão do próprio corpo, desmontar esse meu corpo e entender que ele pode ser muito mais do que me ensinaram e eu tive de referência enquanto uma criança, uma adolescente. Entender dentro da corporeidade negra, “como você pisa no chão, que cheiro você está sentindo, que espaço é esse...? qual tônus do seu corpo, quais são as caixas do seu corpo, seu eixo”, muitas coisas eu comecei a entender nessa corporeidade sempre é me reconhecer nesse lugar, tentar entender esse corpo e deixar que meu corpo também vá, sem pensar em formular “certa” de fazer, acho que esse lugar é sempre de desafio pra mim.

Quais mudanças você percebe na sua formação docente a partir da sua participação no projeto de extensão Solos Negros

Foi um divisor de águas na minha formação, se eu não tivesse participado do Solos Negros, eu não teria a cosmovisão que eu tenho hoje tanto sobre educação quanto as próprias referências. Em si os solos negros foi o lugar que eu pude ter tanto a teoria de entender o que seria esse teatro negro, as referências que temos no Brasil de teatro negro, e nas práticas também né.

Firmar esse compromisso de que eu preciso ter outras formas, outras pedagogias, outras possibilidades para estar dentro de sala de aula que não seja branca hegemônica. Esse compromisso com a educação de entender que eu estou aqui independente da lei, vou me fazer presente o ano inteiro e não só no dia da consciência negra e continuar compromissada.

É muito difícil mesmo com o cenário hoje em dia de cotas p negros na universidade, professores negros poucos mais temos. Ter um movimento negro sendo aos poucos reconhecido, mas inda é um trabalho arduo, como saber lidar com isso e ter saúde mental. Sempre procurar meus pares na escola: ah eu tô trabalhando isso nessa escola, mas será que outra pessoa tá trabalhando nisso também, como podemos tensionar os outros professores sem achar que vamos mudar o mundo e que temos que ter calma e paciência.

Como o projeto Solos Negros contribuiu para repertórios estéticos e pedagógicos.

Os solos negros me trouxeram a perspectiva de que a estética negra ela tá muito ligada a vários povos africanos, por conta da variedade de povos com várias estéticas, tanto de beleza, quanto de roupas, tecidos..., mas os solos negros me fizeram perceber que eu tenho de onde beber, eu tenho de onde me nutrir em relação a referências, a gente pode ir para muitos materiais como búzio, pensar em estéticas ligadas a orixás explorando suas cores... e temos estéticas negras pra caramba.

E referências como bando olodum, o próprio TEN.

Como é percebido a relação entre o projeto Solos Negros e a efetivação da lei 10.639/2003 e do parecer 003/2004 do conselho nacional de educação.

Importante pensar esse contexto em universidade, pois o departamento de artes cênicas da UnB precisava ver alunos negros e professores se movimentando, não que isso não tenha reverberado na educação básica, reverberou muito, mas a universidade precisava disso desses corpos se movimentando para fazer algo que era urgente.

Não que a efetivação da lei não tivesse funcionado nestes anos de atraso pois importante valorizar professores que fizeram muito pela lei esses anos, mas que não é algo em massa, né?”

E conhecemos poucos sobre referência indígena também, conhecemos o krenak e para aí, e cadê as dramaturgias indígenas... então o projeto foi muito importante para tencionar a universidade. Se nós não tencionarmos a universidade nessa formação a gente nunca vai ter uma educação básica que realmente se importe, que se interesse.

Já temos a lei de cotas, mas para além disso se não tivermos ações dentro da universidade para formar pesquisadores negros ou não, indígenas ou não, para formar essas pessoas para entenderem que elas precisam mudar a sua forma pedagógica dentro de sala de aula, não adianta.

Tem que ser um grande guarda-chuva, não dá pra pegar uma coisa e ignorar outra, aí legal temos alunos negros, mas os negros estão e formando, os alunos negros têm referências negras? Então o projeto chega para tencionar essa universidade e rasgar o quanto era necessário ter esse projeto.

Como podemos fazer esse projeto e fazer ele ser realmente um projeto da universidade, um acordo que tenha entre os professores para manter viva esse projeto, continuar pesquisando, indo para as escolas.

Qual legado deixado pelo projeto na formação docente da participante e para os próximos graduandos que vão adentrar nos próximos anos.

Como já dito antes, vou dar o meu máximo pra levar como compromisso de trabalho ter referências negras e me colocar como uma pessoa negra o ano inteiro. Assim como tenciona os professores, tencionou os alunos numa forma de apreciação e numa forma de pensar essas novas estéticas, essas novas possibilidades do fazer... “é isso um processo dos alunos se verem e se conhecerem no projeto vendo uma pessoa negra em cena e propondo é você entender que é possível.

Espero que todos os professores se apaixonem por esse projeto de uma forma para não deixar morrer, sempre ter um professor ali, pois como projeto de extensão ele precisa de um professor coordenador para acontecer. Que os alunos cobrem os professores, que possa virar algo que realmente faça parte da universidade como história dela, como ação da universidade que seria lindo.

Transcrição da entrevista nº E003

Entrevistada: Camille Lins do Nascimento

Idade: 31 anos

Gênero: transgênero Feminino

Local de entrevista: Chico Mendes UnB

Data de realização da entrevista: 24/09/2025

Forma de realização: Pessoalmente

Trajetória artística até adentrar o curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília e como conheceu o Solos Negros e a motivação da sua participação

Antes da UnB minha trajetória artística era zero, no máximo fiz peça na escola na época do ensino médio, gostava muito de mexer com áudio, montar playlist... Antes das ciências eu fazia engenharia, fiz a prova da habilidade específica, entrei no curso em 2020.

Sobre os solos negros eu precisava de uma bolsa pra me manter na universidade e nisso vi que o Jackson ia abrir uma extensão, me inscrevi o Jackson entrou em contato comigo e já me diz que iria ter uma reunião sobre o Solos Negros. Então respondendo sua pergunta, minha motivação era a bolsa, o dinheiro.

Experiências ou atividades que mais marcaram sua participação.

Muito difícil porque tudo me marcou, foi tudo muito marcante, desde o momento que o Jackson explicou o que era o Solos Negros eu fiquei assim, deslumbrada pensando nossa, vou receber para ser artista, porque você constrói seu solo do jeito que você quiser, lógico que com a orientação ali do diretor.

Mas o que mais me marcou foram dois momentos, e um foi o momento que a gente fez a atividade da gente escolher um ponto na sala e ali era tipo o nosso terreiro, naquela demarcação ali, e dentro dessa demarcação ali a gente ia colocar o nosso personagem pra fora e pra mim marcou muito, cada um ali no seu quadrado naquele processo, e foi um processo muito intenso sabe?! o meu solos era o pequeno príncipe negro, e eu lembro que entrei numa lombra que o personagem que veio pra mim era tipo uma pessoa branca, careca parecendo um Monje eu pensei “não, não é sobre isso” porque é isso né o Solos negros foi uma desconstrução da colonialidade da nossa cabeça artística entendeu, porque a gente tá sempre acostumado a colocar o branco no centro e nisso fui desconstruindo, esculpindo até chegar no personagem que eu queria e isso foi muito marcante, porque foi perceber como minha mente estava condicionada ainda aos interesses do colonizador, então eu pensei comigo que eu deveria colocar a minha negritude em protagonismo. Isso era uma coisa que a gente falava. E junto disso cito também nego fugido que é uma manifestação super importante em Acupe em Santo Amaro - Bahia

De que forma o projeto contribuiu para o fortalecimento da sua identidade enquanto uma estudante negra?

Acolhimento mesmo sabe, eu sabia que eu era negra, mas sempre fica aquela coisa, será que essas pessoas vão me ver como eu sou, pq eu já fui muito chamada de branca, muito tirada de tempo, sabe? Passar por isso e receber esse acolhimento com certeza fortaleceu a minha identidade [...] então assim, foi um aquilombamento o que a gente fez.

Quais foram os principais desafios encontrados durante a participação no projeto Solos Negros

Na questão de corpo, pois eu tenho ernia de disco então sinto muita dor na minha lombar, então era um desafio ali pois, na peça “o pequeno príncipe negro” eu fico ali 40 min me mexendo o tempo inteiro, e pula e agacha... então esse foi o maior desafio, ter esse corpo presente e fazer um personagem que é masculino, sendo eu uma pessoa trans, mas a minha transexualidade estava passando por um momento de entendimento. Tanto é que eu aposentei o pequeno príncipe, porque não faria sentido mais para mim.

Para mim é um ciclo que fechou, não é uma peça que vou passar anos e anos a fazendo, é um ciclo que foi, foi muito bom.

Quais mudanças você percebe na sua formação docente a partir da sua participação no projeto de extensão Solos Negros

Foi onde eu conheci a lei 10.639/2003 e acho que isso impacta em mim nesse sentido que eu vou a partir de agora afro centrar as minhas narrativas, as minhas aulas, meus processos cênicos, de construção de personagem. Eu acabei de me formar no IFB no curso de audiovisual, sou roteirista agora então nos meus roteiros com certeza serão afrocentrados, eu quero o protagonismo de pessoas negras e pessoas trans, impacta em mim nesse lugar. em nenhuma matéria da UnB que não tenha sido em encenação 1 com o próprio Jackson (coordenador do projeto) eu ouvi falar do TEN... não tem aprofundamento, tem que ter disciplinas no plural sobre isso, obrigatórias para todos do curso, licenciandos e bacharéis.

Como o projeto Solos Negros contribuiu para repertórios estéticos e pedagógicos.

Me deu novas ferramentas por exemplo eu aprendi o sentido de conceito na montagem teatral, fazer o conceito para depois desconceituar pra a partir disso entender o que você vai produzir de indumentária, de maquiagem, de cenário, fora as referências afro centradas que eu não tinha antes do processo nos solos, então com certeza o projeto me abriu portas pra novas estéticas, principalmente as estéticas, a linguagem também. Tipo Jackson sempre falava, seus solo “pequeno príncipe negro” é uma peça infantil e é muito bom isso porque o pessoal tá acostumada só com chapeuzinho vermelho etc. O seu solo é uma peça infantil também mas é uma peça infantil afrocentrada. De Novo reforço aquilo de tirar o colonizador, o branco da cabeça e ter novas referências

Como é percebido a relação entre o projeto Solos Negros e a efetivação da lei 10.639/2003 e do parecer 003/2004 do conselho nacional de educação.

Bom pois como já mencionei antes a gente não tem disciplinas que falam sobre isso então Jackson teve que abrir uma extensão para falar sobre isso, e nessa extensão era como se fosse uma disciplina, nós tínhamos aulas, tínhamos encontros semanais.

Camille cita sobre a importância de o docente em formação estar nas escolas falando sobre essas pautas para além do dia da consciência negra, que era a proposta inicial do projeto. Os solos negros entraram ali e preencheu a “cuna” e eu acho que é pouco ainda, porque tinha que ser uma coisa obrigatória porque a gente aprendeu muito, a gente estudou o TEN, a gente viu documentário, a gente viu vídeo de teatro musical negro, a gente descobriu estética, a gente conversou e trabalhou com pessoas da periferia.

E eu acho que é isso, as artes cênicas ela ainda é muito branca e muito elitizada, muito professor preocupado em humilhar alunos que chega 5 minutinhos atrasados enquanto tem aluno branco que mora aqui do lado, tem carro e chega mais atrasado que a gente (negro periférico) e não sofre a mesma represália, então as vezes o que a gente percebe é que, a universidade tá mais preocupada em atrapalhar o jovem negro da periferia do que ajudar e acolher aquele aluno, é como se fosse um problema, não sei lidar com esse problema então vou expulsar da sala, vou dar uma nota menor porque eu não tô entendendo o que ele tá fazendo, eu não entendo a linguagem, não entendo a estética então pra mim é menos artes que o outro, então eu acho que a banda em 2025 não tem que tocar mais por aí.

Qual legado deixado pelo projeto na formação docente da participante e para os próximos graduandos que vão adentrar nos próximos anos.

O maior legado é fazer arte negra na universidade, não tem legado maior que esse, chega de ficar só montando peças de referenciais brancos de francês, europeu de modo geral, o legado dos Solos é o aquilombamento do departamento de artes cênicas da UNB.

Para mim, levo como legado também esse protagonismo artístico e pedagógico. Acho que falta no departamento o incentivo de “cara faz uma coisa sua, do jeito que você quiser, o que você quer falar? faz e vamos ver como que fica...”

Aquilombar, trazer a narrativa negra pro foco, para pauta.

Outro ponto interessante a citar, foi o projeto de extensão LACRI (laboratório de crítica teatral) protagonizado por duas discentes negras e periféricas, entende?! É só uma correlação que faço de que a gente tem que ocupar cada vez mais os espaços, é preto na crítica, na produção, preto dirigindo, preto fazendo iluminação, preto pesquisando, o legado do projeto é esse, a gente pode fazer o que a gente quiser.

Transcrição da entrevista nº E004

Entrevistada: Gabriel Batista Matos

Idade: não informada

Gênero: Cisgênero masculino

Local de entrevista: Chico Mendes UnB

Data de realização da entrevista: 07/10/2025

Forma de realização: Pessoalmente

Trajetória artística até adentrar o curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília e como conheceu o Solos Negros e a motivação da sua participação

Comecei fazer teatro com 11 anos na quinta série, através de um diretor da escola que eu estudava e quis criar um grupo de teatro no contraturno e na sexta série entrei pra sala de altas habilidades do GDF e nisso entrei pra companhia de teatro Língua de trapo, mesma companhia da Fernanda Duarte, fiquei na companhia de 2008 a 2013.

Demorei pra formar por conta da pandemia e por entraves, entrei no Solos em 2023 na primeira formação oficial, e conheci o projeto através da Camilly pois ela falou que tinha esse projeto de extensão, e a minha motivação sinceramente foi em relação a bolsa.

Experiências ou atividades que mais marcaram sua participação.

O que mais me marcou foi uma questão de autorreconhecimento enquanto homem negro nessa sociedade. Antes dos Solos Negros eu tinha pouco conhecimento sobre letramento racial e sobre auto identificação, auto posição enquanto homem negro no mundo, então o Jackson (coordenador do projeto) dentro dessa perspectiva, ele conseguiu ampliar meus horizontes... referenciar 100% negros, e trazer esses autores negros nessa maneira de aquilombar enquanto grupo dentro de um projeto de extensão, foi o que mais me marcou.

e o nego fugido que fizemos todos juntos, foi muito forte, muito aquilombamento, acho que esse exercício me marcou muito assim durante o processo, foi uma forma da gente se fortalecer enquanto grupo e solo.

De que forma o projeto contribuiu para o fortalecimento da sua identidade enquanto um estudante negro?

Muito mais sobre fortalecimento, foi uma questão de autorreconhecimento, a primeira vez que eu me encontrei enquanto homem negro periférico estudante de uma universidade pública que o acesso é difícil pra pessoas de onde eu venho, eu acho que foi a forma como eu mais me identifiquei e me correlacionar essa minha história com minha trajetória dentro do Solos.

Eu acho que essa maneira que o Jackson conseguiu conduzir a gente, trazendo uma perspectiva de pesquisa mesmo, pois antes da gente fazer o espetáculo propriamente dito a gente tinha todo uma preparação de letramento racial, ele trouxe outros grupos de teatro feitos por pessoas negras de outros estados que eu não conhecia e isso tudo eu estava no meu último semestre. Esse referencial teórico preto, eu acho que foi o grande diferencial pra eu poder me reconhecer enquanto estudante negro e quais essas potencialidades eu poderia desenvolver a partir dessas referências.

Quais foram os principais desafios encontrados durante a participação no projeto Solos Negros

Foi desenvolver uma estética em que eu me aproximasse dentro da possibilidade de discurso que eu queria falar, o maior desafio foi a construção do espetáculo do zero, entender que tipo de movimentação de estética, de sonoridade.

Quais mudanças você percebe na sua formação docente a partir da sua participação no projeto de extensão Solos Negros

Acredito que as mudanças foram drásticas, pois eu comecei uma pessoa e terminei outras, e eu digo às pessoas por que é muito além da minha formação docente. Os solos foi um divisor de águas muito forte para minha formação docente, eu sinto que se eu não tivesse passado pelos solos eu seria um professor muito mais superficial.

Hoje a maneira como eu trabalho dentro do ensino médio é voltada especificamente para um recorte racial, eu poderia estar numa sala com alunos somente brancos, mas eu mesmo assim entraria com essa prática docente, porque quem precisa escutar sobre racismo não é nos negros, quem precisa escutar sobre racismo são as pessoas que precisam refletir sobre.

Hoje eu trabalho com leituras que meus alunos fazem com peças da coletânea dramaturgias negras, que nós lemos nos solos, eu levei para sala de aula, e isso faz com que eu coloque pra eles essa gama de diversidade muito forte para dentro da escola pois o âmbito educacional feito pra isso, pra gente refletir as questões do mundo, então eu fiz questão de trazer a perspectiva racial para dentro da escola.

Como o projeto Solos Negros contribuiu para repertórios estéticos e pedagógicos.

A questão dos novos referenciais teóricos de pessoas negras. Metodologias que uso hoje dentro da escola formado, dando aula são metodologias que estão voltadas ou para realidade social dos meus alunos ou pra realidade racial.

Sinto que o Jackson coordenador e diretor do projeto tinha muito a questão da pedagogia do afeto que ele teve com a gente, foi uma das coisas que eu peguei pra mim na minha carreira docente, pois eu acho que quando nós professores estamos inseridos no ensino público é muito difícil a gente pensar só em transmitir conteúdo, é muito complexo, a gente percebe que através do solos, pelo ao menos na minhas experiências essas tendências progressistas elas foram muito mais presentes na minha formação, essa tendências progressistas de pensar o mundo, refletir o mundo, questionar o mundo, entender as estruturas do mundo, entender o porquê que o racismo existe, quem criou, temos que falar sobre quem foi que criou e porque ele existe até hoje, qual é a maneira que o Brasil se constituiu pra gente tá vivendo hoje o que a gente vive.

Como é percebido a relação entre o projeto Solos Negros e a efetivação da lei 10.639/2003 e do parecer 003/2004 do conselho nacional de educação.

A relação do projeto com a legislação é dada de forma direta, porque ela é muito consistente e válida, então acho que demorou muito para que pudéssemos ter um projeto com essa dimensão no departamento da universidade.

Ainda mais tendo em vista que a pouco tempo o nosso departamento já está sendo inseridos professores negros, e em 2023 o professor teve essa capacidade de pensar a lei e criar o projeto, pois a universidade é isso, ela não é só o currículo, ela é muito maior, temos muitos outros campos pra gente poder abrir no departamento.

E nos currículos a gente não tinha esses acessos, então os solos vem como realização da lei e o parecer na formação de professores, visto que temos muitas disciplinas que poderiam estar sendo inseridos nesses estudos.

Para o professor imaginar e pegar essa ideia que ele tem e colocar em prática através da lei, isso é uma maneira de efetivação direta.

Qual legado deixado pelo projeto na formação docente do participante e para os próximos graduandos que vão adentrar nos próximos anos.

O legado é irreversível, só se constrói quando falamos sobre. Sendo um movimento orgânico é necessário visto que a edição do Solos já está aí na terceira edição com orientação de Kanzelu.

Essa questão da transformação pessoal enquanto auto identificação é um legado forte pois levamos pra vida além da formação acadêmica. Um legado palpável, é hora de parar de imaginar e colocar em prática temática sobre negritude e indígenas, fazerem pensar e refletir, acessar lugares, e esses lugares são as periferias do Distrito Federal e entorno.

O grande legado mesmo, é essa descentralização do pensamento. Pensar da periferia pro centro e não do centro para a periferia. Essa descentralização do discurso, essa apropriação do nosso discurso enquanto pessoa negra, colocar essas palavras na nossa boca e dizer com muito afinco, com muita propriedade do que a gente quer, porque essa é a única maneira que a gente vai conseguir fazer micropolítica pois não temos esse poder macro porque sabemos quem conduz esse macro.

Transcrição da entrevista nº E005

Entrevistada: Fernanda Santos Duarte

Idade: não informada

Gênero: Cisgênero Feminino

Local de entrevista: Chico Mendes UnB

Data de realização da entrevista: 07/10/2025

Forma de realização: Pessoalmente

Trajetória artística até adentrar o curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília e como conheceu o Solos Negros e a motivação da sua participação

Início no teatro em 2011, sempre quis fazer teatro, não teatro, mas sempre quis atuar. Sou de uma comunidade rural de Planaltina Distrito Federal e em 2011 recebemos na nossa comunidade e uma carreta que ela tinha vários cursos e entre elas um curso de teatro e tive meu primeiro contato com as linguagens do teatro nessa montagem de sonhos de uma noite de verão neste curso.

Em 2014 na escola eu comecei a fazer teatro com uma professora que dá aula até hoje lá, Valéria. Durante nisso fizemos novamente o sonho de uma noite de verão. E nessa companhia Boca de trapo eu me senti pertencente, isso mudou em toda minha vida, desde comportamento até desejos e sonhos.

Gabriel Matos fez parte dessa mesma companhia antes de eu entrar na companhia, Gabriel Matos retornou pra companhia com estágio da licenciatura.

Conheci o projeto antes de eu entrar nos solos negros em 2023, onde os participantes estavam em uma atividade chamada “nego fugido” na área externa do departamento de artes cênicas da UnB provocado por Jackson e Ivan Mota com objetivo de aquilombamento baseado em Sankofa. Foi lindo.

em 2024 entro no Solos, com a presença de professores negros também e com mestrandos negros foi muito importante pra gente se reconhecer a partir das nossas partidas de como a gente vai se percebendo enquanto pessoa negra. Jackson falava muito “Eu sou porque nós somos” que é um ditado povo Bantu.

Experiências ou atividades que mais marcaram sua participação.

Acho que o primeiro período foi o que mais me atravessou, porque era quando a gente se encontrava, tinha muito aconchego nesses encontros. Jackson tem um método de trabalhar as partituras dos movimentos da cena, essas partituras são provocadas a partir de perguntas e corporificar essa memória atingida a partir das perguntas, levando isso para a corporeidade. e pra mim esse processo de memória, falo por mim e meu solo que fala sobre memória que é ante memória de uma travessia interrompida do Aldri Anunciação, falar sobre memória para pessoas negras, é um lugar muito complicado, quando vamos falar sobre memórias da nossa família, que são aquelas que são escondidas, que a gente lembra mas não fala com as pessoas da nossa família, porque tem muitas que são associadas a dores, né? e são memórias que a gente não quer falar ou o se aquilombar com as pessoas, com os outros participantes.

De que forma o projeto contribuiu para o fortalecimento da sua identidade enquanto uma estudante negra?

Contribuiu em todos os sentidos, desde quando vi os participantes do Solos em 2023 na vivência do nego fugido com Jackson, entendendo que dentro do departamento tem como se aquilombar foi ali onde tudo começou, eu cheguei no departamento de artes cênicas já com esse desejo de ter vivências com pessoas negras.

Eu vi o solos da Annaju em 2023 quando eu ainda não estava participando, eu chorei ele inteiro e por tantos sentidos, pelo o texto, pelo a minha amiga estar em cena, pelo o que estava sendo falado, e por saber que era fruto de um trabalho com pessoas negras e protagonistas principalmente estudantes negros como protagonistas, e isso que Jackson traz dentro desse processo, é fundamental, não só para as pessoas negras, mas pro próprio departamento de artes cênicas vê essa mobilização acontecendo, onde os protagonistas são estudante negros de licenciatura.

Quais foram os principais desafios encontrados durante a participação no projeto Solos Negros

Acho que o período que eu estava vivendo na minha vida, que foi de ter que fazer muitas coisas, eu moro sozinha, estudo em uma universidade pública e que demanda muito da nossa rotina e que também tenho que trabalhar pra pagar minhas contas, e no Solos foi o momento que eu tive de respiro, por mais que tenha sido difícil por conta do tempo, é muita demanda cria rum solos, demanda muito. Eu posso não continuar com esse trabalho, mas ele para mim eu levo com maior preciosismo que eu tive no departamento de artes cênicas, mas o que eu senti mais falta foi não ter tempo de fato hábil para estar nele por conta das rotinas fora da universidade.

Quais mudanças você percebe na sua formação docente a partir da sua participação no projeto de extensão Solos Negros

Eu dou aula a um tempo, mas após os solos, muito mudou, exemplo: a metodologia que o Jackson tem da criação da cena a partir das memórias do livro “afrografias da memória de Leda Maria Martins” eu levo para todos os processos e eu não largo nunca mais, porque é uma potência tão grande falar das nossas memórias e criar a partir delas e desse lugar do pertencimento, eu percebo uma diferença muito grande dentro da sala de aula quando isso é proposto, lembrar, acessar memórias e como as pessoas também se abrem para esses momentos, como que a gente fica sensível falar sobre as nossas memórias...

O Solos Negros me tocou tanto que acho que modifica também a minha forma de condução com as outras pessoas de o que é que eu proponho e onde eu quero chegar com aquilo e foi a partir dessas vivências mesmo com a professora Kanzelu com a proposta que teve de movimentações que é essa relação com os elementos da natureza... Annaju conduziu alguns momentos com a Amanda e eu acho que isso tem um preciosismo muito grande que é quando a gente troca também com as pessoas do próprio projeto partilhando sobre suas pesquisas, e isso tudo foi contribuindo para eu olhasse pra minha prática como professora nesse outro lugar não só do afeto mas como esse afeto chega e como ele acolhe de fato e quem ele está acolhendo...

Como o projeto Solos Negros contribuiu para repertórios estéticos e pedagógicos.

A troca de experiências com os participantes dos Solos, entendendo nosso protagonismo, isso faz com que eu queira provocar esse protagonismo nos meus alunos também.

OBS: Nas demais respostas não foram cedidas por conta da inviabilidade da comunicação com a entrevistada.

Transcrição da entrevista nº E006

Entrevistada: Deborah Alves de Souza

Idade: não informada

Gênero: Cisgênero Feminino

Local de entrevista: Faculdade de Educação - UnB

Data de realização da entrevista: 01/10/2025

Forma de realização: Pessoalmente

Trajetória artística até adentrar o curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília e como conheceu o Solos Negros e a motivação da sua participação

Antes de entrar no curso de artes cênicas eu não tinha muito contato com o que a gente considera aqui dentro do curso né? É uma construção, né? Do que é a arte, do que a gente entende, dá suas, enfim... Eu tinha muito contato né na minha vida assim criança eu cresci né num ambiente muito católico então as minhas referências artísticas eram muito né dentro da igreja primeiramente! tinha teatro na igreja a missa das crianças que tinha fantoche, é... meus pais sempre incentivaram muito a gente tocar instrumentos né pra tocar na igreja, mas, a minha mãe é pedagoga né?!

Ela é pedagoga aposentada então, ela sempre estimulou muito leitura, muito desenho muitas coisas então, sempre estimulou muito a gente fazer “ah tem um concurso de desenho ali... vamos lá Débora vamos escrever, e eu criancinha... a minha referência artística assim que eu lembro de quando eu era criança né se dá muito por esse lugar mas também muito pela cultura popular também, porque além de tudo a minha mãe ela vem de Minas Gerais e a família do meu pai é toda do nordeste então é uma fusão assim né!

Dentro da família da minha mãe também tem uma parte que é indígena, então sempre puxando um pouquinho de cada. Eu lembro de quando era criança eu ino no casamento de um parente da minha mãe e eu chegando assim “mãe que diferente! O que é isso, por que ela tá vestida dessa forma?” e tudo mais. Mas crescendo um pouco mais, vai se identificando nas artes, crescendo e moldando a nossa trajetória. Eu entrei no ramo dos esportes comecei a jogar basquete e aí dentro do mundo do basquete eu descobri o mundo da rima, do grafite, do hip-hop, e é uma área que até hoje eu me identifico bastante né então, inclusive é uma área que eu trabalho muito com seus alunos também nesse lugar né da cultura de rua né, dessa arte de rua, do enfim de n variações né do “upside” dessas coisas super assim cotidianas né de como que a gente consegue ver essa arte no dia a dia que a gente tá tendo?

Mas a minha trajetória nesse sentido de como eu vi arte foi dessa forma e do que eu fazia e vivia como arte também era assim sempre foi muito moldado né pela minha criação, pelos meus pais e tudo mais então eu não tinha muita liberdade de fazer muitas coisas mas, eu fui crescendo e tendo mais liberdade de fazer as coisas que eu entendia como arte e tudo mais mas, eu falo que entrar em cênicas foi tipo a chave para mudança da minha cabeça do que que é arte do que que eu tinha capacidade de fazer do que eu conseguia fazer e de muitas coisas que eu conheci, muitos sabia que nem sabia que existia sabe?! eu não tinha o hábito né, eu nunca tinha ido ao teatro por exemplo: não tinha esse hábito de ir ao teatro. Eu tinha ido uma vez no circo antes de entrar aqui na na graduação né, muitas coisas não tinha a menor ideia do que era performance,, curta-metragem nada. Eu assim, eu entrei em cênicas porque eu no meu ensino médio eu fui bolsista na rede particular por conta do basquete eu era atleta, e na escola tinha artes cênicas, artes visuais, música e a professora era um máximo de arte cênicas, eu falei: “cara eu quero ser igual ela velho, ela é super descolada”, ela é muito legal e ela fazia stand-up, e eu conheci esse mundinho do stand-up também, e eu falei: “cara, ela é humorista e professora imagina só uma vida dessa né?! Era Stefane o nome dela.

Fiz encenação 2 com Jackson Tea, primeiro professor preto que tive contato no departamento “O santo bateu” “Eu precisava de bolsa da UnB pra poder me sustentar, porque eu estava numa fase saindo de casa e tudo mais, e o trabalho já não estava dando e aí eu fui atrás de todas as bolsas possíveis que eu conseguia [...] dando mais ênfase na necessidade da bolsa. Ter essa reunião de início já me trouxe o choque da minha negritude, por estar em uma sala com todas as pessoas sendo negras de variadas identidades, pois cresci em um ambiente de escola particular sendo a menina mais escura da escola nesse sentido e sobre na família todos serem negros retintos.

Experiências ou atividades que mais marcaram sua participação.

No nosso primeiro encontro pós abertura do projeto a gente se sentou ali naquela escadinha na sala BSS-59 a gente se sentou no canto dela lembro que a gente fez uma rodinha assim no chão eu Jackson... conversando sobre: “Cara, em que momento da sua vida você se percebeu como uma pessoa preta no meio da sociedade?”, e a gente foi trazendo várias reflexões sobre isso, tipo assim cara quem que tem pai que tem graduação? Você é a primeira pessoa da sua família a fazer uma graduação? e alguns tópicos desse né!

E aí eu lembro que o Jackson sempre muito zoeiro né ele falou: “não, mas a Débora ela é Camila Pitanga [...] independente do ambiente que você está, você consegue escolher permear sobre isso”

cara isso me deu um start, um ambiente na rede particular eu estava ali, nossa a Débora é super negona e pá, não sei o que, nossa senhora! não precisava de muito porque era tipo assim rede de ensino era tipo meninas todas brancas cabelo liso e aí essa foi a primeira experiência que uma coisa que eu sempre lembro quando penso em Solos Negros, e desse lugar né meus pais são: a minha mãe professora e o meu pai trabalha na área do TI e aí eu fui conversar com os meus pais logo que eu cheguei em casa, eu fui entender esse lugar deles dos ancestrais, a gente conversou muito sobre esse lugar de entender os seus os seus passado e tudo mais e fui refletir muito sobre isso né?! a gente entrou numa pauta também competição de quem tá pior e a gente esquece de agradecer pelo que a gente tem aqui né?!

de tipo assim “tá eu sou a primeira pessoa da minha família a entrar na graduação, cara 100% mérito tá ligado? A gente falava muito sobre Sankofa, eu tatuei o meu braço depois que eu saí dos solos porque marcou todo o meu rolê dali pra frente.

É basicamente você olhar pros seus ancestrais né você vê o futuro, mas sempre embasado no seu passado, nunca esquecendo. Eu sempre falo com meus alunos se vocês tão aqui na sala de aula hoje tendo aula estudando tendo esse privilégio de tá aqui na escola mesmo que não seja melhor educação a melhor escola, mas, se você está aqui hoje é que alguém lutou lá atrás pra você não tá no meio sei lá de uma roça capinando, não tá na rua, não tá né fora desse lugar desse ambiente. Então, mesmo que os seus pais não sejam formados e graduados eles lutaram pra que você esteja lá dentro da escola.

Outro ponto também foi quando a gente foi apresentar no sócio educativo que muitos alunos, muitas adolescentes não foram, não liberaram eles pra ir a gente tinha programado tudo pra levar pra eles ali no Renato Russo e aí chegou lá só tinha basicamente os professores deles do socioeducativo, né e era nossa inauguração assim no projeto a gente tem que apresentar desse jeito e a galera super nervosa e eu assim meu Deus do céu e o Jackson tinha que sair mais cedo esse dia e a gente tinha que fazer uma mediação com os professores depois. Jackson saiu foi embora a gente ficou lá eu a Amanda Gabes (Gabriel Matos) e a Camilly eu acho que estava nós quatro a gente sentou e foi fazer essa mediação com os professores tipo assim eu falei cara velho quanto que eu imaginar que nós quatro, aluno da UB tipo novinho todo mundo aqui garoto, garota e a gente dando uma aula

pros professores do sócio educativo tá ligado a gente e eles perguntando fazendo várias pergunta cara a gente ficou a gente teve que cortar já tinha acho que passou mais de uma hora perguntando cheio de curiosidade a gente conseguiram manter aqui respondendo eu cara o Jackson botou nós pra estudar mas tinha um porquê né a gente estudou pra caralho pra tá aqui. Olha a gente não tá aqui pra a gente não precisa ensinar vocês tá ligado a gente não é mãe pai de vocês a gente tá nesse lugar a gente não precisa estar sempre nesse letramento racial, ele é muito muito sincero, ele “mas a mensagem que eu passo pra vocês é: a gente tem que tirar o branco da cabeça, vamos escurecer” né e tudo mais os professores todos assim em choque assim, e ele: “quem faz racismo? e eu caraca velho e aí eu falei meu Deus tô no lugar certo no momento certo na hora certa ali. Foi um momento assim que mais marcou.

Outro também foi quando fomos para Santa Maria e a gente chegou numa escola de ensino médio e os meninos com questões assim tipo apresentou e eu sempre fico emocionada toda vez que eu falei toda vez que o Gabes (Gabriel matos) apresenta aquela peça chega em mim assim e me atravessa é muito forte enfim é isso né de vivências que eu tive mas de muitas vivências dos meus amigos as pessoas estavam comigo né que cresceram junto comigo e falar nossa às vezes aquela pessoa tava passando por aquilo e eu não entendia que era aquilo que ela tava passando por isso que ela tava daquele jeito né enfim mas ele apresentou foi lindo tipo a galera assim foi na minha cabeça eu tava assistindo aquele espetáculo num teatro de Atenas assim sabe e a galera falando assim tipo todo mundo querendo perguntar depois e os meninos falando pô eu não me não achava que eu era uma pessoa preta sabe mas eu passo por tudo isso sabe e aí ele falou da cena da ligação tipo muitas meninas não querem ficar comigo né tipo e não sabe falar o porque que elas não querem ficar comigo e não sabem falar o porque não querem ficar comigo, elas só me recusam.

Durante o processo eu fui expulsa de casa saí de casa e aí vim morar numa República aqui na Asa Sul e a galera é tipo muito parceira tipo assim cara eu não consegui esse dia não Débora resolve esses BO tá ligado depois cê vem não e é isso tipo assim e todo mundo né todo mundo a Camille passando por barras a Amanda com muita demanda AnnaJu também e a gente sabia nesse lugar né era aquela católica tem que do Arcanjo (Refúgio - aquilombamento)

De que forma o projeto contribuiu para o fortalecimento da sua identidade enquanto uma estudante negra?

Em tudo, e a galera fala nossa que militante chato demais né, fica colocando a pauta racial em tudo, mas é porque tudo tem pauta racial. Assim se a gente parar pra pensar e analisar né, principalmente depois que a gente começa a estudar sobre isso, a gente fica tipo cara tudo é sobre isso no fim do dia muitas coisas né?!

muitas coisas não se dão não se fazem por causa disso muitas coisas são feitas por causa disso né e acho que essa visão eu conseguir entender muito por causa do projeto. Jackson sempre era muito sincero tipo ele falava cara se os estudantes aqui por exemplo se a têm os estudantes que vem da Asa Sul do Sudoeste eles tem que ter um esforço X pra tá na graduação ou estudante periférico ele tem que ter um esforço X ao quadrado, mas o estudante periférico e preto ele tem que ter um esforço do caralho tá ligado X multiplicado por 10 multiplicado por 20 e eu não entendia isso até entender isso na prática sabe.

Da forma que a gente tem que lidar com muitos professores que não entendem, por exemplo, que você vai chegar 20 minutos meia hora atrasado porque se você não tem o primeiro ônibus do dia não sai a tempo pra você chegar na graduação. Durante o projeto, eu entendi esse lugar do aquilombamento né, de que tipo assim a gente tem que ter o nosso né, os nosso junto com a gente

né? e é isso do que é escroto falar isso mais do que adianta ser uma pessoa preta e eu só andar com pessoas brancas.

De que adianta eu falar sobre pautas sociais se meu ciclo social são só pessoas brancas?

Se eu não tenho referência nenhuma de amizade, referência nenhuma de até de autoridades, enfim é isso né referências da vida em tudo né de consumo.

Quando cheguei na escola que eu vou dar aula e vi que também tinha outro professor negro, eu já olhei assim já falei cara vai dar certo tá ligado tipo assim eu vou eu eu preciso ter uma conexão com professor aqui dentro da escola pra gente ajudar.

O que mais marcou no sentido racial é que uma mãe chegou em mim na primeira reunião de professores eu nem tinha duas semanas que eu tava na escola então não conhecia todos os alunos e a mãe chegou em mim na reunião de professores eu tava só cobrindo a outra professora e tipo assim tentando entender então não tinha muita opinião sobre os alunos. Ela chegou e: você conhece a minha filha Daniela?

eu falei “não eu cheguei tem duas semanas eu não conheço, mas pode falar um pouco sobre ela” a aluna estava afastada [...] e aí a mãe falou não é porque ela antes da pandemia ela sofreu muito racismo na escola e aí ela tem agora limitação que ela não consegue vir pra escola porque dá ataque de pânico. E a mãe uma senhorinha assim bem senhorinha retinta assim cara eu virei pra ela assim eu falei olha primeiro eu posso te dar um abraço e minha mãe eu dei um abraço e o irmão dela tava junto também assim o irmão dela do terceiro ano também. e eu falei para ela: “nas minhas aulas eu sempre busco né trazer essas referências né de pessoas pretas no que a gente tá estudando né e tudo mais pra gente se encontrar nesse lugar e pra gente trabalhar né esse lugar.

Quais foram os principais desafios encontrados durante a participação no projeto Solos Negros

Horários, pois, demandava muito da disponibilidade (O primeiro ano foi muito intenso pois não tínhamos noção do tamanho da coisa que a gente estava criando.

Pessoas - como pesquisadora de PIBIC e etc e diante de estresse eu ficava nesse lugar de mediação entre o diretor e o ator...

Quais mudanças você percebe na sua formação docente a partir da sua participação no projeto de extensão Solos Negros

A atenção a sempre procurar referências afro centradas no que eu estou fazendo nesse lugar de professora em tudo que eu estiver trabalhando. (Agora eu estou no lugar de aplicar a lei na escola.)

Se eu não tivesse passado pelo projeto eu não teria dado a devida importância que é esse lugar da Lei 10.639/2003

Como o projeto Solos Negros contribuiu para repertórios estéticos e pedagógicos.

Ter aprendido com as pessoas que estavam ali com a gente (Ivana - mestranda) Eu uso esse livro “Rotas de Sankofa” nas minhas aulas

Os autores das peças nas montagens dos participantes

ori okã antes do início das apresentações, colocar as mãos nos pés: “que seus pés aterrizem, que criem raízes nesse lugar.

Como é percebido a relação entre o projeto Solos Negros e a efetivação da lei 10.639/2003 e do parecer 003/2004 do conselho nacional de educação.

A falta dessa relação na universidade não justifica pois há professores com formações que comprovam que são mais do que capazes de conhecer sobre o parecer 003/2004 e aplicá-las dentro das suas práticas em sala de aula, que contribuam para uma formação docente eficaz e antirracista.

Nas cênicas é mais tranquilo de trabalhar essas questões de você achar referência, pois temos muitas referências, achamos que não, mas, temos muitas, inúmeras nas artes [...] ainda mais estando em uma universidade em que em sua maioria os estudantes são estudantes negros

A questão do racial a gente não resolve letrando pessoas pretas, isso precisa ser resolvido por pessoas brancas, pois são eles que realizam o racismo, então como as pessoas brancas se letrar sobre...

Como as disciplinas da universidade podem trabalhar a interdisciplinaridade das disciplinas. Não é porque minha matéria é sobre teatro do oprimido ou Augusto boal, que eu só vou falar deles. Porque não posso falar sobre referências pretas dentro do teatro do oprimido.

Qual legado deixado pelo projeto na formação docente da participante e para os próximos graduandos que vão adentrar nos próximos anos.

O conceito de Sankofa...

A ideia do projeto como aquilombamento (família, refúgio) Quilombo das cênicas da Universidade de Brasília.

Transcrição da entrevista nº E007

Entrevistada: Luiza Nugoli Tavares

Idade: Não informada

Gênero: Cisgênero Feminino

Local de entrevista: Chico Mendes UnB

Data de realização da entrevista: 07/10/2025

Forma de realização: Via whatsapp

Trajetória artística até adentrar o Solos Negros e a motivação da participação:

Desde criança com contato com as linguagens das artes, filha de atriz, produtora, cenografa e momulenguera. Cresceu nos teatros e pontos culturais de Brasília, optando por adentrar na UNB cursando artes cênicas. Sua participação se deu a convite do coordenador Jackson quando ela trabalhava no cometa cenas, como coordenadora de produção, o cometa é um festival de mostra dos resultados das disciplinas dos estudantes de artes cênicas da UNB, o cometa cenas estava tendo como coordenador Jackson a qual era coordenador do Solos negros, Jackson o convidou para estar na produção do cometa na primeira edição de 2023, sua motivação se deu a partir da própria proposta do projeto.

Experiencias ou atividades marcantes dentro do Solos Negros:

Os debates e rodas de conversas após as apresentações, instigadas pelo Jackson, esses momentos definidos por ela, faziam um “buum” na cabeça dela ao ver como eles pensaram durante o espetáculo e como eles verbalizaram após o espetáculo.

De que forma o projeto Solos Negros impactou em sua identidade étnica e na sua percepção sobre questões étnico raciais no campo das artes cênicas:

Cada história contada no Solos vem com uma percepção de mundo de realidade e cada história te faz pensar sobre o lugar que você ta inserido na sociedade, então falando como mulher branca ele vem de uma forma em que faz você pensar nos privilégios que você possui dentro a branquitude.

Me impactou nesse lugar, por entender os momentos históricos e de histórias que são invisibilizadas em sua maioria, estamos aí com 525 anos de apagamento, então tem como sair impactada neste lugar. E sobre as questões raciais no campo das artes cênicas, é muito nesse lugar da referência, o projeto ele vem pra mudar isso pois a partir do momento que a gente é ingressado num curso de artes ciências e uma das primeiras disciplinas (poéticas teatrais) se tratam de estudar textos e nessas referências desses textos só temos autores em sua grande maioria homens brancos europeus, então acredito nesse lugar de cada vez mais a gente precisa de um letramento para os professores, pois isso impacta na formação dos discentes de forma geral.

Desafios encontrados durante a participação no projeto de extensão Solos Negros:

Enquanto função na produção ela declara não ter tido nenhuma dificuldade ou desafio. Ela declara que como desafios de modo geral era quando as escolas eram questionadas sobre quem se autodeclara enquanto uma pessoa negra, como percepção se entendeu que os alunos da escola em sua maioria lidos enquanto pessoas negras não se viam nesse lugar, nisso Jackson falava olha essa falta de autoconhecimento se dá por conta do racismo estrutural presente. Então pra mim que sou uma pessoa branca que estava só observando já doi imagina pra quem vive.

Mudanças percebidas em sua formação docente a partir da participação no projeto Solos Negros:

No sentido de pôr ver ele funcionando na prática e trabalhar essa mesma temática com os estudantes na minha função de professora quando for atuar, aprendemos o que deve ser feito e o que de jeito nenhum deve ser feito e como trabalhar as relações étnico raciais para além do dia de novembro e sim durante todos os 365 dias do ano.

A partir dos trabalhos pedagógicos o que deve ou não ser feito porque às vezes a gente trabalha temas principalmente com crianças, de uma forma muito equivocada que só reforça o racismo, então muitos trabalham que não ajudam a entender a profundidade e fica muito superficial podendo distorcer. E de fato uma mudança que a gente precisa ter enquanto docente para vida, e as referências principalmente porque a gente tem um guia e lá dentro o guia era o Jackson então, não só o Jackson mas eu o menciono né porque ele foi o precursor desse projeto então ele me trouxe referências que eu não tinha visto durante o curso, então com certeza eu digo que teve uma mudança e principalmente nas referências

Repertórios estéticos e pedagógicos para formação de Nugoli:

Vou citar o principal que foi a história da Maria Felipa, durante o ensino médio não estudei, nem Maria Quitéria, batalha na ilha de Itaparica, nada. E é a história do nosso país, uma das principais histórias, em um contexto histórico que não devia estar nos livros de história, então foi importante pra mim saber dessa história e o mais engraçado, ao saber dela parecia que as coisas iam surgindo. Em junho de 2025 eu estava em Salvador, passei 37 dias trabalhando e eu andava muito na cidade atrás de adereços para confecção de figurinos dos espetáculo que estávamos produzindo e nessas andanças eu me deparei com uma parede pintada à Maria Quitéria que era uma das soldados de guerra daquela época, e eu me lembrei da Maria Felipa pois as histórias se complementam e eu fiquei tão feliz de ver e poder saber e de olhar para aquela parede e falar - eu conheço a sua história, todo seu contexto, eu conheço porque ela me foi contada e não foi só mais uma arte na rua que eu passei e não observei, eu fiquei olhando pra ela por um tempo pra depois continuar o caminho... e eu só pude entender tudo isso por conta dos espetáculos dos Solos Negros pelas referências que estar nesse projeto me trouxe

Como é percebido a relação entre o projeto e a efetivação da lei 10.639/2003 e do parecer 003/2004 do conselho nacional de educação na Universidade:

Ela tá no caminho, o projeto tenta fazer jus então aí está uma das relações, porém se for falar da efetivação o buraco é um pouco mais embaixo porque os docentes das escolas regulares eles podem e devem falar sobre para além dessa gama de novembro. Só que eu acho que os professores deveriam estudar essas temáticas dentro das universidades, com estudos de referências afro centradas e indígenas para que esses assuntos sejam falados dentro de todas as matérias de ensino básico e regular

Qual o legado do Solos Negros que Nugoli destaca em sua formação e para os outros estudantes da universidade de Brasília:

O legado está justamente em olhar e observar esse lugar para o estudante inserido nessa realidade e desenvolver com ele essas questões, principalmente ensino regular que é onde se forma muitas características daquele ser humano. Pois uma das coisas que aprendi no projeto é que as crianças e adolescentes são realmente desacreditadas de chegar lá, isso não dá mais pra aceitar a muito tempo, e para os outros estudantes do departamento esses estudos são necessários.

Apêndice E – Transcrição entrevista idealizador do projeto

Entrevistada: José Jackson Silva

Idade: Não informada

Gênero: Cisgênero Masculino

Local de entrevista: BT-16 Departamento de Artes Cênicas da UnB

Data de realização da entrevista: 02/10/2025

Forma de realização: Presencialmente

Como surgiu a ideia da criação do projeto Solos Negros nas Escolas e quais foram os objetivos iniciais

O projeto surge num contexto muito específico no departamento, que era um contexto de denúncia de racismo de uma professora para com uma aluna e, da repercussão caótica que tudo isso teve no departamento. Porque além da dessa denúncia outros professores obviamente brancos se manifestaram e cada manifestação deles e delas só se aprofundava ainda mais esse racismo estrutural mesmo dentro do departamento dentro da universidade né é um reflexo né é uma chaga de um mal muito enraizado na cultura brasileira mesmo enfim.

num contexto de muitas feridas expostas acho que essa é uma imagem muito boa do departamento e feridas milenárias que tem no departamento exatamente do racismo.

Esse racismo ele é desenhado assim como a gente fala preciso desenhar pra você entender: ele é desenhado para a gente entender claramente na TCC de Glau Soares de 2023 exatamente no escopo onde surge os solos negros nas escolas no qual ela faz um estudo no TCC dela analisando o PPC do curso e ela escancara esse racismo institucional. Glau Soares conclui que dos 22 livros que estão colocados na bibliografia do curso de licenciatura em Artes cênicas de 122 autores apenas dois são negros, então essa imagem completamente distorcida do que é o negro do que são os indígenas na nossa sociedade que não é refletido nas universidades, nas instituições públicas ficou muito evidente nesse momento.

Nasce também da minha responsabilidade social enquanto professor de uma instituição pública tão importante quanto é a universidade de Brasília quanto é qualquer universidade do país e a responsabilidade que eu peguei para mim enquanto possibilidade didática de fazer alguma coisa diante desse contexto completamente criminoso né em várias instâncias.

Além desse contexto macro tem um contexto um pouco menor que é o contexto das licenciaturas, que são sempre relegadas a um curso menor dentro das artes cênicas. Dentro do teatro existe o bacharelado ou os bacharelados, e isso não é um privilégio da universidade de Brasília, eu já passei por outras universidades e tem isso mesmo em outras também isso é identificado. Só que pra mim é uma contradição muito grande isso porque os alunos que estão sendo formados para serem professores de teatro eles precisam ter ferramentas para trabalhar teatro na sala de aula eles serão professores de teatro do ensino básico em geral né fundamental e médio e essa essa contradição do que é o curso de licenciatura o pouco valor para o custo de de licenciatura é como se eles fossem atores menores é como se eles fossem diretores menores é como se eles fossem cenógrafos, artistas menores do que os bacharéis isso pra mim nunca fez sentido, o trabalho na instituição é ter ter as aulas da didáticas em geral de aprender a ensinar mas, como é que você ensina a fazer teatro a fazer arte se você não tem contato com a linguagem?! você não é desafiado metodologicamente pra entender os fundamentos né dos códigos daquela linguagem que você vai ensinar daqui a pouco na nas escolas nas ONGs enfim na vida de um de um professor de uma professora licenciada em teatro.

A partir desse segundo contexto vem o terceiro contexto que é pensando nesse racismo institucional e a completa ausência de referências negras ou quase completa de referências negras no currículo da licenciatura, existe uma lei, a lei 10.634 de 2003 que em 2023 que é o primeiro ano do projeto completava 20 anos, que escancarava mais uma vez a invisibilidade a inação da universidade para as questões negras indígenas porque em 2023 surge a Lei 10.639 em 2008 essa lei é atualizada com a lei 11.645 de 2008 que obriga todos os centros de formação de professores a darem de forma transversal, ou seja, em todas todos os componentes curriculares a história dos povos africanos e afrobrasileiros e indígenas. Isso é legislação, isso não é um favor que ninguém tá pedindo isso não é uma possibilidade que os professores que os centros educacionais que as universidades em geral pode ou não cumprir, não, é lei e você tem que cumprir a lei, se não se está ilegal e deveria ter sanção contra isso mas enfim. Por ser uma questão de racismo onde quem detém o poder das narrativas institucionais são as pessoas brancas nada foi feito nesses 20 anos.

Então pegando esse contexto da do racismo endêmico do departamento e pegando o contexto da licenciatura que são artistas menores e, pegando o entendimento da invisibilidade da lei 10.639 e da Lei 11. 1645 surge o projeto Solos Negros com o intuito ou objetivo de fazer com que professores em formação estudantes da licenciatura tivessem contato com criações afro referenciadas ou negro referenciadas que eles tivessem a experiência de montar um espetáculo com essas referências com esses assuntos com essas poéticas a ideia é que os os professores em formação estudantes da licenciatura façam, experimentem, vivam aquilo que a gente vai chamar de teatro negro. A partir desse entendimento e aí vou abrir um parêntese aqui, a partir desse entendimento a gente não está excluindo as pessoas indígenas para nós no projeto solos Negros nunca foi uma dicotomia ah isso é indígena ah isso aqui é negro, pra gente sempre foi a gente tá criando um projeto em que ele não é branco, que ele não é euro referenciado. É um projeto que ele é negro referenciado, quem são os negros da terra?! são os indígenas e são as pessoas que vieram de África e seus descendentes. Para mim nunca houve contradição relacionada a isso, solos negros só pessoas negras não, o projeto é para pessoas negras e para pessoas indígenas. A partir daí Carlos o projeto se desenvolve e a gente vai tencionando esse lugar da educação, esse lugar da formação dos professores e esse letramento racial dentro da pedagogia do teatro para esse exercício de vir a se tornar professores dos professores dos estudantes da licenciatura.

Quais critérios que orientaram a escolha das práticas trabalhadas no projeto, os temas e as propostas de desenvolvimento.

O projeto começa das temáticas, o que que a gente quer trabalhar, quais são os princípios que vão nortear essas criações negro referenciadas. Nesse processo de estruturar o projeto eu me dei conta que existia um livro chamado dramaturgias negras que é um compêndio, um livro com várias peças monólogos e a partir dessas peças em formato monólogos nós estruturamos esses temas iniciais então, fizemos leituras os alunos as alunas leram juntos algumas dessas peças e eles selecionaram o que queriam falar, aquelas que mais tocaram eles e elas pra o desenvolvimento do espetáculo o que elas queriam dizer e o que é que os autores diziam e que elas poderiam se apropriar daquela dramaturgia pré-estabelecida para se organizar.

Nem todos os participantes encontraram uma peça que queriam encenar, é o caso por exemplo de Amanda Reis que não se apaixonou por nenhuma e falou: professor eu não quero fazer nenhuma delas eu quero pensar num processo em que eu fale de outras questões que não encontrei aqui nessas dramaturgias, então eu gostaria de ir para um outro lugar.

e aí é interessante a gente só pontuar que dentro dessa desses escopos de peças que foram selecionadas três delas estavam nesse compêndio que era: Vaga carne da Grace passô, que foi a

opção de montagem de Anaju Carvalho, o farinha com açúcar do Gê Oliveira que foi a escolha do Gabriel Matos e o Pequeno Príncipe preto que foi opção de Camille Lins pra pensar essa infância negra que aí no processo do solo dele se tornou o pequeno príncipe Negro e não um pequeno príncipe preto. Amanda Reis decidiu optar por outra viagem e ela vai começar a empreender uma viagem que é pensar as memórias das mulheres negras e dentro dessa desse pensamento né e da invisibilidade, do não protagonismo das mulheres negras nas narrativas históricas do Brasil e dessa irrelevância quase, que tem nas histórias oficiais ela vai em diálogo comigo sempre junto a todas e a gente vai encontrar uma figura que foi fundamental para independência da Bahia e do Brasil que é a Maria Felipa uma guerreira ali da do século XI que vai empreender uma saga no intuito de libertar os baianos, os brasileiros do poderio português na Ilha de Itaparica na Bahia. É nesse caminho que Amanda vai seguir que ela vai desenvolver um processo de criação pedagógico artístico diferente dos outros, justamente pela opção dela e não escolher uma dramaturgia fechada.

A partir da escolha da dramaturgia a gente começou a trabalhar inicialmente letramentos corporais, nesse processo a gente tinha uma pesquisadora no programa de pós-graduação em artes cênicas da UNB que era Ivana Mota, eu a convidei pois ela tinha pesquisas que eram similares a proposta do Solos Negros e ela podia contribuir muito no nosso projeto. Eu a convidei pra participar do projeto ela na mesma hora topou, que era justamente fazer esse letramento corporal a pesquisa dela se chama “Movências em rota de Sankofa” que é pensando esses corpos esses movimentos essas partituras corporais das culturas das danças negras ao longo da história da cosmovisão negra e ela vai desenvolver isso com os meninos e com as meninas. De início esse seria o curso natural que eu tinha pensado. Quando a gente começou a discutir o que era negritude, quando você se descobriu negro e em que momento a sociedade mostrou pra você que você é uma pessoa negra, ainda nos primeiros encontros a gente percebeu falando sobre a história dos povos negros dos movimentos políticos do Brasil e eu falei sobre Abdias Nascimento e era total desconhecido para eles quem era Abdias Nascimento. Ai tem um adendo, Gabriel Matos estava no último ano do curso dá licenciatura em artes cênicas sem saber quem Abdias Nascimento, e isso é um absurdo que revela o racismo institucional. Todo mundo em um departamento de artes cênicas ou de teatro sabe quem é Stanislavski, todo mundo sabe quem é Marina Abramovich, mas todo mundo desconhece quais são as referências negras, desconhece, apaga é uma epistemicídio, e veja a urgência é tudo pra ontem, a gente tem um atraso de pelo menos 20 anos pra começar a contar essa história. O projeto ele surge tão necessário tão intenso, ele é farto né, olha o projeto e fala: caramba os corpos dos atores incríveis o modo como eles contam as histórias, as histórias como são costuradas pra quem não tinha dramaturgia, o modo de cantar de dançar de estar em cena de se relacionar com o público é muito grande né é farto é fartura, o projeto ele é farto e tem tanta fartura porque ele vem sendo ao longo de 20 anos preso, completamente aprisionado dentro de uma estrutura que quando sai esse jorro incrível de criatividade de possibilidade didáticas pedagógicas, artísticas filosóficas.

A partir desse momento que a gente percebe que o Gabriel no último ano do curso não sabia desconhecia completamente quem era o Abdias, eu Redesenho a rota do projeto para oferecer ainda que rapidamente em 4 ou 5 aulas os marcadores e os referenciais disse que a gente vem chamando de teatro negro no Brasil, desde Abdias Nascimento, passando pela Mercedes Batista chegando no bando de teatro Olodum e a e as performances e grupos contemporâneos, pros alunos entenderem todo esse percurso histórico que ela existe ela tá aqui só tem o livro tal tem o artigo tal Abdias não é uma pessoa desconhecida foi deputado federal durante alguns anos foi deputado estadual no Rio de Janeiro.

Sempre após as apresentações públicas do projeto e nesse momento específico do primeiro do primeiro movimento digamos primeiro ato dos solos negros a gente abre a sala faz amostra dos processos até aquilo onde a gente tinha até aquele momento e convida a comunidade a opinar a falar a ver a comentar sobre, e aí nessa nesse encontro foi bem feliz nesse primeiro momento que a gente tinha três ou quatro ou cinco professoras do departamento assistindo esse

primeiro momento e a diretora do Instituto de Arte também a professora Fátima e após né as apresentações os debates foram muito apaixonados né por elas e reconhecendo a grandeza daquilo que está sendo construído isso.

apresentação aos professores do sócio educativo tensionando esse lugar da pedagogia, da criança sobretudo jovens negros meninos jovens negros que eles atendem e que são as vítimas da necropolítica né dessa política da morte todos os dias todos os dias no nosso país.

De que forma o projeto dialoga com a formação docente dos estudantes de licenciatura em artes cênicas da UnB

O projeto está completamente organizado, estruturado, pensado e desenvolvido a partir de uma fundamentação que a gente tem deduzidos desde a segunda metade do século XX ainda quando o Paulo Freire começa a pensar, tensionar, organizar, teorizar, divulgar as ideias dessa pedagogia da autonomia e essa pedagogia da emancipação, a gente tem que aprender a ensinar os nossos estudantes dar licenciatura a entender a lerem o mundo sobre o qual nós estamos, o mundo que é racista o mundo que é classista, um mundo que invisibiliza as pessoas negras e as pessoas indígenas, um mundo social essas estruturas que a gente chama de racismo institucional é exatamente essas estruturas todas que dizem o que vai ser considerado conteúdo ou não, o que vai ser considerado relevante ou não, que vai ser pautado enquanto material didático ou não, são essas estruturas e essas estruturas são feitas por pessoas elas não são uma entidade que vem do além e que diz como é que vai ser não, são pessoas igual eu você os professores do departamento de artes de cênicas da unb que se reúnem e dizem tal livro é relevante tal livro não é relevante tal autor é relevante tal autor não é relevante, e assim a gente estrutura o curso de teatro de artes cênicas aqui e qualquer outra universidade. Ao organizar o projeto a partir dessa pedagogia da autonomia e dessa pedagogia da emancipação. O que é emancipação? É se emancipar dessa estrutura racista dessa estrutura classista, dessa estrutura da morte, da invisibilidade do apagamento então o projeto na sua estrutura ele é pensado, estruturado e desenvolvido a partir dessa pedagogia.

O papel do projeto na efetivação da lei 10.639/2003 e o do parecer 03/2004 CNE (Conselho nacional da Educação)

O projeto como eu já adiantei anteriormente ele está pautado nas demandas da lei 10.639 que obviamente a lei 11.645, mas neste momento para a gente, nesse ato um dos Solos, era importante escancarar, mostrar essa invisibilidade do racismo institucional dentro do departamento de artes cênicas da UnB, O que o departamento fez nos últimos 20 anos, porque a legislação ela é muito explícita: a gente tem que dar conteúdos afro referenciados em todos os componentes curriculares. A estratégia criada pelo o departamento da UnB para suprir essa demanda foi criar uma disciplina optativa se você quiser você faz pra atender essa demanda, só que não é isso que a lei diz, a lei diz que tem que falar sobre em todas as disciplinas de maneira transversal escolar, essa reivindicação e aí pegando resolução, a resolução vai dizer que a lei tem essa brecha de que as escolas é que tem que dar os conteúdos, os professores da escola têm que dar esses conteúdos afro referenciados e não fala nada sobre a universidade, aí a resolução de 2004 de janeiro de 2004 vai dizer que todos os centros de formação de professores têm que atender à lei. As universidades os cursos de licenciatura, então um dos tripés do projeto é justamente atender integralmente a Lei 10.639 na sua metodologia, na sua partilha com a sociedade, nosso interesse é a escola nosso interesse inicial é apresentar os espetáculos nas escolas públicas do DF justamente com o intuito de fazer com que esses conteúdos sirvam sejam abordados também nas escolas e que não seja somente no mês da Consciência negra no dia 20 de novembro não, que ele seja estruturado e pensado o ano inteiro como tem que ser.

O projeto efetiva no nosso entendimento completamente os demandas da lei 10.639 as temáticas trabalhadas são todas afroreferenciadas, a partir do entendimento que a gente entende é o território brasileiro nessa composição dos territórios negros e indígenas a gente começa a olhar para o mundo social o qual nós estamos e enxergar essa invisibilidade dos povos negros e dos povos indígenas e aí a nossa função, a nossa tarefa e a nossa vontade é de colocar luz é de dar palco, é dar protagonismo pra que essas narrativas negras e indígenas esteja completamente dentro da organização do curso de Artes cênicas da universidade de Brasília.

Se os professores negros não olharem não quiserem o projeto acaba, e aí nós entendemos que o projeto deve ser institucionalizado no departamento a exemplo do Cometa Cenas (Mostra de resultados de disciplinas do departamento de artes cênicas da universidade de Brasília), independente de quem esteja na coordenação o projeto vai acontecer... deixa de ser um projeto pessoal do professor A, B ou C e passa a ser um projeto institucional e aí a responsabilidade passa a ser coletiva, passa a ser do departamento e não do professor proponente.

Quais mudanças ou impactos percebidos nos estudantes participantes do projeto 2023 e 2024 e quais principais desafios enfrentados na continuação e manutenção do projeto

Sobre os alunos é visível o arco de desenvolvimento artístico e pedagógico deles negro referenciadas após a passagem do projeto, após fazer parte do projeto.

Nos dois anos nós tivemos cinco estudantes da licenciatura mais uma estudante da pós e um professor que o professor Érico José que também desenvolveu um trabalho conosco, um solo também que, ele é um professor de outra geração um professor mais velho que tem outras questões também na composição social dele mas, que se colocou em exercício de ok eu penso sobre isso eu estudo sobre isso eu teorizo sobre isso mas, eu pratico muito pouco sobre isso, então eu acredito que para o professor Érico professor pesquisador tão importante e referencial pra área como ele é hoje em dia ter tido esse exercício cênico de desenvolver um trabalho com as mitologias, com as narrativas, com a memória dos povos negros, deve ter tido um impacto bem interessante. O que é interessante nisso é que o projeto não fica restrito somente ao ambiente escolar, a nossa ideia é que os alunos tenham uma plataforma para trabalhar depois se quiserem.

Gabriel Matos formou, Déborah Souza já formou estão nas escolas, as meninas tão fazendo vários trabalhos com produção cultural, Amanda Reis, AnnaJu... que também dentro dessa desse escopo do projeto no ano de 2024 eu convidei Amanda e a Annaju, os quatro na verdade do primeiro ano pra continuarem no projeto e a gente olhar para o projeto enquanto o produto cultural um produto artístico que possa ser patrocinado que possa ser financiado que possa concorrer a editais que possa participar de festivais. E a gente fez oficinas de produção cultural pra eles e elas aprenderem como é que transforma aquele espetáculo num produto para concorrer a editais. E sobre a continuidade do projeto, existe o risco da descontinuidade pela personalização do coordenador da coordenadora que se o professor não puder não quiser, estiver exausto como estive nos últimos dois anos o ano passado, então acho que um desafio é não manter um projeto enquanto atividade somente do professor da professora, o desafio da continuação do projeto é como é que a gente o institucionaliza para que ele seja um projeto contínuo e permanente do departamento.

Como o projeto contribui para a inserção de perspectivas afro-referenciadas e indígenas decoloniais no currículo da graduação em artes cênicas da Universidade de Brasília.

É importante a gente entender que a decolonialidade enquanto temática conceitual, existem vários estudos sobre isso, mas, o professor Érico José por exemplo escancara esse entendimento ao dizer que, e conceituar isso que, ser decolonial pode ser decolonial não quer dizer muita coisa para o contexto brasileiro na qual nós estamos inseridos.

Para uma atividade, um trabalho artístico, um trabalho teórico, uma análise descritiva ser considerada num contexto social brasileiro enquanto uma prática decolonial ela precisa encarar o racismo, o racismo ele é estrutural e estruturante da sociedade brasileira.

Esse escancarar, encarar e escancarar o racismo institucional no Brasil e nas instituições do Brasil e especificamente no Departamento de Artes Cênicas foi o que nós fizemos com o projeto e as ações paralelas ao projeto também, nesse escopo na fundação do projeto quem estava na universidade: eu, o professor Érico José, efetivamente com professores afetivos e como professor efetivo tinha eu, professor Érico tensionando esse lugar.

Érico enquanto um professor titular do departamento que pesquisa, ele escreve uma tese falando justamente sobre o racismo institucional dentro dos cursos de artes cênicas do país, então no escopo do projeto vai ter essa pesquisa do Érico reverberando vai ter as ações do projeto. Esses impactos no currículo ele vai ser notado nessa tensão que o projeto escancara: cadê as referências negras? olha a potencialidade dos meninos das meninas em cena! olha os diálogos com as escolas, olha as trocas com os professores já formados né que atendem os meninos do socioeducativo, e cadê as referências? a gente olha a dissertação do TCC de Glau Soares escancarando completamente essa invisibilidade e a pesquisa de Érico, foi esse tripé pra que a gente fizesse uma mudança estrutural no PPC da licenciatura.

Já estamos tramitando fazer o óbvio, colocar referências negras e referências indígenas em todas as disciplinas do curso de artes cênicas em todas não é só na licenciatura em todas as disciplinas do curso de artes cênicas. esse documento que a Glau Soares preparou no TCC dela e olhar o que vai ser aprovado a gente vai ter um recorte muito diferente do que esse curso ainda não é o ideal o ideal é que a gente tenha igualdade né nas no quadro de professores nas referências biográficas, mas, vai ser um avanço gigantesco.

Como é avaliado a receptividade da comunidade acadêmica em relação aos solos negros

A comunidade acadêmica é formada pelos estudantes, pelos técnicos e pelos professores. Nessas três instâncias acho que o projeto foi muito bem recebido, e muito querido assim sabe? como lugar de necessidade realmente a gente precisava disso é legal ver todas essas movimentações, estruturas, diálogos com a escola, diálogos com os professores de fora da universidade, em geral eu vejo isso.

O projeto é bem recebido pelos alunos isso é inegável quando os alunos negros veem o projeto solos negros, você é um exemplo disso: está fazendo seu TCC sobre isso é porque teve algum impacto na sua vida. Acho que esse impacto que teve na sua vida enquanto espectador do projeto, pessoa que viu o projeto acontecer, tem esse lugar pertencimento ainda que não faça parte do projeto, acho que esse lugar da representatividade, só que mais do que a representatividade ou a representação o que interessa e que eu olho com muito cuidado é esse lugar do eu também posso, eu também posso criar um solo um monólogo, eu também posso ser protagonista, eu também posso questionar, eu também posso desenvolver um projeto outro em outra instância a partir desses princípios, eu também posso, a possibilidade do eu também posso para vocês alunos eu acho que é muito muito cara. Enxergar o projeto ver as cenas verem os diálogos nas escolas ou em outros centros educacionais artísticos isso acho que é o que marca bem assim pra mim o projeto.

Para os colegas da universidade professores que são mais próximos a mim professor Graça, Kênia Dias, Luciana Hartmann, professores brancos, professora Fabiana Lazzari, professora Fabiana Marrone que são professores brancos não são os negros. Os negros tão juntos os que estão juntos estão juntos os que não estão juntos é porque não se afinaram e acham que algum modo não se

afinaram e não acharam que podia chegar perto do projeto e tá tudo bem. Ter essa valoração esse reconhecimento na verdade dos colegas é exatamente entender a necessidade do projeto dentro da instituição ou de projetos como solos negros dentro da instituição.

Um projeto com muita fartura, múltiplas perspectivas para o ensino do teatro dentro da universidade, várias possibilidades de pesquisa para a universidade, várias possibilidades de narrativas sobre a universidade, em geral a gente fala que a universidade é racista né mas a gente tem que lembrar que a a universidade ela é feita de pessoas então, as pessoas é que são racistas as pessoas é que são misóginas, as pessoas é que visibilizam as pessoas indígenas as pessoas negras então, são as pessoas que precisam mudar. Então essa perspectiva da mudança eu acho que a reivindicação que o projeto traz dessa mudança dessa visibilidade desse protagonismo eu acho que marca o entendimento também de alguns professores que estão interessados também nessa narrativa sobre o povo brasileiro real e oficial.

E no âmbito institucional da universidade o projeto foi reconhecido em 2023 com menção honrosa no prêmio de inovação do ensino da graduação da universidade de Brasília e em 2024 nós ganhamos o prêmio esse mesmo prêmio de inovação do ensino, na primeira vez uma menção honrosa e no ano de 2024 a gente ganhou o prêmio de inovação do ensino de graduação da Universidade de Brasília, na categoria que eu acho que é fundamental para o ensino da universidade que é na categoria de ensino integração ensino pesquisa e extensão.

É interessante a gente entender que os solos negros ele inicialmente surge como um projeto de extensão universitária na qual o objetivo é dialogar com a comunidade, rapidamente ele foi entendido por nós na coordenação e os professores, que o projeto era muito mais do que o projeto de extensão ele é plataforma de pesquisa, ele é um laboratório de pesquisas de dramaturgias negras e indígenas, ele é um laboratório de perspectivas da encenação negro referenciada, ele oferece ferramentas para o ensino do teatro. Então essas três dimensões do ensino da pesquisa e da extensão ele está completamente integrado no nosso entendimento hoje do que é o projeto Solos Negros, ele não é apenas um projeto de extensão ele é também um projeto de extensão ele é um projeto de pesquisa e ele é um laboratório de ensino sobre teatro negro no departamento.

Qual a importância na visão do professor coordenador do projeto Solos Negros nos anos de 2023 e 2024, de iniciativas extensionistas como o Solos Negros para a formação crítica e antirracista dos docentes em formação e quais perspectivas ou caminhos visíveis para o futuro do projeto Solos Negros

Existe uma lei que diz que a universidade tem que, e a universidade tem que. Ao agente oferecer a sociedade na formação de professores esse diálogo entre universidade e comunidade, a gente está efetivando os princípios norteadores de um curso de formação de professores da instituição.

Então a importância é de fazer cumprir a lei que a lei tem os seus os seus objetivos muito explícitos, muito transparente, mas, esse diálogo que a gente não pode perder que a universidade tem que cada vez mais conversar, que é com a sociedade brasileira que é preta que é indígena, ela não é branca ela não é europeia. Os nossos atravessamento sociais que nos descrevem enquanto sociedade quanto povo, ela é preta e ela é indígena, não dá para a gente aprender valores na universidade que não correspondem a sociedade sobre a qual a gente está inserido.

Então é importante iniciativas como o projeto Solos Negros nessa perspectiva multirracial, nessa perspectiva antirracista justamente pra reconhecer os valores que o nosso povo tem e que a universidade precisa olhar, os professores da universidade precisam olhar e trabalhar sobre eles porque o risco disso que é o que a gente vê constantemente é os professores brasileiros brasileiras trabalharem na universidade Brasileira com salários brasileiros com estruturas brasileiras com

ausências de estruturas brasileiras e ficar pensando projetos, pesquisas, laboratórios, análises sobre uma perspectiva europeia não faz sentido.

A importância de projetos como esse dentro da universidade e sobretudo para formação de professores é exatamente conectar a nossa cabeça, nossos referenciais, nossos desejos ao chão que a gente pisa. E sobre as perspectivas pro projeto, meu desejo é que ele vai ser conectado entre outras universidades, ele não vai ser uma iniciativa somente na Universidade de Brasília, ele vai conversar daqui a pouco a dialogar com a universidade do Rio Grande do Sul, com a Universidade do Amapá, na Bahia, em Sergipe, em Santa Catarina etc. Qualquer outra universidade do país na qual a gente viabilize essa metodologia, essa tecnologia de formação de professores para outras territorialidades do Brasil porque a gente partilha de culturas muito comuns né nossos males nossas alegrias são comuns então, a gente precisa encontrar saídas também que sejam comuns.

Se o projeto se apresentou até então como uma potencialidade de futuros para os povos negros e os povos indígenas dentro da universidade interessante então que essa tecnologia seja replicada em outros territórios do país.

